

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**  
**INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**



**DE PONTO EM PONTO: HISTÓRIAS DE ENVELHECIMENTO ATIVO QUE  
ENCANTAM**

**Lívia da Cruz**

**MESTRADO EM EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO**

**Área de Especialidade em Desenvolvimento Social e Cultural**

**Dissertação Orientada pela Professora Doutora Carolina Fernandes de Carvalho**

**2021**

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**  
**INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**



**De Ponto em Ponto: Histórias de Envelhecimento Ativo que Encantam**

**Lívia da Cruz**

**Dissertação para a obtenção do Grau de Mestre em Educação e Formação**

**Desenvolvimento Social e Cultural**

**Orientadora: Professora Doutora Carolina Fernandes de Carvalho**

**2021**

## **DEDICATÓRIA**

Dedico às minhas avós Belinha (Zizinha) e Lila (*in memoriam*), que com suas histórias ensinaram sobre as alegrias e desafios da vida, e com seus pães, dividiram o alimento para a alma.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço pela fé que em suas diferentes formas de expressão, permite que cada dia da vida seja iluminado.

A minha orientadora professora Doutora Carolina Fernandes de Carvalho, que com paciência, sabedoria e acolhida, se dispôs a acompanhar esse momento de aprendizados e desafios.

A professora Doutora Ana Paula Caetano, que no papel de coordenadora do curso, sempre recebeu com muita atenção as mensagens enviadas onde manifestei o interesse em participar desse programa de mestrado e pelos incentivos e aprendizados decorrentes.

As professoras Doutoradas Carmen Cavaco e Isabel Freire, por dividirem experiências, saberes e acolherem as diferenças.

A todas as colegas, o colega e professores(as) do curso, que entre uma aula e outra, contribuíram para que os aprendizados fossem além do uso de novas tecnologias e do contato com a interculturalidade.

A Maria Inez, por mostrar que o conto das nossas vidas somos nós que narramos. A Veronica (Vê) e a Verônica (Mana), pela amizade e companhia para além do espaço acadêmico.

Aos espaços onde tive a oportunidade de encontrar pessoas que despertaram o interesse em querer saber um pouco mais sobre a vida depois dos 60 anos de idade, e motivaram a realização dessa dissertação. Continuem a sorrir e a encantar!

As pessoas e aos espaços que doaram um pouco do seu tempo, compartilharam suas histórias, e permitiram que essa investigação se concretizasse, mesmo em meio a um período de alerta e receios do bem estar pessoal e social. Muito agradecida!

Aos amigos e as amigas do Brasil e de Portugal, com a acolhida e o apoio de vocês, cada qual do seu jeito, foi possível seguir em frente e tornar essa etapa da vida real.

A todos e a todas familiares, por acompanharem essa caminhada.

Ao João Miguel e ao nosso cão Luffy, que entre os dias de calma e outros de estranhamento, nos aventuramos no amor.

Por muito escutamos que a maior riqueza que se pode deixar para um(a) filho(a), é a educação, pois, dentre tantos aprendizados, conforto, segurança, amor, acredito que minha mãe Elizabete e meu pai Flávio a muito vem a acompanhar a riqueza da educação que proporcionaram. Agradecida por tudo!

Doce é a vida quando dividida com irmãos/irmãs. Rubem, Caroline e Maíra, agradeço por existirem. Cada qual com o seu estilo, a sua luz e a sua graça.

Leve é a vida quando agraciada pelo sorriso e o abraço de uma criança. Beatriz (a Miuda), sobrinha, afilhada e minha amiga nas aventuras pelo mundo da imaginação. Que presente!

## EPÍGRAFE

### Envelhecer é...<sup>1</sup>

O que é Envelhecer?  
Tem muitas maneiras...  
Uns acham que por estar idoso  
Não tem direito a mais nada.  
Na minha opinião a vida continua.  
Será que por estar com mais idade,  
Não posso me divertir?  
Fazer novas amizades, posso sim.  
A medida que vamos fazendo novos amigos,  
Vamos nos libertando das amarras do Passado,  
Brincamos mais,  
Conversamos mais e  
Fazemos piadas, contamos histórias, entre outras coisas.  
Enfim, envelhecer é  
Se renovar na vida e no amor.  
No amor sim, temos todo o direito de sermos felizes em  
qualquer idade.

Maria de Lourdes Silveira

---

<sup>1</sup> In **Mosaico de Palavras**. Antologia dos Trabalhos da 2ª Oficina de Escrita para Idosos Sesc Prainha/ Florianópolis – SC. 2019/2. pp.102-103.

## Resumo

A representatividade populacional das pessoas idosas no desenvolvimento global, tem despertado a atenção das sociedades. No Brasil, as pessoas com 60 anos de idade a mais representam 15% da população, e em Portugal as pessoas com 65 anos de idade a mais representam 22% da população, aproximadamente. A evidência do aumento populacional do número de pessoas idosas, despertou o interesse para o desenvolvimento da presente investigação, a qual tem como objetivo principal, identificar e caracterizar dinâmicas de educação não formal em projetos de intervenção social relacionados com as vivências do envelhecimento ativo. O processo de desenvolvimento da presente investigação contou com a participação de 12 pessoas, que residem em cidades brasileiras e portuguesas, das quais oito foram identificadas como pessoas idosas (faixa etária dos 62 aos 80 anos), sendo cinco mulheres e três homens, e as outras quatro foram identificadas como pessoas não idosas (faixa etária dos 37 aos 65 anos), sendo duas mulheres e dois homens. Com o enquadramento metodológico qualitativo e a abordagem de estudo de caso, utilizou-se como instrumentos de recolha de dados os registos documentais, a caracterização sociodemográfica, a entrevista semiestruturada, e a observação. A recolha de dados decorreu entre os meses de dezembro de 2019, e de janeiro a maio de 2020, o que, devido ao período pandêmico do COVID-19, demandou algumas adaptações, a considerar o uso de recursos tecnológicos e de aplicativos, a exemplo do telefone celular, do *WhatsApp*, do *Skype*, do *Facebook*. Em relação ao processo de análise de dados, partiu-se de uma categorização por unidades de semelhança ou sentido. Os resultados obtidos, com relação as pessoas idosas, permitiram perceber que as relações interpessoais e as relações intergeracionais contribuem para o desenvolvimento social da pessoa idosa, como também, o reconhecimento do protagonismo social e a valorização das histórias de vida refletem nas vivências do envelhecimento ativo. Já em relação as pessoas não idosas, possibilitaram avaliar a eficácia das estratégias de educação não formal na promoção do envelhecimento ativo, a considerar as práticas educativas que enaltecem os saberes primários das pessoas idosas. A presente investigação tem como implicação a chamada de atenção para a potencialização do investimento em projetos de intervenção social comprometidos com a promoção do envelhecimento ativo, como também, da importância em propagar o bem estar e o empoderamento das pessoas idosas.

**Palavras-chave:** pessoa idosa, envelhecimento ativo, relações intergeracionais, educação não formal, histórias de vida.

## **Abstract**

The population representativeness of elderly people in global development has attracted the attention of societies. In Brazil, people over 60 years old represent 15% of the population, and in Portugal people over 65 years old represent approximately 22% of the population. The evidence of the population increases in the number of elderly people, aroused the interest for the development of the present investigation, which has as main objective, to identify and characterize the dynamics of non-formal education in social intervention projects related to the experiences of active aging. The development process of this investigation involved the participation of 12 people, who live in Brazilian and Portuguese cities, of which eight were identified as elderly people (age range 62 to 80 years), five women and three men, and the another four were identified as non-elderly people (age group 37 to 65 years old), two women and two men. With the qualitative methodological framework and the case study approach, documentary records, sociodemographic characterization, semi-structured interviews, and observation were used as instruments of data collection. Data collection took place between the months of December 2019, and from January to May 2020, which, due to the pandemic period of COVID-19, demanded some adaptations, to consider the use of technological resources and applications, for example cell phone, WhatsApp, Skype, Facebook. In relation to the data analysis process, we started with a categorization by units of similarity or meaning. The results obtained, in relation to the elderly, allowed us to realize that interpersonal relationships and intergenerational relationships contribute to the social development of the elderly person, as well as the recognition of social protagonist and the appreciation of life stories reflect on the experiences of active aging. In relation to non-elderly people, they made it possible to assess the effectiveness of non-formal education strategies in promoting active aging, considering educational practices that enhance the primary knowledge of elderly people. The present investigation has the implication of calling attention to enhancing investment in social intervention projects committed to the promotion of active aging, as well as the importance of spreading the well-being and empowerment of the elderly.

**Keywords:** elderly, active aging, intergenerational relations, non-formal education, life stories.



## Índice

<b>Introdução .....</b>	<b>1</b>
<b>Capítulo I - Enquadramento teórico .....</b>	<b>10</b>
1.1 Contextualização sobre a pessoa idosa .....	10
1.2 Envelhecimento ativo .....	18
1.3 Histórias de vida .....	25
1.4 Relações intergeracionais .....	30
1.4.1 As relações intergeracionais e a educação não formal .....	34
<b>Capítulo II - Estudo empírico .....</b>	<b>39</b>
2.1 Desenho da investigação .....	39
2.2 Opção metodológica .....	44
2.3 Participantes .....	46
2.4 Métodos e instrumentos .....	48
2.5 Procedimentos .....	49
<b>Capítulo III - Apresentação e discussão dos resultados .....</b>	<b>53</b>
3.1 Identificar características sociodemográficas das pessoas que frequentam e atuam no projeto .....	57
3.2 Compreender o contributo das relações interpessoais e intergeracionais presentes no projeto para o desenvolvimento social da pessoa idosa .....	66
3.3 Avaliar as estratégias de educação não formal eficazes que promovem práticas de envelhecimento ativo e minimizam os riscos de exclusão social das pessoas idosas .....	93
<b>Considerações finais .....</b>	<b>115</b>
<b>Referências bibliográficas .....</b>	<b>124</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>134</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>148</b>

## Índice de Ilustrações

Figura 1. Gráfico de representação da população idosa no Brasil (índices de 2019) .....	4
Figura 2. Gráfico de representação da população idosa em Portugal (índices de 2019) ...	4
Figura 3. Gráfico de representação da população idosa – homens e mulheres – Brasil e Portugal .....	17
Figura 4. Infográfico – Envelhecimento e saúde .....	22
Figura 5. Identificação das principais motivações apontadas pelas pessoas idosas .....	70
Figura 6. Sinalização da pessoa idosa .....	84
Figura 7. Identificação do empoderamento e protagonismo social pelas pessoas idosas .....	120
Figura 8. Identificação do empoderamento e protagonismo social pelas pessoas não idosas .....	121
Tabela 1 – Cenário A e Cenário B – Delimitação das Diferenças .....	40
Tabela 2 – Cronograma da Recolha de Dados .....	55
Tabela 3 – Características Sociodemográficas das Pessoas Idosas Entrevistadas .....	58
Tabela 4 – Características Socio Demográficas das Pessoas Não Idosas Entrevistadas ..	62
Tabela 5 – Relação: Instituição e a Pessoa Entrevistada .....	65

## Introdução

*“Envelhecer é... Novas descobertas, novos conhecimentos. O tempo biológico muitas vezes nos assusta, mas o tempo-tempo é fantástico. Vamos viver o tempo.” – Resilamar Machado*

O presente trabalho está pautado no desenvolvimento de atividades sociais atentas a pessoa idosa, onde essas venham contribuir para a promoção do envelhecimento ativo, como também do relacionamento intergeracional. “O diálogo e a solidariedade geracional têm padrões diferenciados em diversos contextos e grupos sociais distintos, dada a própria complexidade das relações intergeracionais, que advém das transformações da e na sociedade” (Cabral & Macuch, 2017, p.61).

A atenção a pessoa idosa vem refletir sobre a ampliação da representatividade populacional das pessoas com 60 anos de idade a mais no Brasil, e de 65 anos de idade a mais em Portugal, como também em demais países, no contexto mundial. Segundo a Organização Mundial da Saúde (World Health Organization) (WHO):

Em todo o mundo, a proporção de pessoas com 60 anos ou mais está crescendo mais rapidamente que a de qualquer outra faixa etária. Entre 1970 e 2025, espera-se um crescimento de 223%, ou em torno de 694 milhões, no número de pessoas mais velhas. Em 2025, existirá um total de aproximadamente 1,2 bilhões de pessoas com mais de 60 anos. Até 2050 haverá dois bilhões, sendo 80% nos países em desenvolvimento. (WHO, 2005, p.8)

Com a significativa incidência das pessoas idosas nos diversos ambientes onde as relações sociais são estabelecidas, se tem a oferta de serviços variados atentos as demandas e necessidades das pessoas idosas, e foi com base em um desses serviços que se iniciou o contato da investigadora com essa temática. Enquanto estagiária do curso de graduação em pedagogia, surgiu a oportunidade de ingressar em uma instituição onde eram promovidas atividades com foco nas pessoas com mais de 60 anos de idade.

Dentre as atividades ofertadas haviam os grupos de canto, de dança circular, como também de conversas sobre as descobertas e os desafios relacionados a fase idosa da vida, conversas essas que possibilitaram o estabelecimento de vínculos e o contato da investigadora com as histórias de vida compartilhadas pelas pessoas idosas participantes. Com base nessa experiência constitui-se o interesse da investigadora em aprofundar o contato com as pessoas que coordenam os projetos de intervenção social focadas nas pessoas idosas, como também em resgatar as vivências das pessoas idosas, e assim contribuir para o desenvolvimento do protagonismo social dessas pessoas, além de possibilitar o compartilhamento de ideias e experiências sobre os variados eventos sociais, culturais, políticos, onde as divergências viessem a surgir, e os aprendizados e o respeito mútuos continuassem a alimentar esses encontros intergeracionais.

A presente investigação tem como foco o envelhecimento ativo caracterizado pelas ações que fundamentam o reconhecimento dos projetos de intervenção social onde, segundo Vieira e Vieira (2019), a intervenção social sinaliza a preocupação “com a mudança, transformação, educação e autonomização dos sujeitos e comunidades intervencionadas” (p.369), e a compreensão sobre o contributo dessas ações para o desenvolvimento social da pessoa idosa. Deste modo, a questão orientadora da pesquisa é: Como um projeto de intervenção social empodera os idosos e contribui para um envelhecimento ativo?

Do ponto de vista teórico procura-se abordar alguns elementos que possam ser estruturantes para a construção da problemática e, posteriormente apoiar a análise dos dados empíricos. Deste modo, serão apresentados elementos teóricos que funcionam como pressupostos orientadores atendendo ao objeto de estudo, a pessoa idosa (Martins, 2015; Massi et al., 2018; OMS, 2015; Schneider & Irigaray, 2008; WHO, 2005). Assim, parece importante considerar as fases do desenvolvimento humano, em que cada uma, de modo geral, corresponde a conquistas de um número expressivo de aprendizagens. Em cada uma dessas fases a partilha de aprendizagens permite que seja estabelecido o encontro de interesses, ou mesmo a compreensão sobre as especificidades vivenciadas por cada sujeito. Neste trabalho, as relações sociais são consideradas numa diversidade de elementos, que se entrecruzam com múltiplas dimensões – físicas, históricas, biológicas, sociais, cognitivas, econômicas, políticas (Rego, 1999).

A considerar o desenvolvimento da pessoa idosa, pode-se acompanhar o processo de aprender a lidar com alguns aspectos transitórios, os quais representam as transformações de ordem física, relacionadas aos “défices funcionais”, de organização das ideias, ou mesmo de

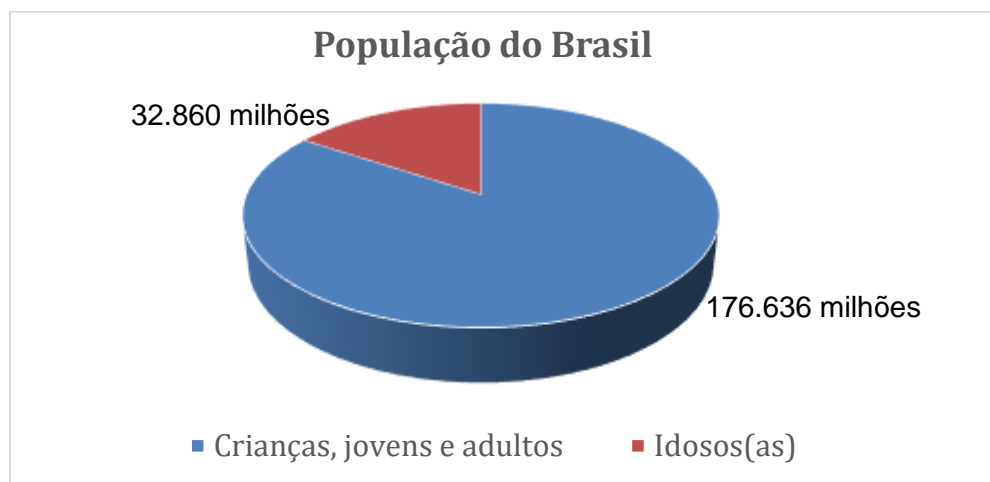
disposição para realizar uma ou mais tarefas cotidianas, como também de adaptação às transformações de ordem biológica, e que de modo geral refletem na “procura de formas de otimização (...) [das] limitações reais” (Lima, 2013, p.18). Nesse processo de transformação, também se identifica a fragilidade das percepções externas por parte dos sujeitos mais jovens, ao acreditarem que a pessoa idosa precisa realizar o mínimo de atividades, ou de que a pessoa idosa perdeu a capacidade de realizar escolhas, ou mesmo que voltou a ser criança (Cabral et al., 2013).

Estas e outras impressões podem contribuir para que seja ampliada a discriminação social frente a pessoa idosa, a exemplo do idadismo que, de acordo com Lima (2010), remete “as crenças e estereótipos sobre o envelhecimento designados por alguns autores como *ageism* (discriminação etária, ancionismo ou idadismo)” (p.23). Cabral e Macuch (2017) também destacam que, “O termo idadismo pode ser definido de forma breve, como o preconceito e a discriminação perante pessoas idosas ou, de uma forma mais abrangente, como o preconceito e discriminação em relação a qualquer grupo etário” (p.64).

Contudo, a pessoa idosa também é percebida como uma fonte viva de informações e de saberes, sendo depositária de elementos muito importantes para a construção da memória coletiva e da história social. Para além dessas percepções, também é possível identificar o investimento em atividades e prestações de serviços que reforçam a vitalidade desses sujeitos, e com respeito as especificidades dessa fase da vida, a exemplo da Universidade Aberta à Maturidade (UAMA - Brasil) (Mangueira & Santiago, 2019), que representa uma, dentre outras instituições universitárias, que dispõe da oferta de cursos atentos às pessoas idosas, onde o acesso aos conhecimentos diversos contemplam diferentes áreas, seja em atenção a educação formal ou a educação não formal, como também do grupo “De bem com a vida” (Previato et al., 2019), grupo esse que representa um dentre outros grupos de convivência com foco na Atenção Primária à Saúde.

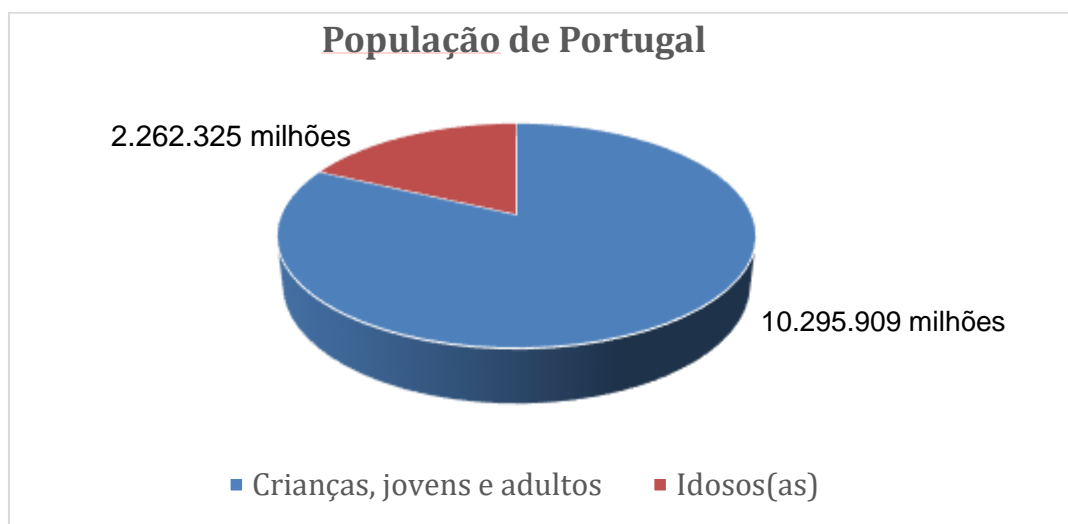
A considerar os índices significativos do crescimento do número da população idosa no Brasil e em Portugal, é pertinente o investimento em ações focadas nesse público. Segundo Perissé e Marli (2019), ao ter como referência a indicação de que a pessoa idosa tem de 60 anos a mais, “o Brasil tem mais de 28 milhões de pessoas nessa faixa etária, número que representa 13% da população do país. E esse percentual tende a dobrar nas próximas décadas” (p.20). Esse número já apresentou alterações, ao se ter o registro dos índices de 2019 (atualizados em 06/05/2020), de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), gerida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e

Estatística (IBGE), onde, as pessoas idosas correspondem a um pouco mais de 32 milhões da população, vindo assim a representar 15,7% da população brasileira (IBGE, 2020), de acordo com a Figura 1.



*Figura 1.* Gráfico de representação da população idosa no Brasil (índices de 2019).

De acordo com a Base de Dados Portugal Contemporâneo (Pordata, 2019), a estimativa anual da população idosa (com 65 anos ou mais) residente em Portugal, a considerar os dados de 2017, corresponde a 2.194.959 pessoas, o que corresponde a 21,3% da população portuguesa. A representação desses índices, segundo o Instituto Nacional de Estatística (INE) e a Pordata, a considerar o ano de 2019 (dados atualizados entre junho e agosto de 2020), a população idosa corresponde a quase 22% da população portuguesa, que é indicada por 10.295.909 pessoas (INE, 2020; Pordata, 2020), de acordo com a Figura 2.



*Figura 2.* Gráfico de representação da população idosa em Portugal (índices de 2019).

Esses índices vêm a reforçar a relevância do estudo desta temática no contexto brasileiro, português, e mesmo mundial.

Mas, em meio ao registro de dados tão significativos, é pertinente registrar as inquietações vivenciadas na sociedade atual, em virtude da doença infecciosa COVID-19, a qual é causada pelo vírus coronavírus, e apresenta como principais sintomas a febre, a fadiga e a tosse seca (WHO, 2020).

Esse novo vírus e a doença que ele causa eram desconhecidos antes do surto em Wuhan, China, em dezembro de 2019. Atualmente o COVID-19 é uma pandemia que afeta muitos países ao redor do mundo (...) Uma pessoa pode contrair COVID-19 a partir do contato com outra infectada com o vírus. A doença é transmitida principalmente de pessoa para pessoa por meio de gotículas que são expelidas do nariz ou da boca de uma pessoa infectada ao tossir, espirrar ou falar. Essas gotas são relativamente pesadas, não vão muito longe e caem rapidamente no solo. Uma pessoa pode pegar COVID-19 se respirar gotículas de uma pessoa infectada com o vírus. É por isso que é importante ficar a pelo menos um metro de distância dos outros. Essas gotículas podem cair em objetos e superfícies ao redor da pessoa, como mesas, botões e grades, de modo que outras pessoas podem ser infectadas se tocarem esses objetos ou superfícies e, em seguida, tocarem seus olhos, nariz ou boca. (WHO, 2020, s. p.)

Dentre as medidas de precaução estabelecidas para contribuir com a minimização da cadeia de transmissão do COVID-19, se apresenta a indicação do período de quarentena, como também das medidas de isolamento social, a prática do distanciamento social, o reforço do hábito de lavar as mãos adequadamente e com frequência (WHO, 2020). Além da orientação sobre as medidas de precaução, também se constituiu o grupo de risco, no qual fazem parte pessoas com doenças crônicas, que tenham o sistema imunitário comprometido, como também pessoas com 65 anos de idade ou mais (Brasil, 2020a; SNS, 2020). Por ser uma doença que ainda não possui a vacina profilática, a população mundial segue em situação de alerta.

Tanto no Brasil, como em Portugal a confirmação da pandemia COVID-19 se fez presente, e persiste nesse momento (a considerar o mês de setembro de 2020), mas o modo como os índices de contágio, recuperação, mortes se apresentam nesses dois países, revelam um distanciamento para além da ciência geográfica. A considerar o cenário brasileiro, onde o primeiro caso de COVID-19 foi registrado em 26 de fevereiro de 2020 (Brasil, 2020a), os registros do dia quatro de setembro de 2020, indicam que “o total de infecções supera os 4 milhões, (...) 125.584 mortos pela Covid-19 e a 4.085.840 [novos] casos da doença. (...) foram registrados 855 novos óbitos e 40.566 infecções” (Folha de São Paulo, 2020, s. p.). O cenário português, segundo os dados da Direção-Geral da Saúde (DGS), onde os dois primeiros casos de COVID-19 foram registrados em 02 de março de 2020, apresenta uma perspectiva diferente, sendo, “57.943 casos confirmados, 15.312 activos, 42.793 recuperados, 1.838 óbitos” (DGS, 2020, s. p.), a considerar o dia cinco de setembro de 2020.

O acompanhamento desses registros, remetem a uma situação de alerta em várias áreas, como economia, saúde, educação, mas, sob um olhar pautado no desenvolvimento do presente trabalho, a preocupação está direccionada ao bem estar das pessoas idosas, o que se fundamenta com o documento *Policy Brief: The Impact of COVID-19 on older persons*, emitido pelas Nações Unidas, em maio de 2020 (United Nations [UN], 2020).

*Although all age groups are at risk of contracting COVID-19, older persons are at a significantly higher risk of mortality and severe disease following infection, with those over 80 years old dying at five times the average rate. An estimated 66% of people aged 70 and over have at least one underlying condition, placing them at increased risk of severe impact from COVID-19. (UN, 2020, p.2)*

Além de pertencerem ao grupo de risco, as pessoas idosas estão a fazer parte de uma realidade social que já vivencia uma revisão do modo como as relações interpessoais se mantêm, entre a participação, o isolamento e o distanciamento, e ainda receia pelas alterações ambientais que desencadearão nos contatos futuros.

Na retomada do contexto onde, os índices de representatividade das pessoas idosas nos cenários brasileiro e português, se mostra pertinente, se configura o desenvolvimento dessa pesquisa pautada nas dinâmicas de ação que promovem o envelhecimento ativo e as relações intergeracionais. Tendo a compreensão de que o envelhecimento ativo é



caracterizado pela “aprendizagem ao longo da vida, a participação em atividades produtivas, incluindo as que estão fora do mercado de trabalho, e a participação em atividades saudáveis” (Villas-Boas et al., 2017, p.106).

Na presente investigação se pretende ainda explorar as relações estabelecidas entre essas pessoas num espaço de intervenção social caracterizado pelo desenvolvimento de atividades de educação não formal onde as vivências compartilhadas, tanto nas experiências atuais, como no resgate de acontecimentos, constituem as histórias de vida de cada pessoa. Segundo Lima (2013), “As histórias permitem às pessoas relacionar acontecimentos que elas experienciam, utilizando a sua forma habitual de ver as coisas e os seus constructos pessoais” (p.27). Muitas dessas histórias, possivelmente, exercem uma influência direta no envolvimento e na participação da pessoa idosa neste tipo de atividades.

Outro ponto norteador da investigação, está associado ao estabelecimento das comunicações intergeracionais, seja por parte dos sujeitos mediadores das atividades do projeto de intervenção social, seja na promoção de eventos pontuais ou da realização de atividades conjuntas, onde o público atendido é diverso. A atenção a esses diferentes aspectos vem a contribuir para a ampliação das perspectivas de atuação e de planejamento da prática educativa pois, a pessoa idosa também está disposta a participar de ações que venham a ampliar os conhecimentos prévios e a prática reflexiva, e se comprometem com os aprendizados (Martins, 2015).

Com o emprego das comunicações intergeracionais também se tem o desenvolvimento de estratégias educativas amplificadas, e que venham a se adaptar aos espaços onde os aprendizados intergeracionais ocorrem de modo simultâneo. “*Thus, intergenerational relationships can be an important means for learning processes and the development of identities*” (Fragoso & Martins, 2011, pp.255-256). Com esse encontro, o exercício da criatividade, flexibilidade e promoção de atividades que permitam o estabelecimento de uma comunicação assertiva, livre de pré-julgamentos e que venha a valorizar as diferentes percepções sobre o mesmo evento, como também o enriquecimento reflexivo, cultural, social e de autoconhecimento, são evidenciados.

Quanto ao delineamento metodológico da presente investigação, se pontua o estudo de caso, o qual “exige severidade maior na objetivação, originalidade, coerência e consistência das idéias” (Triviños, 2011, p.134), ações que demandam o comprometimento do(a) investigador(a) no modo de estabelecer o contato com o fenômeno a ser estudado, com os sujeitos da pesquisa, como também do processo de interpretação das informações

resgatadas. Segundo Yin (2001), o estudo de caso se aplica “quando o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real” (p.19).

Também identifica-se o enquadramento metodológico qualitativo, “que se faz por coparticipação. Pesquisador e pesquisado constroem a realidade que interpretam em conjunto” (Alexandre, 2009, p.96). O método qualitativo possibilita que seja estabelecida “uma relação de troca importante entre sujeitos sociais e pesquisador, assim como promove uma sensibilidade mais aguçada para as questões da identidade histórica e cultural” (Brasil, 2019a, p.73).

Quanto as estratégias utilizadas no processo de coleta de dados, recorreu-se a observação, a entrevista semiestruturada e aos documentos diversos dos projetos em estudo. De acordo com Gil (2009), “Os resultados obtidos no estudo de caso devem ser provenientes da convergência ou da divergência das observações obtidas de diferentes procedimentos” (p.140). Pontualmente sobre a presente investigação, o método da observação limitou-se ao acompanhamento das atividades de um espaço, e com o registro de dois momentos, em decorrência das restrições do período pandêmico do COVID-19.

Geralmente, a técnica utilizada para investigar em “História de Vida” é a entrevista semi-estruturada que se realiza com uma pessoa de relevo social (...) ou uma pessoa de uma vila popular (...) A entrevista aprofunda-se cada vez mais na “História de Vida” do sujeito”. (Triviños, 2011, p.135)

No composto de construção e interpretação da realidade em pauta, a atenção a diversidade de elementos que caracterizam as relações intergeracionais é essencial, como também o processo de escuta, de acolhida ao compartilhamento das histórias de vida. Como estratégia de acompanhamento e registro das experiências compartilhadas, é pertinente que as atividades observadas e relatadas sejam captadas em respeito as realidades vivenciadas e em compromisso com o grupo de pessoas idosas em foco.

O texto da presente investigação é composto por três partes principais, sendo a primeira representada pelo enquadramento teórico, o qual parte da contextualização sobre a pessoa idosa, trata das histórias de vida, as relações intergeracionais, e também contextualiza sobre a relação com a educação não formal. A segunda parte, identificada pelo estudo

empírico, apresenta o desenho da investigação, com atenção aos objetivos da pesquisa. E na terceira parte se destaca a apresentação e discussão dos resultados, e também as considerações finais.

## Capítulo I - Enquadramento teórico

### 1.1 Contextualização sobre a pessoa idosa

As etapas do desenvolvimento humano são caracterizadas por um conjunto de comportamentos, estando estes relacionados aos aspectos cognitivos, de socialização e de ordem psicomotora, cada qual representado por uma diversidade de eventos e expressões comportamentais, culturais e reflexivas.

Podemos, pois, dizer que pensamos, sentimos e ajuizamos sobre nós e os outros, ou melhor, somos produtores de sentido e vivemos a nossa vida, em termos de histórias (...) Algumas das histórias que contamos são pessoais e outras são partilhadas, fazendo parte do episódio cultural de um determinado povo ou cultura.”, episódio esse que também reflete nas transformações particulares e ambientais. (Lima, 2013, pp.27-28)

As transformações as quais cada sujeito está vinculado envolvem as relações sociais, onde essas vêm a contribuir para que se estabeleça o processo de desenvolvimento intrapessoal, das percepções internas sobre o meio que o envolve, como também das manifestações externas e em relação com o outro. Essas transformações ocorrem de modo gradativo e, de modo geral, em consonância com o desenvolvimento biológico, correspondendo assim as etapas do desenvolvimento humano, sendo: a infância, a adolescência, a idade adulta, e a velhice (Kern Hareven, 2015).

Cada uma dessas etapas apresenta um conjunto de características específicas, como também evidenciam as transições do sujeito no modo de estar e lidar com o ambiente que o envolve. Na infância se estabelece o contato inicial com os diferentes estímulos ambientais, sendo esses representados pelos objetos, pela linguagem, pela mediação de familiares e demais sujeitos da sociedade, o que também remete a uma leitura de dependência, pelos jogos, pelo auto reconhecimento (Almeida & Cunha, 2003).

Na adolescência é evidenciado o processo de descobertas, sendo essas de ordem intrapessoal e em relação ao outro, ao ambiente que compõem o seu entorno, como também

se destacam os aspectos de transições biológicas, novas compreensões sobre a sexualidade, de desenvolvimento cognitivo (Almeida & Cunha, 2003). Já a idade adulta é caracterizada pelos movimentos de atenção ao desenvolvimento profissional, na conquista da estabilidade pessoal – associada a constituição de uma família, de assumir responsabilidades em detrimento do outro, como também das manifestações sociais reflexivas (Almeida & Cunha, 2003).

A velhice é associada a constituição da história de vida de cada sujeito, história essa que irá influenciar no modo de lidar com o aparecimento das possíveis dores físicas, psicológicas, como também do modo de lidar com as transições associadas aos papéis sociais, aos meios culturais, em participar de atividades que proporcionem aprendizado, e que venham a promover reflexões sobre a essência da vida (Schneider & Irigaray, 2008). Segundo Saquetto et al. (2013), “O envelhecimento caracteriza-se pela manifestação de eventos biopsicossociais que ocorrem ao longo do tempo e não com o tempo (...) a idade cronológica não está diretamente correlacionada com a idade biopsicossocial” (p.521). Os aprendizados obtidos, como demais especificidades vão se acumulando ao longo do tempo, a considerar todas as etapas do desenvolvimento humano.

A emergência da “velhice” como fenômeno social, cultural e biológico pode ser melhor entendida no contexto dos outros estágios da vida. As condições sociais das crianças e adolescentes numa dada sociedade estão relacionadas ao modo como o ser adulto é concebido nessa sociedade. De maneira semelhante, o papel e posição dos adultos e dos idosos estão relacionados ao tratamento das crianças e dos jovens. A formidável tarefa de investigar a sincronização do desenvolvimento individual com a mudança social requer uma perspectiva que leve em consideração o curso de toda a vida e várias condições históricas e culturais, em vez de simplesmente concentrar-se num grupo específico de idade. (Kern Hareven, 2015, p.16)

Frente a uma visão de lógica temporal, o acúmulo de aprendizados vivenciados pela pessoa idosa se destaca em relação aos sujeitos das fases anteriores, promovendo assim uma posição de destaque dessas pessoas nas relações sociais, ao considerar a probabilidade de

uma alta representação das experiências a serem compartilhadas. Mas quem são as pessoas idosas?

No Brasil, de acordo com a Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, idosa é a pessoa que possui 60 anos de idade ou mais. Esse documento, que também é identificado como o Estatuto do Idoso (Brasil, 2003), aponta uma diversidade de artigos e correspondentes em atenção ao bem estar integral da pessoa idosa, e em respeito às características presentes nessa fase da vida, as quais não são lineares no modo como se expressam, mas demandam uma homogeneidade na garantia dos direitos.

Assim, destaca-se o Título II Dos Direitos Fundamentais, Capítulo II Do Direito à Liberdade, ao Respeito e à Dignidade, do Estatuto do Idoso (Brasil, 2003, s. p.), onde,

(...) Art. 10 É obrigação do Estado e da sociedade, assegurar à pessoa idosa a liberdade, o respeito e a dignidade, como pessoa humana e sujeito de direitos civis, políticos, individuais e sociais, garantidos na Constituição e nas leis.

§ 1º O direito à liberdade compreende, entre outros, os seguintes aspectos:

I – faculdade de ir, vir e estar nos logradouros públicos e espaços comunitários, ressalvadas as restrições legais;

II – opinião e expressão;

III – crença e culto religioso;

IV – prática de esportes e de diversões;

V – participação na vida familiar e comunitária;

VI – participação na vida política, na forma da lei;

VII – faculdade de buscar refúgio, auxílio e orientação.

§ 2º O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, de valores, idéias e crenças, dos espaços e dos objetos pessoais.

§ 3º É dever de todos zelar pela dignidade do idoso, colocando-o a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor. (s. p.)

Os parágrafos e incisos presentes no citado artigo do Estatuto do Idoso (Brasil, 2003), representam a chamada de atenção para os mais diversos aspectos que envolvem a vida social da pessoa idosa, tendo em consideração as relações familiares, como a participação em atividades de ordem comunitária. O modo como a pessoa idosa deve ser enxergada e tratada, com “o reconhecimento dos direitos (...) à igualdade de oportunidades (...) em todos os aspectos da vida à medida que envelhecem” (WHO, 2005, p.14), nos variados ambientes, ressaltam o respeito para com as especificações dessa fase da vida, mas também alertam para a legitimação do sentido de suas reflexões, de sua presença e dos relacionamentos interpessoais cultivados.

A garantia do respeito para com a pessoa idosa deve se fazer presente nos mais variados contextos, como também nos diferentes países. Tendo como referência o território português, em acordo com a Base de Dados Portugal Contemporâneo (Pordata, 2019), é considerada pessoa idosa quem possui de 65 anos de idade ou mais. Segundo o Projeto de Lei n.º 526/VIII - Cria as Comissões de Protecção e Promoção dos Direitos dos Idosos, publicado em janeiro de 2002 (Assembleia da República, 2002), em atenção as perspectivas futuras de Portugal, onde o número de pessoas com 65 anos de idade a mais, “deverá continuar a subir, esperando-se, inclusivamente, que até ao 2.º decénio do próximo século, o grupo das pessoas (65 e mais anos) passe a ser mais numeroso do que o grupo de pessoas jovens (com menos de 15 anos)” (Assembleia da República, 2002, s. p). O citado Projeto de Lei evidencia a preocupação com o envelhecimento da população em Portugal, no que tange a garantia dos direitos, da promoção do bem-estar, como também de prevenção das situações adversas.

É importante salientar que as ações de atenção para com as pessoas idosas não estão fundamentadas somente nos índices estatísticos de previsão do envelhecimento da população mundial, mas também representam o resultado do reconhecimento dessas pessoas para a constituição histórica e humana da sociedade. Assim, como resultado de uma conferência realizada 1998, com a representação de Kofi Annan, enquanto secretário geral das Nações Unidas (ONU), o dia 1 de outubro foi instituído como o Dia Internacional dos Idosos e em 1999 se considera o Ano Internacional do Idoso (ONU, 2020a).

A demarcação dessas datas remete a um caminhar de confirmação da importância da pessoa idosa para as relações sociais, como também do empoderamento social da pessoa idosa (Martins, 2015), o que reflete na chamada de atenção para o investimento em

programas, eventos, prestações de serviços, focados nessas pessoas. Outro ponto relevante, está associado ao conjunto de reflexões que podem ser motivadas no Dia Internacional dos Idosos (ONU, 2020a), onde crianças, jovens, adultos são chamados a olhar para a pessoa idosa com respeito, e a compreensão de que a idade biológica não determina as possibilidades de criatividade e de energias a serem compartilhadas por essas pessoas.

O cultivo social do olhar biológico sobre a pessoa idosa estava diretamente associado ao surgimento de doenças e, caso o sujeito já possuísse um histórico de patologias e/ou sintomatologias, essas seriam agravadas com o avanço da idade. E essas doenças poderiam se apresentar com as limitações de ordem funcional, motora ou mesmo de ordem psíquica.

(...) em um futuro próximo, no qual a tendência seria rever os estereótipos associados à velhice. A visão do envelhecimento como sinônimo de doença e perdas evoluiria para a concepção de que esta fase do ciclo vital é um momento propício para novas conquistas e para a continuidade do desenvolvimento e produção social, cognitiva e cultural. (Schneider & Irigaray, 2008, p.593)

Mas, com o passar dos anos essa associação veio a perder o sentido, seja pelos avanços científicos na área da medicina, como também pela participação ativa das pessoas idosas nos mais diversos contextos que permitem que as relações sociais se estabeleçam e que vem a estabelecer um novo sentido no modo de lidar com as mudanças associadas ao tempo de vida, as quais também estão presentes nas expressões de convívio social, a exemplo da participação em eventos culturais, da prática da espiritualidade, das decisões no âmbito econômico, entre outros que venham reforçar que a pessoa idosa e as doenças nem sempre ‘caminham’ juntas (Massi et al., 2018).

Com isso não se pretende negar as transformações de ordem biológica, cognitivas e correspondentes relacionadas com o ingresso na fase da vida idosa, mas, em acordo com as condições ambientais, sociais, essas transformações tendem a promover “um envelhecimento em boas condições de saúde física, mental e emocional, que implicam autonomia, relacionamento com os outros e participação social” (Cabral et al., 2013, p.20), sendo assim compreendido como salutar e ativo.

Conforme apontamentos do Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde (Organização Mundial da Saúde [OMS], 2015), a constância das funcionalidades associadas



às capacidades físicas, mentais e sociais são representadas por variações, tanto pelas questões do tempo de vida, pelas relações sociais estabelecidas e pelas escolhas de cada etapa do viver de cada pessoa. “O envelhecimento diz respeito a um processo que ocorre ao longo de toda a nossa vida, desde a concepção até à morte, enquanto a velhice é uma fase da vida, a última” (Lima, 2010, p.15).

Por se fazer parte de um contexto social, político, cultural, econômico cercado de inconstâncias, essas oscilações resultam na interferência do processo do desenvolvimento humano, em todas as fases, afinal, depende-se de uma diversidade de recursos, e percebe-se a relação desses com a disposição de um bem estar global. Como registro presente dessa interferência, identifica-se a realidade apresentada mundialmente com a situação do estado de pandemia relacionado a COVID-19, no qual se vivencia um período de instabilidades no âmbito da saúde, da economia, das relações sociais, dentre outros, indicados pelo documento das Nações Unidas, lançado em maio de 2020, e que também contou com o pronunciamento do secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres (ONU, 2020b).

Primeiro, nenhuma pessoa, jovem ou velha, é dispensável. Os idosos têm os mesmos direitos à vida e à saúde que todos os outros. Para Guterres, “as decisões difíceis em torno dos cuidados médicos que salvam vidas devem respeitar os direitos humanos e a dignidade de todos”. Segundo, embora o distanciamento físico seja crucial, não se pode esquecer que o mundo é uma comunidade e que todos estão ligados. (...) Em terceiro lugar, todas as respostas sociais, econômicas e humanitárias devem levar em consideração as necessidades dos idosos, desde a cobertura universal de saúde à proteção social, trabalho decente e pensões. O chefe da ONU lembrou que a maioria destas pessoas são mulheres, que têm maior probabilidade de viver na pobreza e sem acesso a cuidados de saúde. (...) O chefe da ONU afirmou que, para superar essa pandemia, o mundo precisa “de uma onda de solidariedade global e das contribuições de todos os membros da sociedade, incluindo os idosos”. Guterres disse olhar para o futuro, dizendo que durante a recuperação será preciso “ambição

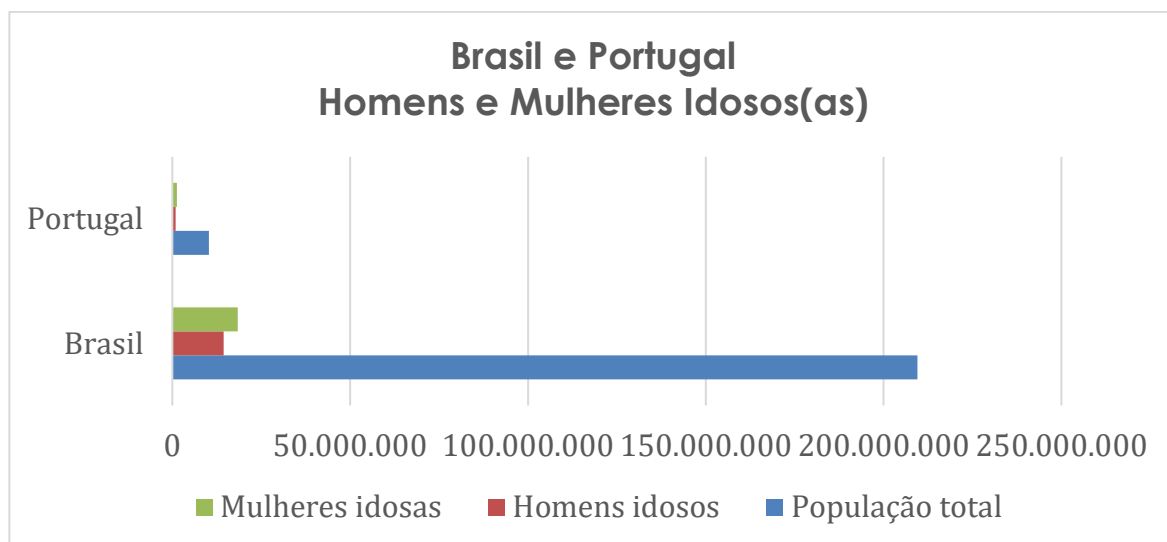
e visão para construir sociedades mais inclusivas, sustentáveis e amigas dos idosos”.

(s. p.)

Os trechos registrados como resultado do pronunciamento do secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres (ONU, 2020b), além de alertarem sobre os impactos do COVID-19 nas relações sociais, chamam a atenção para os diferentes aprendizados dispostos em todas as fases do desenvolvimento humano, onde se estabelece a importância do cultivo das relações intergeracionais, do estar atento ao outro, para que assim as experiências sejam compartilhadas, “actividades que envolvam o exercício físico ou intelectual, o relacionamento com os outros e o sentido da utilidade e reconhecimento sociais são consideradas benéficas” (Cabral et al., 2013, p.20), para que as percepções sobre os estilos de vida se ampliem e o respeito às diferenças se ramifique.

Ainda em atenção aos apontamentos de António Guterres (ONU, 2020b), identifica-se a citação sobre a probabilidade de sobrevivência da mulher, mesmo que em situações fragilizadas. Esses apontamentos permitem que seja feito um registro do índice de representação da população idosa, tendo em consideração as diferenças de homens e mulheres. “As mulheres vivem mais do que os homens em quase todos os lugares. Este fato reflete-se na maior taxa de mulheres por homens em grupos etários mais velhos” (WHO, 2005, p.39).

No cenário brasileiro, a considerar que a população idosa corresponde a um pouco mais de 32 milhões de pessoas, e desses 14.456 milhões são homens e 18.404 milhões são mulheres, registrando-se assim um percentual de 14,3% de homens com 60 anos de idade a mais, e as mulheres nessa faixa etária são representadas por 17% (IBGE, 2020). Em relação ao cenário português, onde a população idosa corresponde a 2.262.325 milhões de pessoas, a contar com quase 950 mil homens e um pouco mais de 1.300 milhões de mulheres, se tem o registro percentual de aproximadamente 19,5% de homens com 65 anos de idade a mais, e de aproximadamente 24,3% de mulheres na mesma faixa etária (Pordata, 2020), de acordo com a Figura 3.



*Figura 3.* Gráfico de representação da população idosa – homens e mulheres – Brasil e Portugal.

Essas diferenças em relação a variação da representatividade do número de mulheres e homens na população idosa, perpassa pelas representações sociais, pelos papéis desempenhados por homens e mulheres ao decorrer das relações estabelecidas, seja no ambiente familiar, profissional, político, e que refletem no desenvolvimento das discussões sobre as questões de gênero. De acordo com Nuernberg (2005), “A psicologia também se projeta nesse contexto, especialmente através de sua contribuição a respeito da importância da categoria gênero na constituição de subjetividades” (p.48).

De uma forma geral, os valores da vida familiar são condicionados pela história que os fabricou (...) Por um lado, promoveram-se valores de igualdade de gênero, como o direito das mulheres à profissão e ao afastamento do ideal de homem provedor, mas sem romper com determinadas formas de “familiarismo” e de “maternalismo”. (Aboim, 2010, p.66)

A atenção ao modo como as questões de gênero vem a inflamar a revisão das perspectivas sobre a diversidade de possibilidades da mulher e do homem desempenharem os papéis sociais, em todas as fases da vida, onde “se tem verificado algumas mudanças na atribuição de papéis os homens e para as mulheres dentro e fora da família” (Daniel, Caetano, Monteiro & Amaral, 2016, p. 361), vindo a fugir de preceitos deterministas, tanto em relação ao ‘ser’ homem e o ‘ser’ mulher, como também em relação ao direcionamento dos

comportamentos atentos as pessoas idosas, caracteriza o contexto social presente. E o desenvolvimento dessas reflexões e direcionamento para a acolhida as possibilidades de mudança, vem a motivar a constituição de um processo de envelhecimento ativo.

## 1.2 Envelhecimento ativo

O acompanhamento mundial sobre a representatividade dos índices de desenvolvimento da população nas diferentes etapas da vida, vem reforçar o significativo crescimento da população idosa, o que também se faz registrar no âmbito de Brasil e Portugal. “Em 2012, 810 milhões de pessoas têm 60 anos ou mais, constituindo 11,5% da população global. Projeta-se que esse número alcance 1 bilhão em menos de 10 anos e mais que duplique em 2050, alcançando 2 bilhões de pessoas” (United Nations Population Fund [UNFPA], 2012, p.7).

Esse crescimento configura o processo de envelhecimento, o qual denota uma chamada de atenção para diferentes áreas da sociedade, a exemplo da saúde, segurança, justiça, prestação de serviços, dentre outros. Como exemplo dessa preocupação, se tem o experienciado nesse momento pandêmico do COVID-19.

(...) a pandemia da COVID-19 não está apenas atacando nossa saúde física; também está aumentando o sofrimento psicológico. (...) O chefe da ONU lembrou que (...) Os que estão em maior risco (...) são os profissionais de saúde que estão na linha da frente, idosos, adolescentes e jovens, aqueles com condições de saúde mental preexistentes e os que vivem em situações de conflito e de crise.” (ONU, 2020c, s. p.)

O processo de envelhecimento humano perpassa por uma diversidade de eventos que colocam em questão a garantia do direito a saúde e ao bem estar das pessoas, seja de ordem física, psíquica, biológica e/ou social, o que vem a interferir nas escolhas ao longo da vida, seja no âmbito privado ou público.

Na vivência da fase idosa da vida, será que existe alguma perspectiva que compreende o processo de envelhecimento como um rompimento aos estereótipos de

desvalorização das capacidades reflexivas e de possibilidades de agirem e se fazerem presentes nas diferentes atividades sociais?

É possível afirmar que sim. Dentro dessa perspectiva encontra-se o envelhecimento ativo onde se apresentam “boas condições de saúde física, mental e emocional, que implicam autonomia, relacionamento com os outros e participação social (...) o exercício físico ou intelectual, o relacionamento com os outros e o sentido da utilidade e reconhecimento sociais são consideradas benéficas” (Cabral et al., 2013, p.20). O envelhecimento ativo remete a uma compreensão alargada do processo de envelhecimento humano, em que “não é apenas estar fisicamente ativo ou de participar na força de trabalho: refere-se à participação contínua nas questões sociais, económicas, culturais, espirituais e civis” (Carvalho, 2019, s. p.), onde cada pessoa idosa se percebe enquanto um sujeito provido de direitos, de reconhecimento existencial e com possibilidades de fazer escolhas.

O interesse no significado do envelhecimento no começo do século vinte não derivou da mera curiosidade. Estava relacionado a questões sobre os limites da utilidade e eficiência no trabalho que acompanhavam a industrialização e o movimento por proteção social para os idosos. (Kern Hareven, 2015, p.14)

Os aspectos da ordem de produção, do fator económico, representaram a chamada de atenção frente ao processo de envelhecimento da população, o qual também viria a refletir nos aspectos sociais, tanto nas relações interpessoais, como nas mudanças intrapessoais.

Embora o processo de envelhecimento seja extremamente complexo e possa ser interpretado de várias perspectivas, trata-se de um processo universal, gradual e irreversível de mudanças e de transformações que ocorrem com a passagem do tempo (...) ligado aos processos de diferenciação e de crescimento (...) interação de factores internos como o património genético, e externos, como o estilo de vida, a educação e o ambiente em que o sujeito vive. Neste sentido, a principal característica do envelhecimento é a variabilidade inter e intra-individual (...) (Lima, 2010, p.14)

Com a percepção de que o processo de envelhecimento ocorre de modo gradual, e está relacionado ao modo como as relações sociais são desenvolvidas, onde com “a idade, a sabedoria, a experiência de vida e a estabilidade emocional aumentam, tudo isso pode ser transmitido aos mais jovens de maneira significativa” (Carvalho, 2019, s. p.). Relaciona-se também ao modo com que cada pessoa direciona as suas escolhas ao longo da vida, como também com a compreensão de que as transformações ambientais influenciam nesse processo, se tem o reforço quanto ao cultivo de uma perspectiva que atente para o bem estar da fase idosa da vida, o que vem a elucidar o direcionamento para a constituição e promoção do envelhecimento ativo.

O termo “envelhecimento ativo” foi adotado pela Organização Mundial da Saúde no final dos anos 90 (...) A abordagem do envelhecimento ativo baseia-se no reconhecimento dos direitos humanos das pessoas mais velhas e nos princípios de independência, participação, dignidade, assistência e auto-realização estabelecidos pela Organização das Nações Unidas. Assim, o planejamento estratégico deixa de ter um enfoque baseado nas necessidades (que considera as pessoas mais velhas como alvos passivos) e passa ter uma abordagem baseada em direitos, o que permite o reconhecimento dos direitos dos mais velhos à igualdade de oportunidades e tratamento em todos os aspectos da vida à medida que envelhecem. Essa abordagem apóia a responsabilidade dos mais velhos no exercício de sua participação nos processos políticos e em outros aspectos da vida em comunidade. (WHO, 2005, p.14)

A relação com o processo de atenção aos direitos da pessoa idosa, perpassa pela existência de leis, decretos e/ou correspondentes que venham elucidar a importância dessas pessoas e que evidenciem as responsabilidades e implicações jurídicas assumidas pelos órgãos competentes. “Os idosos devem ser tratados de forma justa, independentemente da sua idade, género, origem racial ou étnica, deficiência ou outra condição, e ser valorizados independentemente da sua contribuição económica” (Ministério Público Portugal, 1991, p.3).

Também se destaca a legitimidade da atenção às demandas específicas dessa etapa da vida, mas que compreende a continuidade da heterogeneidade de cada cidadão(ã). “O estudo do envelhecimento deve assentar numa abordagem global que contemple as relações entre os múltiplos aspectos que o integram, como a vida familiar, o emprego, a educação, a integração sociocultural, a saúde e a qualidade de vida” (Cabral et al., 2013, p.17).

No entorno da garantia dos direitos, identificam-se as escolhas, sendo essas relacionadas ao entendimento de que a pessoa idosa não representa um bloco único de sujeitos, pois “a categoria social de idosos não é homogênea nem está afastada da realidade, uma vez que cada pessoa idosa tem uma história de vida, determinada pelo seu patrimônio genético e psicossocial” (Cabral & Macuch, 2017, p.66), e de pessoas que possuem suas identidades preservadas, percepções diferenciadas sobre os eventos cotidianos, onde os quereres, os sabores e dissabores variam.

As escolhas que estão associadas a individualidade de cada pessoa, também se apresentam no modo em que cada pessoa idosa opta em vivenciar as transformações relacionadas ao envelhecimento, ou seja, se de uma forma mais tranquila ou em seguimento a um ritmo mais movimentado, com a participação de atividades diversas, a exemplo do “exercício físico ou intelectual, o relacionamento com os outros e o sentido da utilidade e reconhecimento sociais são consideradas benéficas” (Cabral et al., 2013, p.20). Com a delimitação dessas escolhas, cada qual ao seu tempo, e sem a obrigatoriedade ou a pretensão de serem inalteradas, virão refletir o processo de reconhecimento existencial da pessoa idosa. Como representação visual dos diferentes modos de reconhecer e vivenciar as transformações relacionadas ao envelhecimento, segue o infográfico, que integra a publicação do *World report on ageing and health*, desenvolvido pela Organização Mundial de Saúde (World Health Organization [WHO], 2015).

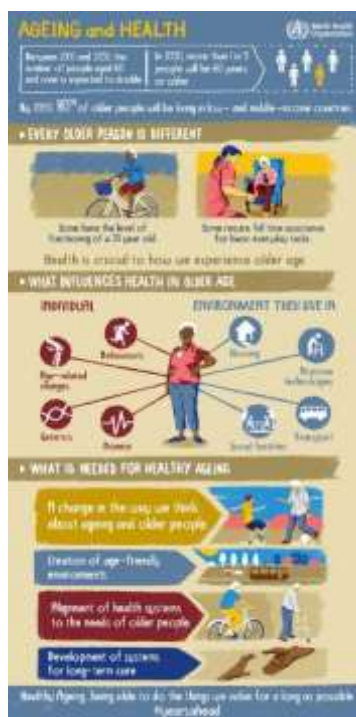


Figura 4. Infográfico - Envelhecimento e saúde – WHO, 2015.

Esse reconhecimento está atrelado aos relacionamentos interpessoais, a identificação com serviços e produtos dispostos no ambiente, a valorização da autoimagem, como também na propagação de ações e atividades que venham incentivar o compartilhamento de saberes que constituem a história da pessoa idosa. Em conjunto com esse processo de reconhecimento identifica-se o empoderamento (*empowerment*) da pessoa idosa.

O empoderamento psicológico refere-se à percepção da força individual, manifestando-se em um comportamento autoconfiante. É muitas vezes resultado de uma ação vitoriosa nos domínios social ou político, embora possa resultar também de um trabalho intersubjetivo. O sentimento de pertença, o resgate da auto-estima, os processos empáticos no grupo, a valorização de cada integrante interferem na auto-imagem. (Oliveira, 2005, p.5)

De acordo com os apontamentos de Roso e Romanini (2014), se estabelece o fortalecimento da autoestima, bem como da capacidade de se fazer presente e adaptado ao ambiente ao qual está inserido. Se faz presente a atribuição do valor da pessoa idosa, do seu processo de envelhecer em movimento, em atenção aos diferentes desafios que o ambiente



possa oportunizar. “A pretensão de uma sociedade para todas as idades e para todas as gerações consegue-se com cidadãos que sejam protagonistas da aproximação à sua história (memória)” (Martins, 2015, p.681).

O envelhecimento ativo está relacionado ao conjunto de ações que venham a promover o bem estar integral da pessoa idosa, onde os aspectos físicos, cognitivos, econômicos, relacionais, são experienciados de diferentes modos, como “o direito de fazer escolhas e assumir o controle de uma série de questões, incluindo onde vivem, os relacionamentos que têm, o que vestem, como passam seu tempo e se submetem-se a tratamento ou não” (OMS, 2015, p.21), seja nas vivências compartilhadas no ambiente familiar ou mesmo na participação de um grupo de dança.

Para que sejam efetivadas essas ações, é necessário que haja o investimento contínuo em espaços e grupos atentos ao conjunto de necessidades a serem supridas em atenção a pessoa idosa, onde o “apoio social, oportunidades de educação e aprendizagem permanente, paz, e proteção contra a violência e maus-tratos são fatores essenciais do ambiente social que estimulam a saúde, participação e segurança, à medida que as pessoas envelhecem” (WHO, 2005, p.28).

Na organização desses espaços, é pertinente que os sujeitos responsáveis, como os demais atuantes, estejam atentos(as) ao processo de acolhida e estabelecimento de vínculo com a pessoa idosa.

Mesmo que haja variações quanto as características motoras, biológicas, cognitivas de cada pessoa idosa em atividade, é necessário considerar que essa faixa etária, a considerar dos 60 anos de idade a mais, demanda o desenvolvimento de “informações e diretrizes, culturalmente apropriadas” (WHO, 2005, p.48), a organização da proposta de um conjunto de atividades que venham respeitar as possíveis limitações físicas, e que disponham de “oportunidades acessíveis, baratas e agradáveis para os idosos permanecerem ativos (como áreas para andar e parques seguros)” (WHO, 2005, p.48), como também o exercício de escuta e atenção aos eventos e histórias que a pessoa idosa possa vir compartilhar.

Dentre as diversas possibilidades de organizar e efetivar as atividades junto a pessoa idosa, as estratégias presentes na educação não formal, onde “os espaços educativos localizam-se em territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos” (Gohn, 2006, p.29), vêm a contribuir com os momentos de compartilhamento das experiências vivenciadas pela pessoa idosa, como também de explorar um amplo número de recursos que permitem a potencialização das comunicações estabelecidas.

O envelhecimento ativo chama a atenção para o modo de interagir dos diferentes sujeitos da sociedade com a pessoa idosa pois, ao perceber a pessoa idosa enquanto alguém que representa um papel essencial para a constituição da sociedade na contemporaneidade, sociedade essa na qual se faz presente, atua e acompanha a diversidade de transformações. O modo de pensar e agir sobre o processo de envelhecimento irá refletir em transições, as quais poderão resultar na quase redução de olhares discriminatórios e/ou de desqualificação dos aprendizados da pessoa idosa.

Como reforço da disponibilidade em compartilhar e também de obter novos aprendizados, segue-se o exemplo das atividades desenvolvidas na Universidade Aberta à Maturidade (UAMA - Brasil) (Mangueira & Santiago, 2019), onde, a partir dos estudos matemáticos, se faz o resgate dos conhecimentos prévios das pessoas idosas, seja pautado na lembrança dos tempos de escola (educação básica) e/ou das tarefas que remetem ao cotidiano dessas pessoas, como da realização de uma operação bancária.

(...) buscamos um grupo de idosos(as) que protagonizam experiências educacionais em um dado tempo social e coletivo a qual verificamos não apenas como eles aplicam saberes escolares matemáticos na vida cotidiana, mas identificando elementos pedagógicos capazes de proporcionar reflexões teóricas e práticas relacionadas à formação inicial e continuada do professor de Matemática. (Mangueira & Santiago, 2019, p.22)

Outro aspecto destacado no conjunto de ações protagonizadas pelas pessoas idosas no decorrer dos estudos matemáticos, e ressaltado por Mangueira e Santiago (2019), se refere ao cultivo das relações intergeracionais. Segundo Cabral e Macuch (2017), a “educação intergeracional no campo da intervenção comunitária se reveste da maior importância na aplicação a este domínio (...) [onde] poderá, efetivamente, contribuir para combater preconceitos e cristalizações e potencial/promover políticas de solidariedade intergeracional” (p.67), que é evidenciada pela atenção aos aprendizados compartilhados por cada pessoa vinculada ao grupo.

A constituição de um novo pensar sobre a representação da pessoa idosa na e para a sociedade, remete a compreensão de que é emergente o investimento em espaços e programas

que promovam atividades e visibilidade ao envelhecimento ativo. Essa visibilidade vem a contribuir para que questões como a sexualidade da pessoa idosa, onde, de acordo com Lima (2010), são identificadas “inúmeras vantagens para o incremento da sexualidade entre as pessoas idosas” (p.59), e também as diferenças de gênero, sejam reconhecidas e debatidas. Segundo o Fundo de População das Nações Unidas (United Nations Population Fund [UNFPA], 2012), “As relações de gênero estruturam todo o curso da vida, influenciando o acesso a recursos e oportunidades com um impacto que é tanto contínuo como cumulativo” (p. 4). E também ressalta a importância de que seja levada “em conta as necessidades específicas de mulheres e homens idosos” (UNFPA, 2012, p.6).

Dentre os elementos que potencializam essa prática, identifica-se a demarcação do ano de 2012 como o Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade de Gerações, em acordo com a Comissão Europeia (DGS, 2020b). O Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade de Gerações vem chamar a atenção da sociedade para a importância do relacionamento entre as diferentes gerações, tendo em vista o gradual índice de envelhecimento da sociedade.

Esse envelhecimento demográfico não deve ser associado a uma paralisação massiva da disponibilidade da pessoa idosa em participar de atividades diversas. Pelo contrário, dentro da perspectiva do envelhecimento ativo, o que mais se mantém presente é a disponibilidade e o interesse em participar das mais variadas atividades que venham proporcionar o contato com novos saberes, como também a valorização do compartilhamento dos saberes e vivências da pessoa idosa. “a relação empírica entre a atividade e o bem-estar na velhice (...) continua a ser o pressuposto pelo qual se estruturam programas de envelhecimento ativo” (Daniel et al., 2016, p.359).

Seja na participação de grupos de dança, ou em aulas de informática, ou do grupo de costura, ou do grupo de turismo sénior, o importante é que sejam promovidas as relações interpessoais, bem como a oportunidade de cada pessoa idosa viver em sintonia com o tempo, e de que assim as histórias de vida sejam movimentadas.

### 1.3 Histórias de vida

Da composição das características pessoais de cada sujeito, deve-se considerar a relação com o tempo e o espaço, estando estes também presentes nas fases do

desenvolvimento humano onde, “a aprendizagem da vida consiste em aprimorar as experiências” (Delory-Momberger, 2018, s. p.). Dentro da lógica de que com o passar dos anos se vai acumulando mais experiências, e mais histórias que permitirão que cada sujeito seja identificado diretamente, é possível apontar como enriquecedora a representação das histórias de vida da pessoa idosa. Segundo Couceiro (2002):

As Histórias de Vida são uma prática autopoiética, ou seja, mobilizam a construção/produção de sentido sobre a sua existência e a partir dela, articulando passado (memória), presente (experiência presente) e futuro (projecto). Geram um processo formativo reconhecido como transformação de si mesmo com vista à apropriação da existência, nas suas múltiplas dimensões: pessoal, profissional, cultural, política. (Couceiro, 2002, p.157)

É nas histórias de vida que estão presentes os momentos vivenciados, as aprendizagens compartilhadas, os desafios ultrapassados, dentre outros aspectos, os quais vem a constituir a história de vida de cada pessoa. Silva (2018) aponta que “uma história de vida é sempre residida num contexto coletivo, há sempre cruzamentos com outras pessoas que, direta ou indiretamente causam influência nos comportamentos e atitudes que o indivíduo vai ter no seu meio” (p.15). Esses cruzamentos podem ser evidenciados pelas vivências compartilhadas, e captadas pelo estabelecimento do contato direto ou indireto estabelecido com cada sujeito envolvido.

Essa coletividade está presente desde o momento que o sujeito nasce, e se propaga às mais variadas fases do desenvolvimento humano, que com a existência das histórias, ajudam “a desenvolver e a manter um sentido de identidade” (Lima, 2013, p.30), e se manifesta nos mais diversos espaços de interações sociais. As interações podem ocorrer de modo direto ou não, como também pode variar quanto ao nível de proximidade, intimidade.

Por cada sujeito ser reconhecido como um ser social, é natural que o desenvolvimento das histórias de vida esteja associado aos eventos históricos-políticos-culturais decorrentes, os quais exercem influência das mais variadas formas. “A experiência social (...) é influenciada não só pelas condições históricas correntes, mas também pelo impacto cumulativo de eventos históricos passados sobre o curso da vida de seus membros” (Kern

Hareven, 2015, p.24), seja no modo como algumas decisões são tomadas, ou mesmo no modo como são compreendidas as manifestações adversas as nossas características pessoais, de cada sujeito.

Ao se ter em consideração essa perspectiva, é natural que a pessoa idosa tenha um número maior de eventos a serem compartilhados, como também de experiências acumuladas, que refletem as experiências decorrentes “ao longo de suas vidas inteiras” (Kern Hareven, 2015, p.24), sejam essas reincidentes ou não. O apontamento sobre a reincidência se faz pertinente, pois é importante que se considere os mais diversos contextos aos quais cada sujeito está inserido, como também das diferentes atividades as quais está vinculado.

Com o acúmulo dessas experiências, parte-se do entendimento de que com o passar do tempo algumas vivências assumam um papel mais significativo e que venham contribuir para a constituição da identidade a qual o sujeito busca preservar. “Conhecemo-nos melhor, através das histórias, que contamos e nas quais temos um papel activo. Lembramo-nos, ao contá-las, dos nossos recursos, das diferentes opções que temos em relação à nossa vida” (Lima, 2013, p.30).

O investimento em atividades que promovam o contato intrapessoal com as experiências acumuladas por cada sujeito, pode vir a contribuir para uma ressignificação das histórias de vida constituídas. “De algum modo, ao fazer, ao narrar, ao construir a sua história de vida, o sujeito constrói e reconstrói o seu passado e, nessa construção, potencializa e abre o futuro a projectos possíveis múltiplos” (Couceiro, 2002, p.159). Ainda tendo como referência a pessoa idosa, uma possibilidade de concretização desse e outros momentos, é com a promoção de oficinas onde as vivências sejam compartilhadas, e assim fique evidenciada a relevância das experiências acumuladas e dos desafios postos pelo estágio histórico-político-cultural vigente, “uma vez que cada pessoa idosa tem uma história de vida, determinada pelo seu patrimônio genético e psicossocial” (Cabral & Macuch, 2017, p.66).

Como outro aspecto a ser explorado na organização de atividades que permitam o compartilhamento das histórias de vida, para além do estabelecimento das relações interpessoais, está o evidenciamento das práticas laborais, a exemplo da arte de tricotar, bordar, costurar ou mesmo de lecionar. Com o destaque dessas práticas, se fundamenta a importância das histórias de vida, onde essas são compartilhadas, desprovidas de pré-julgamentos, de indicação de comportamento, ou mesmo de descrédito dos valores da pessoa idosa.

(...) o modo próprio de olhar, ouvir, estar, sentir, reagir, que sustentam o nosso modo de agir e de ser (...) permitem não só a compreensão de si próprio como a melhor compreensão do modo como “lemos” e nos “apropriamos” daquilo que nos é dado, com que vamos sendo confrontados e com que projectamos o futuro. (Couceiro, 2002, p.160)

As transições presentes no modo de olhar, sentir e agir no ambiente representam o encontro entre as características intrapessoais e o contato com os estímulos ambientais aos quais cada sujeito está inserido, onde esses estímulos podem vir a exercer uma diversidade de influências, as quais podem representar uma ligação direta com o desenvolvimento pessoal e social de cada sujeito, no qual se fundamenta a constituição das relações interpessoais.

Por muito que se trate de um relato individual, uma história de vida é sempre residida num contexto coletivo, há sempre cruzamentos com outras pessoas que, direta ou indiretamente causam influência nos comportamentos e atitudes que o indivíduo vai ter no seu meio. (Silva, 2018, p.15)

E se fosse possível desenhar uma linha ou mesmo um espiral que viesse representar o conjunto de transições associadas as histórias de vida de cada sujeito? Dentro de uma perspectiva simbólica, ou mesmo metafórica, existe a possibilidade de desenhar essa linha sim, mesmo que ela seja composta por eventos um pouco longe da linearidade, mas que permitem perceber “que todas as idades têm vantagens e desvantagens, bem como diferenças e semelhanças” (Lima, 2013, p.103). Essa linha da vida viria a assumir um papel de contato e reflexão sobre as experiências vivenciadas, como também de possibilitar uma relação direta com os ambientes e pessoas que integram o contexto no qual cada uma das vivências decorreram. "O homem se desenvolve à medida que se apropria dos conhecimentos construídos e acumulados historicamente pela sociedade" (Aita & Tuleski, 2017, p.108).

Com base nesse contato, mesmo que dentro de uma representação metafórica, há legitimidade em estabelecer uma relação do desenvolvimento gradativo, como também de mudanças, presentes em cada uma das etapas da história que contextualiza e fundamenta as

vivências compartilhadas por cada um desses ambientes. “A história de vida provém de um processo de transformação que o indivíduo exerce pela linguagem sobre sua vivência, através da qual tende a constituir a sua identidade e a sua relação ao mundo” (Delory-Momberger, 2009, p.25).

Dentro dessa compreensão é que se pontua o desenvolvimento desta pesquisa, tendo em consideração as histórias de vida das pessoas idosas que, ao participarem das atividades que promovem o envelhecimento ativo, e representarem uma das partes que compõem a história dos espaços ao qual estão vinculadas, como também, com o estabelecimento das relações interpessoais, compartilham suas histórias. O mesmo se deve considerar em relação a equipe técnica que representa esse ambiente. Tendo como referência a perspectiva da psicologia sócio-histórica, segue o registro de Kahhale e Rosa (2009):

a qual produz cultura e, no processo dessa produção, objetiva o ser humano, ao mesmo tempo em que o subjetiva, o que ressalta que enquanto seres sociais, somos mediados pelos elementos que constituem o meio ao qual faz-se parte, se está integrado. Ou seja, o resultado da atividade é tanto a produção de uma realidade humanizada quanto a humanização do sujeito que a empreende, em face a relação inexorável entre sujeito e sociedade. (Kahhale & Rosa, 2009, p.37)

*“Vygotsky analyzed the role of culture, history, material conditions, social positions, social interaction, tools and signs in the development of human thought processes and consciousness.”* (Elhammoumi, 2010, p.664)

O desenvolvimento das condições materiais, da história, das interações sociais, dentre outros sinais que alinham-se ao desenvolvimento da consciência e do pensamento humano, possibilitam que se estabeleça um olhar atento as expressões que caracterizam as vivências em cada uma das fases da vida onde cada pessoa sente-se “protagonista dos saberes compartilhados” (Martins, 2015, p.681). Com atenção a pessoa idosa, esse protagonismo vem a ser inflamado com o cultivo das relações intergeracionais onde, “cada um aprenda do outro, independentemente da idade, do momento histórico, experiência e cultura” (Martins, 2015, p.681).

#### 1.4 Relações intergeracionais

As relações sociais são constituídas pela diversidade dos contatos estabelecidos entre os sujeitos, nos mais diversos espaços e contextos, onde o ambiente familiar assume o papel do primeiro espaço onde essas relações se estabelecem. “A efetividade das redes sociais determina-se pelo número de pessoas que a integram, a diversidade dos vínculos (familiares, emocionais, sociais, culturais) e a variedade de recursos que promovem” (Martins, 2015, p.681). Com a vinculação e desenvolvimento de atividades educacionais, profissionais, de lazer, dentre outras, essas relações são ampliadas (Rego, 1999).

Por haver uma probabilidade significativa de que essas relações aconteçam entre sujeitos de diferentes faixas etárias, elas possuem uma identidade específica, sendo denominadas de intergeracionais. “A relação intergeracional é interativa e recíproca, ninguém ensina ninguém, todos incorporam realidades diferentes e análises diferentes que conduzam à transformação” (Teiga, 2012, p.32).

As relações intergeracionais são, assim, compreendidas em diferentes perspectivas, uma vez que prestam atenção ao mapeamento das dimensões na sociedade e sua conflitualidade (...) O diálogo e a solidariedade geracional têm padrões diferenciados em diversos contextos e grupos sociais distintos, dada a própria complexidade das relações intergeracionais, que advém das transformações da e na sociedade. (Cabral & Macuch, 2017, pp.60-61)

Como representação da reciprocidade e solidariedade presentes nessas relações, pode-se citar o compartilhamento de ideias, de receios, ou mesmo de interesses em aprender a lidar com algo novo, “conseguir uns entrelaços geracionais, projetar uma nova visão da velhice, fortalecer a pessoa como tal e continuar a aprender a aprender” (Martins, 2015, p.681), que resulte na superação de desafios. Desafios esses que podem estar relacionados ao modo de lidar com as transformações corporais, com o ingresso em um curso de informática, ou mesmo de mudança de país.



Ao se ter como referência que o ano de 1999 foi declarado, pelas Nações Unidas como o Ano Internacional do Idoso (ONU, 2020a), em 23 de maio de 1999, na cidade de Quebec/Canadá, foi assinada por representantes de diversas nações a Declaração sobre a Solidariedade Intergeracional, a qual enfatiza sobre o compromisso das diferentes gerações em respeitarem as diferenças e atuarem em prol do desenvolvimento social (Pochtar & Pszemiarower, 2020).

Artigo 2 Os homens e mulheres de todas as gerações são chamados a colaborar no desenvolvimento de comunidades que valorizem o ser humano por si mesmo, e não por seu nível social, e que favoreçam a solidariedade e não o individualismo. (...)

Artigo 7 (...) Todas as gerações têm o dever de promover interações sociais para criar e manter fortes laços intergeracionais. Artigo 8º Os jovens e os idosos têm o direito e o dever de contribuir para o desenvolvimento da sociedade, devendo esta, por sua vez, proporcionar-lhes os meios necessários para que possam assumir o seu próprio destino e participar activamente na vida em sociedade. (Pochtar & Pszemiarower, 2020, s. p.)

A troca de percepções sobre vivências semelhantes, como também de experiências distintas, independente da faixa etária, vem a contribuir para o exercício da empatia, como também para a compreensão de que todos(as) tem a possibilidade de contar com o apoio e atenção do ‘outro’. Experiências que evidenciam as diferenças da história de cada sujeito e “que depende da forma com que a vivamos e a experienciamos, mas o importante é vincular essas histórias entre gerações, onde cada um aprenda do outro, independentemente da idade, do momento histórico, experiência e cultura” (Martins, 2015, p.681).

Essa semelhança de vivências pode ser identificada em diferentes momentos, a exemplo da realização de uma oficina de pintura em tecido onde, os aprendizados tradicionais conversam com as atualizações tecnológicas e, nesse entorno, se configuram os encontros intergeracionais, onde as “atividades intergeracionais são consideradas mais desejáveis que atividades voltadas apenas para idosos. Essas oportunidades são propiciadas compartilhando-se espaços e instalações” (Nogueira & Azeredo, 2017, p.48).

O contato intergeracional motivado pelas habilidades criativas está presente nos mais diversos momentos e espaços onde se configuram as relações sociais. Como um desses momentos, é possível citar o ambiente familiar onde, eventualmente, receitas foram compartilhadas, dicas de como se portar em sala de aula foram repassadas, contos sobre como eram as brincadeiras a 50 anos atrás, e até mesmo comentários de como foi acompanhar as mudanças tecnológicas estão presentes nessa troca de saberes. Saberes estes que evidenciam “a razão pela qual interdependência e solidariedade entre gerações (uma via de mão-dupla, com indivíduos jovens e velhos, onde se dá e se recebe) são princípios relevantes para o envelhecimento ativo” (WHO, 2005, p.13).

Esse mix de fatos/eventos podem estar demarcados pela relação estabelecida entre avós, pais, mães, netos(as), tios(as), etc., sendo estes caracterizados por uma significativa diferença de idade biológica, mas que não se fecham neste aspecto, e estão dispostos a estabelecerem as mais diversas relações. “A solidariedade intergeracional ultrapassa por isso, em muito, o contexto familiar, e esta realidade torna complexa a rede de relações familiares, mas também sociais, na medida em que cresce a necessidade de solidariedade e cooperação social” (Cabral & Macuch, 2017, p.61), e entendem como presente e pertinente os ganhos atrelados ao cultivo das relações intergeracionais.

Dentro de um contexto político as relações intergeracionais representam a expressão da garantia de direitos e deveres, enquanto sujeitos ativos e reflexivos, mas também possibilitam que sejam identificados os pontos que demarcam as vivências históricas, por onde perpassam as marcas geracionais e a interculturalidade.

A interculturalidade é constitutiva de cada experiência individual e abrange da mesma forma a idade, o sexo, a percepção do espaço e do tempo, as pertencas a um grupo social, a uma categoria socioprofissional ou a uma <<identidade>>nacional. (...) é a parte que me toca de herança e de partilha, a presença do Outro, individual ou colectivo, em cada um dos meus gestos e dos meus actos, a cultura do Outro em cada uma das minhas experiências. (...) O recurso às histórias de vida numa perspectiva de autoformação oferece ao sujeito a ocasião de se avaliar a si próprio (...) ele é assim levado a produzir um discurso que (...) desenvolve uma estratégia

narrativa que visa a coerência do relato da sua vida. (Delory-Momberger, 2009, p.27)

O compartilhamento das histórias de vida, nos momentos caracterizados pelos encontros intergeracionais, além de permitirem um reencontro com as compreensões sobre as representatividades culturais, e dos aprendizados interculturais, também permitem que a pessoa idosa possa rever o modo como compreendia, fazia a leitura, do jeito de lidar e reconhecer a importância da presença de pessoas idosas na sociedade.

Por alguns momentos se percebiam críticos e a questionar o porquê da pessoa idosa participar de ações, eventos, que eram entendidos como focados no público jovem. Segundo Nogueira e Azeredo (2017), “Os conflitos intergeracionais acompanham a história da humanidade (...) Há preconceito sobre o que o idoso ainda pode fazer e pensar” (p.47).

Essa criticidade poderia representar: Dificuldade em lidar com as diferenças? Crença de que o outro envelhece, mas eu não? Entendo pessoa idosa como quem já não tem mais o que dividir com o mundo? Essas e outras questões poderiam nortear o jeito de enxergar e se relacionar com a pessoa idosa a 40, 50 anos atrás, mas também representa, de modo frágil, a perspectiva de algumas pessoas, na atualidade. De acordo com o disposto no quinto artigo da Declaração sobre a Solidariedade Intergeracional, “Todas as gerações devem se unir para participar do desenvolvimento da cultura, base da identidade das comunidades. Como prova da evolução cultural, membros de várias gerações devem promover suas próprias formas de expressão” (Pochtar & Pszemiarower, 2020, s. p.).

Ao se pensar na atualidade, a revisão desses questionamentos, vem a refletir na conquista de mais espaços protagonizados pelas pessoas idosas pois, os pensamentos equivocados do passado servem para mostrar aos jovens de hoje que a pessoa idosa em muito tem a contribuir, e o desejo de participar das ações presentes. A exemplo da pertinência desse protagonismo, identifica-se a constituição dos espaços, instituições, que com base nos princípios da educação não formal, promovem os aprendizados pautados nas relações intergeracionais.

*(...) an opportunity to create common spaces of communication; opportunities to share narratives, ideas, and resources so that transformation of some kind is*

*achieved, in everyday life. Learning, in this case learning identity, can only occur within shared spaces of some kind.* (Fragoso & Martins, 2011, p.261)

As relações intergeracionais reforçam as manifestações desse respeito mútuo e a valorização do aprender com as diferenças, onde o compartilhamento de narrativas, de ideias, exercem um papel efetivo na constituição de espaços caracterizados pelo encontro de gerações e de potencialização dessas relações.

#### 1.4.1 As relações intergeracionais e a educação não formal

Dentre as possibilidades de espaços onde as relações intergeracionais podem estar evidenciadas, identificam-se as instituições educativas, sejam essas representantes da educação não formal, educação formal ou não.

Segundo Patrício (2018) a constituição de espaços educativos onde a comunicação entre diferentes gerações acontece naturalmente, reflete em “uma abordagem intergeracional [que] implica [em] um conjunto de práticas estruturadas e organizadas que promovam experiências de caráter social, cultural, educativo e lúdico, enriquecedoras e integradoras das pessoas em atividades coletivas” (p.143).

Essa intergeracionalidade pode estar relacionada ao papel exercido pelo(a) professor(a) ou correspondente e os(as) estudantes/aprendizes, como também entre pares - no grupo de profissionais e/ou no grupo de estudantes/aprendizes, onde experiências são compartilhadas, o que vem a evidenciar que “a aprendizagem por via da experiência é um processo natural e intrínseco à essência do ser humano” (Cavaco, 2009, p.221), presente nas diferentes gerações. O dinamismo representa um dos quesitos bases para que as relações intergeracionais nos espaços educativos se desenvolvam com potencialidades.

“No tempo presente, as transformações e opções educativas aproximam e alargam as oportunidades consagradas pela maior longevidade e geram conhecimentos, laços e sensibilidades capazes de edificar uma sociedade para todas as idades” (Palmeirão & Menezes, 2009, p.32). Com essa percepção, se firma o compromisso para com a sociedade, no que tange na constituição de espaços educativos atentos a intergeracionalidade. “O contributo dos programas intergeracionais implica o reforço de ferramentas necessárias para que a pessoa adulta maior se sinta membro ativo da sociedade (cidadania participativa),

protagonista dos saberes partilhados e produtor de uma economia emergente familiar e comunitária” (Martins, 2015, p.681). Esse protagonismo pode estar presente no desenvolvimento de objetos artesanais que, além de representarem a atividade da pessoa idosa, que vem a contribuir para a economia local e para o compartilhamento de conhecimentos e de habilidades no contato intergeracional, também expressam a criatividade, que é entendida como “uma capacidade de criar e recriar-se” (Bachert & Mundim, 2013, p.174).

Como representação dos espaços que fundamentam o desenvolvimento deste trabalho, foca-se nas ações pautadas na prática da educação não formal. Dentre as definições atribuídas a educação não formal, se apresenta a apontada por Gohn (2014) onde, a educação não formal é compreendida “como um processo sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania, entendendo o político como a formação do indivíduo para interagir com o outro em sociedade” (p.40).

Segundo Canário (2006), “A aprendizagem de coisas que não são ensinadas, ou seja que não obedecem aos requisitos do modelo escolar, corresponde ao que de uma forma genérica se pode designar por educação não formal” (p.196).

Os espaços de educação não formal assumem o compromisso de promover práticas atentas ao exercício da cidadania, da diversidade cultural, do estabelecimento de relações sociais nos diferentes contextos, e com o desprendimento das normativas presentes na educação formal. “A educação não-formal estendeu-se de forma impressionante nas últimas décadas em todo o mundo como “educação ao longo de toda a vida” (conceito difundido pela Unesco), englobando toda sorte de aprendizagens para a vida, para a arte de bem viver e conviver” (Gadotti, 2012, p.15).

Essas aprendizagens estão relacionadas as diferentes fontes de informação, das mais simples às mais complexas, e mostram-se atentas as diferentes etapas do desenvolvimento humano, se alinhando assim a disposição de espaços de educação não formal promotores das relações intergeracionais, e de uma educação emancipatória. Cavaco (2008) destaca que, “As práticas de educação não formal são por natureza muito diversificadas e surgem numa base de proximidade entre as populações e as entidades que actuam na comunidade” (p.557).

Como educação emancipatória se entende a legitimação das vivências que constituem cada sujeito, onde as mesmas não devem ser negadas no processo de ensino e aprendizagem, mas sim evidenciadas e compartilhadas entre educadores e educandos (Freire, 2011a).

A pretensão de uma sociedade para todas as idades e para todas as gerações consegue-se com cidadãos que sejam protagonistas da aproximação à sua história (memória), pela comunicação/diálogo, com a participação ativa para consolidar o sentido comunitário e refletir sobre os benefícios da educação (inter)geracional e intercâmbio de experiências e saberes. (Martins, 2015, p.681)

O compartilhamento de experiências associadas ao exercício da educação intergeracional, envolve a legitimação das práticas presentes nas diferentes formas e etapas do processo de aprendizagem, e que do “ponto de vista político, [permitam] repensar a educação numa perspectiva de emancipação” (Canário, 2006, p.247).

Por uma questão cronológica, os sujeitos idosos tendem a acumular um número maior de experiências, as quais evidenciam o significado da sua presença nos diferentes contextos que norteiam as relações, o desenvolvimento social e de reconhecimento da sua interação com o meio.

As relações que o homem trava no mundo com o mundo (pessoais, impessoais, corpóreas e incorpóreas) apresentam uma ordem tal de características que as distinguem totalmente dos puros contatos, típicos da outra esfera animal. Entendemos que, para o homem, o mundo é uma realidade objetiva, independente dele, possível de ser conhecida. É fundamental, contudo, partirmos de que o homem, ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo. Estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é. (Freire, 2011b, p.55)

O enriquecimento da comunicação estabelecida entre os sujeitos das diferentes gerações, em que as relações se estabelecem com a demarcação das ações no meio, e com o meio, vem a contribuir para a constituição de ambientes respeitosos, “na expectativa de uma sociedade melhor, mais justa, mais livre e mais democrática” (Finger & Asún, 2003, p.88), e atentos às potencialidades e riquezas de cada uma das fases da vida.

A legitimação das potencialidades, da capacidade e disposição em aprender coisas novas pode se fazer presente no consumo e reconhecimento dos produtos criados e confeccionados pelo grupo de pessoas idosas, como também em reforçar as ações que evidenciam o protagonismo social dessas pessoas, que integram uma instituição promotora de educação não formal.

A educação não-formal tem outros atributos: ela não é, organizada por séries/idade/conteúdos; (...) atua sobre aspectos subjetivos do grupo; trabalha e forma a cultura política de um grupo. Desenvolve laços de pertencimento. Ajuda na construção da identidade coletiva do grupo (este é um dos grandes destaques da educação não-formal na atualidade); ela pode colaborar para o desenvolvimento da auto-estima e do *empowerment* do grupo, (...) Fundamenta-se no critério da solidariedade e identificação de interesses comuns e é parte do processo de construção da cidadania coletiva e pública do grupo. (Gohn, 2006, p.30)

Os aprendizados compartilhados quando da promoção da educação não formal, perpassam pelas experiências de vida de cada sujeito, “as proibições, as exigências e expectativas” (Alves, 2015, p.37), pela representatividade das conexões que cada uma dessas experiências vai desencadear, e pelos contatos intergeracionais que irão se propagar. O processo criativo ocupa um lugar de destaque, um lugar que se atém ao que ultrapassa ao cumprimento de um cronograma didático normativo.

Os prazos e regras existem, mas os objetivos a serem atingidos nem sempre estão focados no atendimento a essas regras, mas sim na promoção do desenvolvimento dos sujeitos participantes, como também do compartilhamento de ideias e reforço da credibilidade de que todos(as) são importantes e contribuem socialmente.

Segundo Fragoso e Martins (2011), “*All educational activities, through culture, sports, etc., would help the building of more fluid relationships between us – an ‘us’ that could gradually evolve, taking away the ‘them’ and displacing meaningless stereotypes*” (p.263). A educação não formal chama a atenção para constituição de relações intergeracionais onde, a comunicação estabelecida entre as pessoas das diferentes gerações,

possibilita que os estereótipos sejam afastados, e o entrelaçamento interpessoal cultivado, e que a compreensão da importância do nós, seja presente.



## Capítulo II - Estudo empírico

### 2.1 Desenho da investigação

O presente trabalho tem como aporte investigativo o estudo de caso, no qual “se observa o fenômeno em sua evolução e suas relações estruturais fundamentais” (Triviños, 2011, p.134). Segundo Amado e Freire (2013), “a credibilidade dos estudos de caso que, pela sua natureza holística, tendem a refletir a complexidade dos fenômenos que estudam” (p.123), onde esses fenômenos representam a integração de teorias, as quais credibilizam a prática da investigação social, e impulsionam a criticidade da interpretação do fenômeno social com o qual o(a) pesquisador(a) estabelece o contato.

Quanto ao enquadramento, a pesquisa é classificada como qualitativa. Bogdan e Biklen (1994) pontuam que “*A investigação qualitativa é descritiva*. Os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números” (p.48). Essa perspectiva corresponde aos propósitos de desenvolvimento dessa pesquisa, com o resgate das informações pautadas nos discursos compartilhados pelas pessoas entrevistadas, a observação, mesmo que representada por uma frequência limitada, como também pelo complemento dos registros fotográficos, pertinentes e autorizados.

Como elemento norteador do resgate dos discursos coletados da comunicação estabelecida entre a investigadora e as pessoas investigadas, destaca-se a validação do vínculo estabelecido entre esses sujeitos presentes. A representatividade desse vínculo se destaca pelas histórias de vida, que “constam de dimensões pessoais, sociais e culturais” (Lima, 2013, p.31).

Com o aporte de elementos presentes na técnica de pesquisa da observação, onde “é o investigador quem decide o foco da investigação, em vez de permitir que o foco surja por si” (Bell, 1997, p.143), desenvolveu-se a pesquisa. A atenção as vivências que constituem as pessoas investigadas, é captada pelo registro de todos os elementos expressos pelo ambiente e das pessoas que constituem o mesmo, sendo definido como descritivo onde, “a preocupação é a de captar uma imagem por palavras do local, pessoas, ações e conversas observadas” (Bogdan & Biklen, 1994, p.152). E já o processamento dessas informações, onde o observador/pesquisador ‘conversa’ com os dados captados é definido como reflexivo, pois

representa “a parte que apreende mais o ponto de vista do observador, as suas ideias e preocupações” (Bogdan & Biklen, 1994, p.152).

Com base nessa orientação, de que o estudo de caso se pauta em um encaminhamento mais pontual, sobre o direcionamento da investigação empírica, a qual “tem como referente a própria realidade” (Tuckman, 2000, p.18), e de contato com o fenômeno específico, o qual motiva o desenvolvimento da pesquisa, que se segue o processo de contextualização e identificação das instituições relacionadas às pessoas entrevistadas. Essas instituições, que correspondem ao número de seis, além de serem apontadas pelas pessoas entrevistadas, atenderam aos critérios da intervenção social (Vieira & Vieira, 2019), sendo: dispor de atividades educativas e promotoras da autonomia das pessoas participantes; contribuir para as mudanças e o protagonismo social da pessoa idosa; como também estar aberto à comunidade, com o tempo superior a dois anos.

Em atenção a contextualização das instituições, se tem a apresentação de dois cenários, sendo: Cenário A, pautado nos espaços frequentados pelas pessoas idosas entrevistadas, mas que não representam os espaços onde as pessoas não idosas entrevistadas atuam; Cenário B, contempla os espaços onde ocorre a interação entre as pessoas idosas e não idosas entrevistadas. Tanto no Cenário A, como no Cenário B, a identificação das instituições, se mantém em sigilo. De acordo com a Tabela 1, se tem a representação do que delimita as diferenças presentes entre o Cenário A e o Cenário B, em relação as instituições investigadas.

Tabela 1

*Cenário A e Cenário B – Delimitação das Diferenças*

CENÁRIO A		
Instituição	Pessoa idosa	Pessoa não idosa
Instituição 1 (I1)	X	
Instituição 2 (I2)	X	
Instituição 3 (I3)	X	
CENÁRIO B		
Instituição	Pessoa idosa	Pessoa não idosa
Instituição 4 (I4)	X	X
Instituição 5 (I5)	X	X
Instituição 6 (I6)	X	X

A iniciar pelo Cenário A, o qual corresponde as instituições que foram citadas pelas pessoas idosas entrevistadas, e onde o processo de investigação decorreu pelas informações publicadas no *site* das mesmas, e demais recursos mediáticos (*e.g. Facebook*), sem que houvesse o contato direto com qualquer representante dessas instituições, a considerar três instituições, aqui identificadas como: I1, I2 e I3.

Sobre a I1, é possível referenciar que ela está presente em todos os estados do Brasil, mas que neste trabalho se pauta em uma cidade do estado de Santa Catarina, no qual existe a mais de 70 anos, composto por uma diversidade de atividades, nas quais são contempladas as mais variadas faixas etárias. Como características de educação não formal, se tem como destaque a disponibilidade de um espaço de referência nacional; o alinhamento entre os interesses de ordem social, cultural, de cidadania, político, econômico, histórico, transacional - no que compete em dispor de atividades que venham minimizar o distanciamento geracional entre as ações do passado, as vivências e modernidades do presente, e as potencialidades dos planejamentos futuros. Esse enfoque, no que diz respeito as ações centradas na pessoa idosa, é pontuado pelo uso das tecnologias, pelo contato com diferentes profissionais, pelo relacionamento interpessoal, pelas atividades dispostas (escrita, dança, rodas de conversa, passeios, canto, teatro, cinema, informática), a participação da comunidade e de familiares, alertas sobre o Estatuto do Idoso (Brasil, 2003), segurança econômica, saúde e bem estar, protagonismo social.

Em relação a I2, que é uma Instituição de ensino, tem representação em oito municípios do estado de Santa Catarina, e que a mais de 50 anos possui uma ampla oferta de cursos, como também de envolvimento e comprometimento com as atividades de pesquisa e extensão. Oferta uma gama de ações pautadas na promoção do bem estar da pessoa idosa, com a constituição de um grupo específico, o qual possui mais de 30 anos de existência. Neste grupo são ofertadas diversas atividades, como: caminhada, canto, dança, pilates, dentre outras. Como características de educação não formal é possível indicar a troca de conhecimentos intergeracionais; o compartilhamento de vivências; a apresentação de atividades que reforçam o exercício da cidadania, com enfoque no bem estar físico, cognitivo e social; ações que exploram a motricidade, a relação de tempo e espaço; disponibilidade e atenção para cultivar o autocuidado e as relações interpessoais.

Já a I3, está localizada no município de Florianópolis, estado de Santa Catarina, que possui um pouco mais de dez anos de existência, e é caracterizada pela oferta de atividades focadas no desenvolvimento do equilíbrio corporal, físico, das pessoas jovens, adultas e

idosas. A promoção do bem estar físico; a motricidade ativa; o estabelecimento do relacionamento interpessoal; a dinamização dos aprendizados, caracterizam a educação não formal do espaço.

Como representantes do Cenário B, que corresponde as instituições nas quais as pessoas idosas entrevistadas e as pessoas não idosas entrevistadas, estavam vinculadas, sendo assim estabelecido o contato direto da investigadora com um ou mais representantes dessas instituições. Esse contato permitiu que o processo de investigação decorresse pelas informações publicadas no *site* das instituições, dos demais recursos mediáticos (*e.g. Facebook, Instagram*), como também complementadas pelo acesso a documentos compartilhados pelas pessoas não idosas entrevistadas. As instituições apontadas pela identificação de I4, I5 e I6, compõem o Cenário B.

A I4, que está alocada em Lisboa - Portugal, e possui um pouco mais de cinco anos de existência, faz parte de um projeto que é vinculado a uma Associação sem fins lucrativos. A consolidação do projeto se deu pela contemplação da premiação em uma das edições do Programa BIP/ZIP Lisboa - Parcerias Locais (Fermenta, 2019), o qual protagonizou o início do aporte financeiro para que as atividades focadas na pessoa idosa pudessem ser concretizadas. As atividades desenvolvidas promovem o encontro entre os saberes técnicos manuais, a exemplo dos bordados, com as técnicas e inovação do *design*. Como características de educação não formal do projeto, é possível destacar o comprometimento do grupo; o ser e estar presente na sociedade, a demarcar assim o espaço político, criativo, social, e econômico; a promoção de encontros entre pessoas de diferentes faixas etárias, oportunizando assim a troca de aprendizados, de responsabilidades, e da importância do respeito e da comunicação no estabelecimento das relações intergeracionais. Também se destaca que os projetos com os quais estão envolvidos, onde a valorização dos meios empresariais, mediáticos, sociais, são presentes e impulsionadores para que continuem em desenvolvimento, se comprometem com a promoção do empoderamento e visibilidade da pessoa idosa.

Já a I5, é identificada como uma Sociedade sem fins lucrativos, e está localizada no município de Florianópolis, e completou um pouco mais de 30 anos de existência, dos quais se destacam as ações pautadas na cultura, no esporte, na recreação. O espaço é identificado socialmente pela protagonização das influências históricas africanas, e de conscientização da importância das mesmas, sem perder o seu compromisso com as diversidades étnicas, culturais e de identidades que constituem a sociedade local e global (Novo Horizonte, 2020).

A constituição do grupo de idosos(as) se deu no ano de 2017, onde encontros e reuniões são realizados. Dentre as atividades desenvolvidas são apontadas, as palestras, as confraternizações, os eventos culturais, os passeios, como também a promoção de encontros intergeracionais, sendo assim envolvidos pelos aspectos de responsabilidade e representatividade social, vindo assim a apresentar características de educação não formal. O espaço é também disponibilizado para a realização de eventos diversos, a exemplo de aniversários, festas típicas e seminários. Um dos aspectos a serem destacados, é o envolvimento familiar que sustenta a identidade do espaço.

Sobre a I6, que também está alocada no município de Florianópolis, desenvolve ações em atenção às pessoas idosas a mais de 18 anos. Com o apoio da Secretaria de Assistência Social, o programa aqui registrado, possui a representatividade de 65 grupos de idosos(as), os quais podem estar vinculados a igrejas, associações, centros comunitários, a exemplo da I5. Como características de educação não formal se destaca a coordenação e a disponibilização de atividades que estão relacionadas ao bordado, pintura em tecido, jogos, realização de passeios, eventos culturais, a promoção do protagonismo social - tendo como referência os encontros entre os diversos grupos, com a participação no carnaval, no arraiaí e no show de talentos. Também existe uma preocupação com o bem estar da pessoa idosa, e em manter os(as) representantes de cada grupo informados(as) sobre as temáticas atuais, e em dispor de momentos onde as experiências possam ser compartilhadas. Fica um alerta sobre as motivações políticas que norteiam essas atividades, e até mesmo a essência desse programa.

As ações previstas com foco na observação, como um dos métodos de recolha de dados, não pode ser empregada de modo expressivo, pois, com o advento da pandemia COVID-19, os momentos da pesquisa que demandavam o contato social presencial, foram interrompidos, com a consideração de que as pessoas idosas estavam integradas ao grupo identificado como de risco (DGS, 2020a), ou seja, com uma vulnerabilidade significativa de contágio, assim as indicações de alerta recebidas tinham de ser respeitadas e seguidas. Com isso, a etapa de observação, que estava condicionada a Instituição 4, limitou-se a realização da observação em dois momentos específicos, e as entrevistas semiestruturadas realizadas, que ocupam um lugar fundamental na validação e contextualização deste trabalho, ocorrem com o apoio de recursos mediáticos.

As instituições atentas ao desenvolvimento de atividades promotoras do envelhecimento ativo, contribuem para o compartilhamento das vivências, como também

podem promover uma ressignificação dos sentidos do viver de cada um(a) dos(as) integrantes do grupo, como também de fundamentar o respeito das relações intergeracionais estabelecidas.

## 2.2 Opção metodológica

As discussões relacionadas ao contexto ao qual a sociedade vem se desenvolvendo, perpassa por diversos aspectos, a considerar a atenção a sustentabilidade ambiental, ao modo como as relações tem sido constituídas, como também em relação aos índices de desenvolvimento populacional, no qual se tem a atenção ao processo de envelhecimento da população, mais precisamente sobre a promoção do envelhecimento ativo.

A efetividade das ações promotoras do envelhecimento ativo conta com o direcionamento de uma perspectiva ativa da vida, onde essa perspectiva ativa está relacionada ao protagonismo social, ao estabelecimento das relações interpessoais e intergeracionais, como também da divisão de responsabilidades para que o bem estar da pessoa idosa seja estabelecido. Com isso, o investimento em espaços e em profissionais que venham a representar projetos de intervenção social, com o apoio de estratégias pautadas na educação não formal, e que promovam o empoderamento da pessoa idosa, é compreendido como essencial.

Deste modo a presente pesquisa busca responder a seguinte questão de investigação: Como um projeto de intervenção social empodera os idosos e contribui para um envelhecimento ativo?

Em complemento a questão de investigação, são estabelecidos os objetivos da pesquisa, que representam o detalhamento dos pontos, das informações, que irão possibilitar a fundamentação dos dados que norteiam a pesquisa. Assim, como objetivo geral se tem: Identificar e caracterizar dinâmicas de educação não formal no projeto de intervenção social relacionado com as vivências do envelhecimento ativo. E como objetivos específicos apresenta-se:

- Identificar características sócio demográficas das pessoas que frequentam e atuam no projeto.
- Compreender o contributo das relações interpessoais e intergeracionais presentes no projeto para o desenvolvimento social da pessoa idosa.

- Avaliar as estratégias de educação não formal eficazes que promovem práticas de envelhecimento ativo e minimizam os riscos de exclusão social das pessoas idosas.

Desse modo, a presente investigação se propõe a compreender como as atividades promotoras do envelhecimento ativo, representadas pelas pessoas que atuam e/ou coordenam os espaços onde os projetos de intervenção social apresentam-se, e pelas pessoas idosas que ocupam esses espaços, contribuem para o desenvolvimento das relações interpessoais e intergeracionais, e para o protagonismo social das pessoas idosas. Com isso se fez pertinente estabelecer o resgate das vivências dessas pessoas, idosas e não idosas, com o direcionamento dos recursos metodológicos e investigativos, como também perceber as aplicabilidades e eficácia das estratégias de educação não formal.

Como delineamento metodológico da presente pesquisa, destaca-se a abordagem de estudo de caso que, segundo Yin (2001), “é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro do seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos” (p.32). O envelhecimento ativo representa o fenômeno a ser investigado, dentro de um contexto que venha a promover o dinamismo das relações sociais que estabelece, como também as que representam a carga histórica das experiências vivenciadas.

É uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma *unidade* que se analisa aprofundamente. Esta definição determina suas características que são dadas por duas circunstâncias, principalmente. Por um lado, a natureza e abrangência da unidade. Esta pode ser um sujeito (...) Em segundo lugar, (...) está determinada pelos suportes teóricos que servem de orientação em seu trabalho ao investigador. (Triviños, 2011, pp.133-134)

A pesquisa possui o enquadramento qualitativo, por entender que as pessoas investigadas “não podem ser vistos[as] isoladamente. Precisam ser inseridos[as] em seu contexto cultural mais amplo, considerando os aspectos filosóficos, históricos e sociais em uma perspectiva conjunta” (Brasil, 2019a, p.74). A pesquisa qualitativa é constituída pela coparticipação que envolve o ambiente ao qual o investigador e o investigado integram

(Alexandre, 2009). De acordo com Gonsalves (2007), a pesquisa qualitativa caracteriza-se pela preocupação em compreender o fenômeno, “com a interpretação do fenômeno, considerando o significado que os outros dão às suas práticas” (p.69).

Com a definição da opção metodológica relacionada a presente pesquisa, se estabelece o delineamento do processo de contato e interpretação com o fenômeno investigado, como também a orientação sobre o olhar a ser cultivado para que a realidade da qual, tanto o(a) investigador(a), como as pessoas investigadas, fazem parte desse contexto de experiências, vivências.

### 2.3 Participantes

Como descrição do modo como a investigadora teve conhecimento das pessoas entrevistadas, sendo essas do grupo de idosos(as) ou do grupo de profissionais, houve uma variação.

Durante o processo de graduação em pedagogia, a investigadora teve a oportunidade de estagiar, em uma instituição que desenvolvia ações especificamente relacionadas às pessoas idosas, atividade essa que possibilitou o contato com pessoas comprometidas com essas ações, como também o contato com as pessoas idosas em si. Em resultado desse período, se estabeleceu a comunicação para a realização da entrevista de duas pessoas (a Lagoa, o Moçambique), que também frequentavam outros espaços de atenção a pessoa idosa.

Além de estarem vinculados a instituição por mais de 12 meses, essas duas pessoas também atenderam ao critério de participarem ativamente das atividades as quais estavam inscritas, como também representar o desenvolvimento do bem estar cognitivo e social relacionados as vivências do envelhecimento ativo. E em complemento a esses aspectos também era pertinente apresentar a habilidade de se comunicar por meio de recursos tecnológicos (*e.g.* computador, telefone celular) e de aplicativo (*e.g.* *WhatsApp*, *Skype*), a considerar o distanciamento geográfico, e também em respeito as medidas de restrição em virtude do período da pandemia da COVID-19.

Em outro momento, já enquanto profissional, também da área de psicologia, a investigadora teve a possibilidade de participar de um debate junto a um grupo de idosos(as), que resultou no contato aberto, para que nesse momento da pesquisa, quatro pessoas fossem entrevistadas, sendo três pessoas não idosas e uma pessoa idosa. As pessoas não idosas



representam duas instituições distintas, sendo a I5 e a I6, as quais correspondem ao critério de desenvolverem atividades promotoras do envelhecimento ativo, estarem abertas à comunidade com o tempo mínimo de 12 meses, constituir um projeto de intervenção social e promover as dinâmicas de educação não formal e de relações intergeracionais. A Joaquina e o Açores, representam a I5, e o contato direto dessas pessoas com a investigadora decorreu do debate realizado em 2017, o que permitiu que ele e ela se dispusessem a participar das entrevistas. Essas pessoas também indicaram o contato de mais duas pessoas entrevistadas, sendo uma pessoa idosa (a Campeche), e a outra, a Cacupé, é identificada como pessoa não idosa e está vinculada a I6.

Tendo em consideração o histórico profissional da investigadora, a mesma teve a possibilidade de atuar em mais de quatro instituições de ensino, de onde resultou o contato com dois professores aposentados/reformados, o Brava e o Canasvieiras, os quais, assim como as demais pessoas idosas entrevistadas, atendiam aos critérios estabelecidos para a participação dessa investigação.

Por fim, as quatro pessoas que se juntaram ao conjunto de 12 pessoas entrevistadas, o contato estabelecido está relacionado ao período de estudos da pesquisadora no presente programa de mestrado, mais especificamente ao resultado de um trabalho realizado em dupla, desenvolvido para a unidade curricular de Envelhecimento Ativo e Intervenção Educativa (2018/2019), o que permitiu o conhecimento prévio sobre um projeto focado na pessoa idosa na região de Lisboa – Portugal. Com base no contato inicial estabelecido, decorreu a primeira visita a Instituição (I4), a qual foi mediada pelo coordenador (o Forte), e que após outros contatos estabelecidos, foi possível realizar as observações (Observação 1 e 2) e as entrevistas, das quais participaram quatro pessoas, sendo uma pessoa não idosa (o Forte), o qual a entrevista foi realizada presencialmente, e três pessoas idosas (a Jurerê, a Sambaqui e a Armação). A seleção das três pessoas idosas entrevistadas decorreu com o apoio do Forte que, além dos critérios inicialmente estabelecidos, houve a preocupação de que essas pessoas estivessem familiarizadas com os recursos tecnológicos (*e.g.* telefone celular), e também com um ou mais aplicativos (*e.g.* *WhatsApp*, *Facebook*), dos quais permitissem que a comunicação fosse estabelecida, ação essa necessária em virtude das medidas restritivas decorrentes ao período pandêmico da COVID-19.

Fica o registro de que, em virtude da dificuldade de a investigadora obter uma resposta positiva por parte das instituições contatadas na região de Lisboa, as observações e as entrevistas decorreram pontualmente em atenção a I4, a considerar essa região.

Também é válido o registro de que as pessoas entrevistadas apresentam maioritariamente duas nacionalidades específicas, brasileira e portuguesa, com a exceção de uma pessoa ter a nacionalidade britânica. Mas, quanto aos países que residem, se mantêm a referência dos dois países, Brasil e Portugal.

## 2.4 Métodos e instrumentos

Com a caracterização sociodemográfica das pessoas entrevistadas, se registra o início dos procedimentos de recolha de dados. Segundo a Organização Mundial de Saúde (World Health Organization [WHO], 2005), “A composição etária de um país – o número proporcional de crianças, jovens, adultos e idosos – é um elemento importante a ser considerado” (p. 8). Essa caracterização possibilitou o resgate de dados que permitiram estabelecer o perfil inicial dos(as) participantes da pesquisa, principalmente tendo a fase idosa da vida como ponto de partida para a fundamentação dessa investigação.

Outro procedimento utilizado, está relacionado a entrevista, que representa “uma fonte essencial de evidências para os estudos de caso, já que a maioria delas trata de questões humanas” (Yin, 2001, p.114). Como direcionamento para o resgate das informações atentas ao fenómeno investigado, optou-se pela entrevista semiestruturada, a qual se pautou na recolha de informações que permitiram perceber as relações estabelecidas entre as ações de educação não formal, como também o processo de desenvolvimento social das pessoas entrevistadas, além do resgate de informações que estivessem diretamente relacionadas com as atividades e as ações disponibilizadas e que caracterizam os espaços aos quais as pessoas entrevistadas mantinham vínculo. Sobre a entrevista semiestruturada, ela é caracterizada pela existência de um roteiro elaborado previamente pelo(a) entrevistador(a), e que também permite que adaptações sejam aplicadas no decorrer da entrevista (Triviños, 2011).

Uma outra estratégia utilizada para a recolha de dados, foi a observação. De acordo com Bell (1997), o papel do(a) investigador(a), “consiste em observar e registrar da forma mais objectiva possível e em interpretar depois os dados recolhidos” (p.143). Como instrumento de coleta de dados, a observação apresenta uma variação no modo como o contato com os eventos são registrados, a considerar as diferenças quanto aos meios utilizados; o lugar onde se realiza a observação; o número de observações realizadas; e a participação do observador (Marconi & Lakatos, 2003).

A observação representa o elemento que permitiu acompanhar o desenvolvimento das atividades, o estabelecimento das interações, sem a mediação ou intervenção da investigadora, mesmo que utilizado de modo restrito, e pautado em um dos espaços, especificamente a Instituição 4, mas que, em virtude do período pandêmico da COVID-19, atualizações foram necessárias, e assim foram registrados dois momentos de observação *in loco*. Como estratégia de coleta de dados, a observação corresponde aos preceitos do delineamento metodológico do estudo de caso (Gil, 2009).

E a complementar os procedimentos anteriores, se tem a coleta de dados pelos registros documentais, que contemplam o uso de recursos mediáticos (acesso ao *site* das instituições) e de registros fotográficos, os quais foram essenciais para a realização das entrevistas, para o resgate de informações complementares sobre as instituições com as quais as pessoas entrevistadas mantinham vínculo, como também permitiram complementar a identificação do percurso das histórias de vida das pessoas entrevistadas, e dos espaços que representam. Segundo Yin (2001), os registros documentais representam um “tipo de informação [que] pode assumir muitas formas e deve ser o objeto de planos explícitos da coleta de dados” (p.107).

Para a etapa de análise dos dados o conjunto de informações coletadas estão relacionadas com os elementos presentes na fundamentação teórica, como também em atenção aos objetivos que compõem a presente pesquisa. Amado e Freire (2013), destacam que “para a análise ser exaustiva e atingir os objetivos do estudo de caso” (p.136), é pertinente que se mantenha a atenção no processo de reencontro com as questões norteadoras da investigação.

## 2.5 Procedimentos

Como etapa inicial do desenvolvimento da presente investigação, foi encaminhado o projeto à Comissão de Ética do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (Anexo A), da qual se obteve o parecer favorável. Também se destaca a apresentação do Termo de Consentimento Informado (Apêndice A), documento que foi elaborado e apresentado as pessoas entrevistadas, com a contextualização do objetivo da pesquisa, como também do compromisso de utilizar os dados resgatados exclusivamente para a pesquisa em questão, sendo assim o anonimato preservado e a ética destacada.

Em relação ao modo como as pessoas entrevistadas foram selecionadas, estabeleceu-se um conjunto de critérios. A iniciar pelas pessoas idosas, que correspondem a oito pessoas, sendo cinco mulheres e três homens, e que compreendem a faixa etária mínima de 60 anos de idade. Para além de atenderem ao requisito da idade, as pessoas idosas também deviam apresentar características relacionadas ao conceito de envelhecimento ativo, como também de estarem vinculadas a alguma instituição promotora de atividades atentas ao envelhecimento ativo e de acordo com os preceitos da educação não formal, seja na atualidade ou no passado, a considerar o tempo mínimo de 12 meses.

Já em relação as pessoas não idosas, que são representadas por quatro pessoas, sendo duas mulheres e dois homens, dos quais uma mulher e um homem atuam na mesma instituição, essas pessoas tinham de estar vinculadas a alguma instituição onde no quadro de atividades desenvolvidas, houvesse pelo menos uma atividade atenta a promoção do envelhecimento ativo. Além disso, essas pessoas deveriam desempenhar o papel de coordenação e/ou mediação, organização, dessas atividades com foco na pessoa idosa e de acordo com as dinâmicas da educação não formal, sendo sua vinculação presente, ou em um período passado, a considerar o tempo mínimo de 12 meses de ação.

Em respeito a preservação do anonimato de todas as pessoas entrevistadas, as mesmas foram identificadas pela associação ao nome de praças. Quanto as instituições, as identificações ficaram associadas ao uso da letra I, em conjunto com a numeração de 1 a 6.

Com as observações realizadas nos dias 09 e 14 de dezembro de 2019, fundamentou-se o início da recolha dos dados. A Observação 1, que ocorreu no dia 09 de dezembro de 2019, foi realizada na Instituição 4, e teve como destaque a visita de três estudantes e da professora da unidade curricular Envelhecimento Ativo e Intervenção Educativa, vinculada ao programa de mestrado de Educação e Formação com especialidade em Desenvolvimento Social e Cultural, do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. A Observação 2, que ocorreu no dia 14 de dezembro de 2019, também foi realizada na Instituição 4, e focou-se na realização do *workshop* Bordado em Fotografia. Com o tempo médio de 4 horas e 10 minutos, se totalizou os dois momentos de observação.

Na sequência foram realizadas as entrevistas semiestruturadas (Apêndices B e C), que decorreram entre os meses de janeiro a maio de 2020, e nesse período estão contemplados os momentos de convite (Apêndice D), contato inicial (Apêndice E), dos agendamentos, e da realização das entrevistas em si, que em alguns casos foi realizada em dois dias (a considerar o tempo de resposta obtida por intermédio do aplicativo *WhatsApp*).

A duração do tempo de interação com cada pessoa entrevistada variou de 20 minutos a 1 hora e 30 minutos, mas a média fica em torno dos 30 minutos. Essa variação está associada ao modo como cada pessoa acolheu as perguntas realizadas e se sentiu confortável ou não, em aprofundar o discurso sobre o tema.

Dentre os aspectos que também contribuíram para essa variação temporal, é possível citar dois, sendo: a) o desconforto associado a realização da entrevista por intermédio do aplicativo (havia a preferência de que ocorresse o contato presencial, mas com as medidas de restrições social e sanitárias decorrentes a pandemia COVID-19, esse contato ficou vetado), e b) a apresentação de respostas de modo textual (o que se deu em relação a duas pessoas).

Quanto ao desenvolvimento das entrevistas em si, houve uma variação quanto aos recursos tecnológicos utilizados, que segundo Ferreira, Coelho e Silva (2009), “devemos ter muito clara a compreensão a respeito da sua funcionalidade e de qual será o benefício que trará” (p. 17), e também houve variação no modo como essas interações decorreram. Fica o registro de que essas variações estão relacionadas ao período de alerta configurado pela pandemia COVID-19, caracterizada pelas restrições de contato social vivenciadas no eixo global, entre os meses de fevereiro e maio de 2020, o qual permanece, mas já com a aplicação de medidas mais flexíveis, até o presente momento de registro desses dados. Dentre os recursos tecnológicos utilizados destacamos o *notebook* e o telefone celular, os quais, com o acesso à internet, permitiram que as entrevistas fossem captadas, gravadas, transcritas e salvas. “com a expansão da internet, novos padrões de sociabilidade substituíram as formas de interação humana antes limitada pelas distâncias geográficas” (Alves & Silva, 2019, p.641).

Com o uso de aplicativos, a citar o *WhatsApp*, o *Facebook*, o *Skype*, o *Google forms*, as entrevistas puderam ser realizadas, e do aplicativo *Apowersoft*, as entrevistas puderam ser gravadas, e com o acesso ao *Google drive*, arquivadas. De acordo com Alves e Silva (2019), as “redes sociais fomentam a interatividade e o compartilhamento de dados pessoais e profissionais entre as pessoas (...) permitem a publicação de textos, fotos e vídeos (...), conversar por mensagem de textos ou por web conferência” (p.642).

Em continuidade a essa etapa de recolha de dados, deu-se o resgate dos registros documentais, maioritariamente pelo acesso ao *site* de cada uma das instituições, e também de demais recursos mediáticos (e.g. *Facebook*, *Instagram*), e também foi disponibilizado o acesso a documentos impressos da Instituição 4.

Ao se obter a reunião dos dados coletados, como resultado da utilização das estratégias de observação, da entrevista semiestruturada e dos registros documentais, estabeleceu-se a organização dos dados e o processo de categorização por unidades de semelhança, configurando-se assim o início da discussão.

### Capítulo III - Apresentação e discussão dos resultados

*“Curtindo ser Idoso... A mente tem mais tempo para se concentrar, tendo mais experiência, sabendo avaliar, tomando decisões sábias. Temos o desafio de enfrentar preconceitos, mostrando nossa competência, resolvendo com soluções que pareciam difíceis.” - Hans Christian Wiedemann*

Os dados a serem apresentados e contextualizados se referem ao conjunto de informações resgatadas, as quais, de acordo com Yin (2001), indicam que, “um ponto forte muito importante da coleta de dados para um estudo de caso é a oportunidade de utilizar muitas fontes diferentes para a obtenção de evidências” (p.120). O resgate dessas evidências se deu junto ao grupo de pessoas que foram entrevistadas em prol do desenvolvimento dessa investigação, e que virão a contribuir para a compreensão teórica sobre as ações que estão relacionadas a promoção do envelhecimento ativo, compondo assim a análise dos dados.

(...) o pesquisador que trabalha seus dados a partir da perspectiva da análise de conteúdo está sempre procurando um texto atrás de outro texto, um texto que não está aparente já na primeira leitura e que precisa de uma metodologia para ser desvendado (...) (Santos, 2011, p.87)

Na presente investigação, esses textos são representados pelas vivências verbalizadas pelas pessoas entrevistadas, pelas observações registradas, como também pelos dados documentais captados. A “análise de conteúdo (...) funciona por operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos” (Bardin, 1977, p.153).

A constituição dos roteiros de entrevistas pautou-se na representatividade das pessoas em relação ao fenômeno estudado, o envelhecimento ativo, dividindo-se em: um roteiro com foco nas pessoas idosas (Apêndice B) e o outro roteiro com foco nas pessoas identificadas como não idosas, que são as que coordenam e/ou participam de ações atentas a pessoa idosa (Apêndice C). Em relação aos dados coletados pela observação, se manteve o alerta quanto aos elementos que viessem a caracterizar o espaço como um projeto promotor do envelhecimento ativo, e que com base nas atividades desenvolvidas, pautadas nas estratégias

da educação não formal, as relações interpessoais e intergeracionais fossem constituídas. “Assumindo-se que os fenômenos de interesse não sejam puramente de caráter histórico, encontrar-se-ão disponíveis para observação de alguns comportamentos ou condições ambientais e relevantes” (Yin, 2001, p.115). Quanto aos dados documentais, representaram o caminho para que as características de identificação das instituições as quais as pessoas idosas estão vinculadas fossem resgatadas, como também vieram a complementar os dados apresentados pelas pessoas não idosas, em relação aos projetos onde atuam.

Segundo Bardin (1977), “entre as diferentes possibilidades de categorização, a investigação dos temas, ou *análise temática*, é rápida e eficaz na condição de se aplicar a discursos directos (significações manifestas) e simples” (p.153). Com o direcionamento das questões apresentadas nos objetivos específicos da presente investigação, se direcionou a divisão das categorias para o desenvolvimento da análise dos dados, as quais foram subdivididas em acordo com os roteiros de entrevistas, onde as pessoas idosas e as pessoas que coordenam e/ou participam de ações atentas a pessoa idosa representam cada um desses roteiros. Mas mesmo havendo essa distinção, existem registros que permitem o alinhamento entre as percepções das pessoas idosas e não idosas.

Antes do período de alerta pandêmico COVID-19 (WHO, 2020), foi possível realizar a entrevista pessoal a uma pessoa não idosa, a qual a investigadora contou com o apoio do celular para a captação do diálogo. Também em virtude da pandemia COVID-19, a utilização da observação, que segundo Yin (2001), representa “outra fonte de evidências em um estudo de caso” (p.115), prevista para ocorrer pontualmente em uma das instituições, designadamente a Instituição 4, foi limitada a dois momentos de registros, que decorreram nos dias 09 e 14 de dezembro de 2019, com o total, média, de 4horas e 10minutos.

Como registro inicial dessa etapa de análise dos dados, segue o cronograma da recolha dos dados, dispostos na Tabela 2, o qual foi adaptado em resposta ao período de alerta pandêmico COVID-19.



Tabela 2

*Cronograma da Recolha de Dados*

DATA	ESTRATÉGIA DA RECOLHA DE DADOS	PESSOA PESQUISADA	LOCAL EM FOCO OU RECURSO UTILIZADO
09/dez/2019	Observação 1	1 professora, 3 estudantes, a coordenadora, o Forte, participantes do projeto	Instituição 4
14/dez/2019	Observação 2	a coordenadora, o Forte, participantes do projeto, participantes do <i>workshop</i>	Instituição 4
21/jan/2020	Entrevista semiestruturada	o Forte	Instituição 4
02/abr/2020	Entrevista semiestruturada	a Lagoa, o Moçambique, o Brava	Facebook
03/abr/2020	Entrevista semiestruturada	a Jurerê, a Sambaqui	WhatsApp
03 e 04/abr/2020	Entrevista semiestruturada	a Armação	WhatsApp
09/abr/2020	Entrevista semiestruturada	a Joaquina	Facebook
14/abr/2020	Entrevista semiestruturada	o Canasvieiras	Skype
22 e 23/abr/2020	Entrevista semiestruturada	o Açores	WhatsApp
28 e 30/abr/2020	Entrevista semiestruturada	a Cacupé	WhatsApp
05/maio/2020	Entrevista semiestruturada	a Campeche	WhatsApp

A Observação 1, realizada no dia 09 de dezembro de 2019, foi caracterizada pelo acompanhamento da investigadora, a um grupo de quatro pessoas sendo, uma professora e três estudantes (um rapaz e duas raparigas), representantes da unidade curricular – Envelhecimento Ativo e Intervenção Educativa (2019/2020), que está vinculada ao programa de mestrado de Educação e Formação, com especialidade em Desenvolvimento Social e Cultural, do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. Essa visita decorreu no período vespertino, com a duração média de 1 hora e 35 minutos. No acesso ao espaço da Instituição 4, o grupo foi recebido pelas participantes do projeto, e na sequência a coordenadora se direccionou ao grupo, e após os cumprimentos, informou que o coordenador

também participaria do encontro. A seguir, a coordenadora apresentou a disposição do espaço, onde os aspectos visuais foram predominantes, o que reforçou o contato com os materiais produzidos pelas pessoas idosas vinculadas ao projeto. Com a conclusão desse contato inicial com o ambiente, o grupo foi convidado a sentar-se em volta de uma mesa, onde a coordenadora contextualizou sobre o histórico da Instituição, como também apresentou o registro de alguns trabalhos, dentre outras informações que vieram a reforçar a divulgação das atividades que fundamentam a existência do projeto. Logo o coordenador juntou-se ao grupo, e a visita seguiu em acordo com a atenção de todos(as) e, após o esclarecimento de algumas dúvidas, o grupo teve a oportunidade de acompanhar a produção de algumas pessoas idosas presentes.

A Observação 2, realizada no dia 14 de dezembro de 2019, foi pautada na realização do *workshop* Bordado em Fotografia, que decorreu no período vespertino, no qual a investigadora esteve presente no tempo médio de 2 horas e 30 minutos. No acesso ao espaço da Instituição 4, a investigadora foi recebida pelas participantes do projeto e pelo coordenador, o qual sinalizou que a investigadora poderia ficar a vontade para realizar a observação. A coordenadora também estava presente, e se ateve a ocupar o espaço em volta de uma das mesas dispostas para o desenvolvimento das atividades. Na organização do espaço para a realização do *workshop*, estavam dispostas três mesas principais, as quais contavam com a presença de algumas das pessoas idosas vinculadas ao programa, como também com a disposição dos materiais necessários para a ação. A mesa um, que estava localizada ao lado da porta de acesso ao ambiente e que também fica próxima ao espaço da vitrine, tinha em seu entorno três pessoas idosas e cinco participantes do *workshop*, onde estavam todas envolvidas com a atividade de bordar a fotografia impressa no tecido, com a escolha da imagem a ser bordada, a escolha da linha, e de qual parte da imagem deveria ser preenchida, movimentos esses que eram reforçados pelos diálogos correspondentes. A mesa dois, estava localizada um pouco mais afastada da entrada principal, contava com a presença da coordenadora e mais quatro participantes do *workshop*, sendo uma delas uma criança. A criança, que era uma menina, optou por sentar próxima a coordenadora do projeto. Logo a coordenadora explicou como a atividade seria realizada, e a criança, assim como as demais participantes, começaram por escolher a fotografia impressa no tecido que despertava a atenção de cada uma das participantes. Já a mesa três, que estava localizada na sequência da mesa dois, estando assim mais afastada da entrada do espaço, e tinha em seu entorno uma pessoa idosa, e mais cinco participantes do *workshop*, e assim como as demais mesas, as

participantes puderam escolher a fotografia impressa no tecido de interesse, e seguir para a etapa seguinte, já a pessoa idosa, já havia iniciado a etapa do bordado, mas parou por alguns minutos para poder orientar as participantes com as quais dividiu o espaço na mesa. As atividades decorreram de modo gradativo, com a participação efetiva de todas as pessoas envolvidas, e, com atenção ao desenvolvimento de atividades de recepção a clientela, de atualização do material destinado à realização do *workshop*, como também da atenção em servir um chá para todas as pessoas presentes, se deu a movimentação do coordenador. O estabelecimento das relações intergeracionais e do protagonismo social das pessoas idosas, foram os elementos de destaque da Observação 2.

No decorrer da análise serão apresentados recortes das observações decorridas, como também trechos das entrevistas realizadas, e sendo assim, é importante registrar que os nomes apresentados são fictícios, para que desse modo a identidade das pessoas que participaram da pesquisa seja preservada.

A seguir com a apresentação e discussão dos resultados, se faz o resgate da questão orientadora da pesquisa, que é: Como um projeto de intervenção social empodera os idosos e contribui para um envelhecimento ativo? Para que essa questão fosse respondida, foi pertinente se ater aos objetivos (geral e específicos) propostos, como também aos roteiros de entrevista semiestruturada que direcionaram o resgate das informações junto as pessoas idosas e não idosas entrevistadas.

Sendo assim, se tem como estratégia seguir com o desmembramento dos apontamentos presentes nos objetivos específicos.

### **3.1 Identificar características sociodemográficas das pessoas que frequentam e atuam no projeto.**

Com o objetivo de apresentar os dados que permitam caracterizar as pessoas entrevistadas, em atenção aos aspectos sociodemográficos, que se fundamenta essa primeira parte de questionamentos.

A identificação das pessoas entrevistadas, está associada ao nome de praias da cidade de Florianópolis, estado de Santa Catarina – Brasil, sendo assim preservado o anonimato dessas pessoas.

A Tabela 3 se refere a organização dos dados sociodemográficos apontados pelas pessoas idosas entrevistadas, com a complementação da identificação de sexo feminino e masculino, para facilitar a leitura no decorrer do trabalho, tendo em vista a opção da investigadora em associar a nomenclatura fictícia das pessoas entrevistadas a praias.

Tabela 3

*Características Sociodemográficas das Pessoas Idosas Entrevistadas*

	SEXO	NOME	IDADE	ESTADO CIVIL	NATURALIDADE	ESCOLARIDADE <sup>2</sup>	PROFISSÃO <sup>3</sup>
1	Feminino	Lagoa	74	Divorciado(a) /Separado(a)	Florianópolis	1º grau incompleto <sup>4</sup>	Copeira
2	Masculino	Moçambique	76	Divorciado(a) /Separado(a)	Brasileiro (Rio de Janeiro)	Doutorado	Engenheiro Mecânico de Produção
3	Masculino	Brava	68	Divorciado(a) /Separado(a)	Santo Amaro da Imperatriz	Mestrado	Contador, Professor universitário, Pesquisador, Escritor
4	Masculino	Canasvieiras	68	Viúvo(a)	Britânico (Leeds)	Doutorado	Professor
5	Feminino	Campeche	73	Casado(a)	Florianópolis	2º grau completo <sup>5</sup>	Auxiliar de Enfermagem, Contadora de História voluntária
6	Feminino	Jurerê	62	Casado(a)	Vila Nova de Gaia	2º grau completo	Escrituária de primeira, Auxiliar de geriatria
7	Feminino	Armação	80	Divorciado(a) /Separado(a)	Lisboa	Especialização	Jurista
8	Feminino	Sambaqui	64	Viúvo(a)	Lamego	2º grau completo	Emp. Bancária

<sup>2</sup> Corresponde a Habilitações acadêmicas.

<sup>3</sup> Corresponde a Experiências profissionais.

<sup>4</sup> Corresponde ao 2º ciclo incompleto.

<sup>5</sup> Corresponde ao 3º ciclo completo.

Com relação as pessoas idosas, é possível identificar a variação quanto ao número de mulheres participantes, sendo cinco (62,5%), e o número de homens participantes, sendo três (37,5%), tendo assim a somatória de oito pessoas idosas entrevistadas. Esse resultado vem condizer com as impressões empíricas observadas pela investigadora em outros momentos, onde o índice de participação das mulheres em projetos e espaços que desenvolvem ações com foco na pessoa idosa, é mais expressivo comparativamente aos homens. Mesmo que no contexto relacionado a presente pesquisa, essa diferença não seja alarmante. Massi et al. (2018), apontam que além da variante expectativa de vida, onde o número de mulheres que envelhecem apresenta uma percentagem significativamente maior em relação ao número de homens, também se tem o reflexo do modo como são constituídas as cobranças sociais sobre o papel a ser desempenhado pelo homem, onde a virilidade e a não manifestação da vulnerabilidade, devem corresponder ao delineamento desse papel, e que acaba por resultar na prevalência do número de mulheres que participam das atividades em grupo ou mesmo na busca pelos serviços de saúde.

Em atenção aos espaços frequentados pelas pessoas idosas entrevistadas, a apresentação dessa variação pode estar relacionada a diferentes fatores, como: ao tipo de atividade que é ofertada por esses espaços; a problemas de mobilidade; ao exercício de atividades profissionais com uma carga horária expressiva; a participação em atividades não relacionadas a educação não formal; a resistência e/ou receio em compartilhar sentimentos; dentre outros aspectos.

Quanto a idade, é possível identificar a predominância da faixa etária dos 60 anos, com quatro pessoas (50%). Na sequência é identificada a faixa etária dos 70 anos, com 3 pessoas (37,5%), e uma pessoa na faixa etária dos 80 anos (12,5%). O registro desses índices vem expressar o interesse das pessoas idosas em continuar a participar de uma ou mais atividades que tenham relevância social, ou seja, que promovam o desenvolvimento dessas pessoas, e “podem ampliar a aceitação da própria velhice, favorecendo o bem estar e promovendo satisfação e autoestima dos idosos” (Massi et al., 2018, p.10).

O se manter ativo(a) e se perceber como detentor(a) de disposição, conhecimento e tempo para participar de atividades que reconheçam as potencialidades e os pontos de cuidado dessa fase da vida, são elementos que contribuem para o envelhecimento ativo. Quanto as pessoas das faixas etárias seguintes (acima dos 60 anos de idade), podem representar a continuidade desse período inicial, estando assim a mais de 10 anos envolvidas com ações do envelhecimento ativo. Mas também existe a possibilidade de terem iniciado as

atividades um pouco mais tarde, por questões familiares, de saúde, dentre outras. Segundo Schneider e Irigaray (2008), “percebe-se o quanto a velhice é uma experiência heterogênea e complexa, pois para alguns a aposentadoria pode significar o desengajamento da vida social e, para outros, o início de uma vida social prazerosa, composta por atividades e lazer” (p.591).

Já sobre o estado civil, quatro pessoas indicaram estar divorciado(a)/separado(a) (50%), duas indicaram ser casado(a) (25%) e duas indicaram ser viúvo(a) (25%). Com exceção das pessoas declaradas como casados(as), nas quais já está implícito o estabelecimento de uma relação conjugal, nos demais casos, não se exclui a possibilidade de no presente estarem a vivenciar um relacionamento amoroso ou mesmo terem casado novamente.

Tendo como base o desenvolvimento das entrevistas, onde as pessoas compartilharam algumas informações para além das que estavam a orientar a presente investigação, soube-se sobre a situação dos relacionamentos amorosos na atualidade. Assim, há um casal que namora entre as pessoas declaradas divorciado(a)/separado(a), também há o entrevistado declarado divorciado/separado que casou novamente, e há o entrevistado declarado viúvo que está a namorar.

Quanto ao questionamento sobre a naturalidade das pessoas participantes, quatro são originárias de cidades brasileiras (50%), três são originárias de regiões portuguesas (37,5%), e uma pessoa é de origem britânica (12,5%), mas que vive a mais de 20 anos no Brasil. Sendo assim, do total de pessoas entrevistadas, cinco residem no Brasil, mais especificamente nas cidades de Florianópolis e São José, do estado de Santa Catarina. E três pessoas idosas residem na região de Lisboa, em Portugal.

A predominância dessas duas regiões corresponde ao percurso acadêmico e profissional da investigadora, que constituiu o seu processo formativo no Brasil, e nesse momento reside e estuda em Portugal.

Com relação a escolaridade das pessoas entrevistadas, as divisões são mais amplas, sendo: uma pessoa com o 1º grau incompleto/2º ciclo incompleto (12,5%); três pessoas com o 2º grau completo/3º ciclo completo (37,5%); quatro pessoas pós graduadas (50%), das quais são representadas por uma especialista, um mestre e dois doutores. Ao se estabelecer uma relação entre a escolaridade e o sexo das pessoas idosas participantes, se tem o seguinte cenário: uma mulher = 1º grau incompleto/2º ciclo incompleto; três mulheres = 2º grau completo/3º ciclo completo; uma mulher e três homens = pós graduados(a).

Fica o registro de que todos os homens desse grupo são pós graduados. Já as mulheres possuem representatividade nos diferentes ciclos de escolaridade. Esses índices remetem ao desenvolvimento de reflexões sobre o período o qual essas pessoas vivenciaram a sua adolescência e juventude, a que modelo e conceitos familiares foram criados(as)/influenciados(as), a que padrões sociais tinham de responder/se enquadrarem, ao que compreendiam sobre a perspectiva de vida e de planejamento futuro, ao tipo de oportunidades que eram dispensadas às mulheres e aos homens a 50, 60 anos atrás, dentre outros aspectos que, de algum modo, buscavam direcionar os caminhos a serem seguidos pelas mulheres e pelos homens na época em que as pessoas idosas aqui entrevistadas eram jovens.

“Em muitas sociedades, as mulheres jovens e adultas têm status social inferior e acesso mais restrito a (...) educação, trabalho significativo e serviços de saúde” (WHO, 2005, p. 20). De acordo com o modelo familiar predominante, às vezes o direito de fazer escolhas não era uma realidade, mas algo a ser determinado por outrem, seja em relação ao direcionamento de qual o percurso escolar, acadêmico, a ser seguido, ou mesmo na indicação de como a vida pessoal deveria ser constituída, com a garantia do casamento, a formação de uma família e a dedicação ao cuidado dessa família. Mas, ao se ter como ênfase as pessoas idosas aqui entrevistadas, ao estarem vinculadas a um ou mais projetos de intervenção social, demarcam o rompimento com o que é determinado pelo outro, e passam a realizar escolhas que correspondam aos seus interesses pessoais, seus desejos, e efetivá-las.

A profissão das pessoas idosas entrevistadas, distribui-se por: uma copeira (12,5%); um engenheiro mecânico de produção (12,5%); dois professores (25%); uma auxiliar de enfermagem (12,5%); uma escriturária de primeira e auxiliar de geriatria (12,5%); uma jurista (12,5%); uma bancária (12,5%). Um dos professores indicou que também é contador (que corresponde a profissão de contabilista em Portugal), pesquisador e escritor. E a entrevistada que é auxiliar de enfermagem, também atua voluntariamente como contadora de história e mediadora de leitura.

As atividades profissionais apontadas pelas pessoas entrevistadas, indicam uma diversidade quanto as áreas de atuação, como também ao nicho de possibilidades presentes no meio ao qual as pessoas estavam e estão vinculados(as). Mas é válido salientar que uma parte desses registros correspondem a experiência profissional com a qual se sucedeu o período de aposentadoria/reforma dessas pessoas.

Os dados sociodemográficos resgatados, permitem o acesso a um conjunto de informações que vem a contribuir para a personificação das pessoas idosas entrevistadas. Além disso, quando da discussão dos dados que seguirão, será possível estabelecer uma interligação entre as vivências e percepções dessas pessoas, com os registros que caracterizam as bases formativas das mesmas.

Ainda sobre o decorrer da discussão dos dados resgatados, as pessoas idosas entrevistadas podem vir a indicar informações sobre os vínculos familiares estabelecidos, dentre outros aspectos que não foram diretamente instigados pela investigadora.

Em continuidade a apresentação dos dados sociodemográficos resgatados, segue na Tabela 4 o registro das características sociodemográficas das pessoas não idosas entrevistadas, que correspondem as pessoas que coordenam e/ou participam de atividades relacionadas a promoção do envelhecimento ativo.

Tabela 4

*Características Sociodemográficas das Pessoas Não Idosas Entrevistadas*

	SEXO	NOME	IDADE	ESTADO CIVIL	NATURALIDADE	ESCOLARIDADE <sup>6</sup>	PROFISSÃO <sup>7</sup>
1	Masculino	Forte	37	Solteiro(a)	Vila Nova de Gaia	Superior completo	Psicólogo
2	Feminino	Joaquina	58	Solteiro(a)	Palhoça	Superior completo	Professora
3	Masculino	Açores	65	Casado(a)	Santo Amaro da Imperatriz	2º grau completo <sup>8</sup>	Educador - Agente profissional aposentado
4	Feminino	Cacupé	51	Casado(a)	São Miguel do Oeste	Superior completo	Psicóloga - clínica, escolar e organizacional. Superintendente de Proteção Social.

<sup>6</sup> Corresponde a Habilitações acadêmicas.

<sup>7</sup> Corresponde a Experiências profissionais.

<sup>8</sup> Corresponde ao 3º ciclo completo.



Assim como se deu o resgate dos dados junto as pessoas idosas, no grupo de pessoas não idosas se manteve o indicativo do sexo feminino ou masculino, para ressaltar a diferenciação que a identificação pelo nome de praias não permite.

Nesse grupo são identificadas quatro pessoas, sendo duas mulheres (50%) e dois homens (50%). Essa representação é compreendida como essencial para o desenvolvimento das atividades, pois permite que haja uma ampliação das propostas a serem anunciadas, como também tende a contribuir para o estabelecimento do vínculo com a pessoas idosas participantes. Além desse aspecto, numa perspectiva global, o comprometimento de homens e de mulheres com as ações promotoras do envelhecimento ativo, vem “incentivar e permitir que as pessoas desenvolvam autonomia, habilidades cognitivas, como resolver problemas, comportamento voltado para o social (...) ajudá-los a melhorar seu bem estar” (WHO, 2005, p.49), tende a sensibilizar o olhar da sociedade e chamar a atenção para a importância de se investir recursos e tempo em prol do bem estar da pessoa idosa.

Na apresentação do dado relacionado a idade, uma pessoa está na faixa etária dos 30 anos (25%), duas pessoas na faixa etária dos 50 anos (50%) e uma pessoa na faixa etária dos 60 anos (25%). As faixas etárias apresentadas permitem que o relacionamento intergeracional se faça presente, onde “o aprendizado entre gerações preenche a lacuna entre as diferenças de idade, melhora a transmissão de valores culturais e promove o valor de todas as idades” (WHO, 2005, p.30), o que vem a contribuir para diversos aspectos do compartilhamento de vivências e histórias entre essas pessoas. Outro ponto se refere a proximidade da fase idosa da vida ou mesmo de quem já representa essa etapa, esse aspecto evidencia uma compreensão mais apurada sobre as transições relacionadas a essa fase da vida, como também o poder experimentar as possibilidades de planejamento de um envelhecimento ativo, “o que permite o reconhecimento dos direitos dos mais velhos à igualdade de oportunidades e tratamento em todos os aspectos da vida à medida que envelhecem” (WHO, 2005, p.14).

Em relação ao estado civil, duas pessoas entrevistadas registraram serem solteiras (50%) e outras duas declararam ser casadas (50%). Assim como foi destacado na apresentação dos dados em atenção as pessoas idosas, o mesmo se destaca aqui quanto ao compartilhamento de informações complementares por parte das pessoas não idosas entrevistadas, onde registrou-se que a entrevistada identificada pelo estado civil de solteira, está a namorar.

Quanto a naturalidade das pessoas entrevistadas, um dos participantes é originário da região norte de Portugal (25%), mas reside em Lisboa, e três participantes são originários(as)

de cidades brasileiras (75%), sendo todas pertencentes ao estado de Santa Catarina. As incidências de predominância dessas duas regiões, estão alinhadas com o registro das pessoas idosas entrevistadas, como também com o percurso empírico da investigadora.

Já sobre a escolaridade das pessoas entrevistadas, três registraram ser graduadas (75%), e um concluiu o ensino médio/3º ciclo (25%). Ao se estabelecer a relação da escolaridade das pessoas entrevistadas com o sexo, as mulheres possuem a graduação, e os homens se dividem entre a graduação e a conclusão do ensino médio/3ºciclo. Mesmo que representem a metade do número de pessoas idosas entrevistadas, em uma perspectiva comparativa, é possível fazer a inferência de que em 10 anos de diferença, se apresenta uma representatividade maior do número de mulheres presentes em instituições universitárias onde, “a conquista feminina de um lugar cada vez mais visível na esfera pública alterou sensivelmente as relações de gênero e a vida familiar” (Aboim, 2010, p.39), o que vem a contribuir para a minimização do distanciamento entre as possibilidades futuras de desenvolvimento social, cultural, econômico, para além do significado histórico.

Com relação a profissão das pessoas entrevistadas, são identificados dois psicólogos(as) (50%), uma professora (25%) e um educador/agente profissional (25%). Todas as profissões as quais as pessoas entrevistadas estão relacionadas, partem da premissa de estar em relação com o outro, da “importância das relações sociais no desenvolvimento dos indivíduos e (...) desenvolvimento emocional” (Marques, 2019, p.29), seja no grande grupo ou em momentos mais reservados. Essa premissa vem a contribuir para o desenvolvimento das atividades, nas quais o relacionamento interpessoal representa uma forte relevância para que os trabalhos em grupo ocorram, e assim cada pessoa envolvida venha a se desenvolver individualmente e emocionalmente, para o estabelecimento de vínculos, como também para a atenção as histórias de vida compartilhadas e o comprometimento ético.

Como registro complementar as características sociodemográficas das pessoas entrevistadas, e que também permite o acompanhamento mais claro sobre a relação estabelecida entre cada uma das pessoas participantes, com as instituições descritas no desenho da investigação, das quais somente três possuem a representação de uma ou mais pessoa(s) não idosa(s), segue a Tabela 5 de identificação da relação entre a Instituição e a pessoa entrevistada.

Tabela 5

*Relação: Instituição e a Pessoa Entrevistada*

INSTITUIÇÃO	PESSOA ENTREVISTADA
I1	a Lagoa, o Moçambique
I2	o Canasvieiras
I3	o Brava
I4	a Jurerê, a Armação, a Sambaqui, o Forte
I5 <sup>9</sup>	a Campeche, a Joaquina, o Açores
I6	a Lagoa, a Cacupé

O envolvimento com a promoção de ações atentas ao envelhecimento ativo, seja no exercício do papel de coordenação do projeto de intervenção social ou na organização da agenda para que os eventos decorram, e, principalmente, pelo compromisso com o empoderamento da pessoa idosa, pode vir a contribuir para o cultivo de um novo significado da fase idosa da vida e das possibilidades do modo de lidar com essas pessoas, como também de um novo sentido do modo como essas relações são potencializadas e a percepção do respeito mútuo.

A apresentação das características sociodemográficas das pessoas aqui entrevistadas, idosas e não idosas, demarca o início da pesquisa, como também o contato com os dados empíricos que representam o histórico de vivências de cada uma dessas pessoas, e que virão fundamentar o desenvolvimento de ações promotoras do envelhecimento ativo. Em continuidade a apresentação e discussão dos dados resgatados, segue-se com a categorização associada aos objetivos específicos, o que também estará focada no primeiro momento aos registros das pessoas idosas, e no segundo momento aos registros das pessoas não idosas.

---

<sup>9</sup> Registra-se que a I5 faz parte de um dos grupos que é apoiado pela I6.

### 3.2 Compreender o contributo das relações interpessoais e intergeracionais presentes no projeto para o desenvolvimento social da pessoa idosa.

Ao participarem das atividades promotoras do envelhecimento ativo, as pessoas idosas entrevistadas sinalizaram estarem associadas, no mínimo, a uma instituição. Mas como se deu o conhecimento sobre a existência dessa instituição? De um modo geral, se teve o registro de que esse conhecimento se deu por intermédio, indicação, de outra pessoa, a considerar quatro pessoas (44,4%), com variações entre uma indicação médica ou por outra pessoa idosa que já frequentava a instituição. Esse registro evidencia a importância dos relacionamentos interpessoais, que “são centrais em várias fases do curso da vida, assumindo nas idades avançadas um papel de destaque” (Daniel et al., 2016, p.358), por onde os contatos são estabelecidos, experiências são compartilhadas, e também é possível que se estabeleça uma proximidade e semelhança na percepção sobre os aprendizados relacionados a essa fase da vida.

*“Há no (...) [instituição] é porque eu sou comerciária, então eu tinha conhecimento do (...). E no outro grupo eu fui indicada por uma pessoa para ir para esse outro grupo. [Mas no (...) tu recebias os informes, aí tu viste que era algo interessante e foste?] Exato, aí eu fui para ver como é que era né, já que eu to aposentada, e não ia ficar em casa sem fazer nada né. E aí fui lá, vi, gostei e estou até hoje. (...)”* (a Lagoa, 74 anos)

*“Olha, eu realmente, eu comecei a participar do grupo da escrita, que eu fazia parte eu participava de um (...) grupo de idosos. E aí um desses, um dos idosos me chamou para participar do grupo da (...) [associação]. E daí para frente, para questão de um e o outro fala, e eu acabei é me envolvendo cada vez mais (...)”*. (o Moçambique, 76 anos)

*“(...) eu foi mandado pelo cardiologista. Que eu passei o primeiro ano pensando ‘Ah, uma pessoa cardíaca tem que ficar deitado na cama não fazendo nada’, quando eu cheguei a 120kg eu sabia ‘Não, não é por aí não’. Aí falei com o meu cardiologista na época, ele disse ‘O que é que aconteceu contigo?’, você vai pra isso, aí eu fui, aí eu comecei no (...) [instituição] (...) [Daí eles faziam, eram as caminhadas e as palestras?] Caminhadas, e fazia esteira, e fazia malhação, fazia palestra, fazia coisas social, tinha festas, esse tipo de coisa, (...) era muito bom (...)”* (o Canasvieiras, 68 anos)

*“Tive conhecimento há uns anos, praticamente desde que existe o projeto, através de pessoas que já participavam desse mesmo projeto, e então como, como tinha reformado, ahm, gostaria de fazer um voluntariado e, desloquei-me e contactei com*

*o (...) [coordenador] e fiquei exatamente a saber qual era o objetivo do projeto, então nessa altura, ahm, decidi ficar (...)”* (a Armação, 80 anos)

Outro registro presente destaca o intermédio da comunicação social, a contar com os informativos do espaço (o jornal específico impresso e por *e-mail*) e o outro caso está relacionado as redes sociais, o que é representado por duas pessoas (22,2%). Esses informes vêm salientar a importância das mídias em “fornecer imagens realistas e positivas do envelhecimento ativo, bem como informações educativas sobre o envelhecimento ativo” (WHO, 2005, p. 52). Conta-se também com a disponibilidade das pessoas idosas buscarem informação, vindo a manifestar o interesse de acompanhar os acontecimentos sociais, culturais, e assim participarem das ações que entendem como, no mínimo, interessantes. Mas também permite acompanhar como os espaços sociais tem manifestado a atenção e o investimento em ações relacionadas a promoção do envelhecimento ativo.

*“Foi através de um site do Facebook em que (...) pediam colaboradores para adubagem de lanche que lhes tinha sido oferecido.”* (a Sambaqui, 64 anos)

Nesses cinco registros apresentados, é válido pontuar que a entrevistada Lagoa corresponde as duas estratégias de conhecimento (indicação e informativo) das ações promotoras do envelhecimento ativo, pois está vinculada e participa das atividades em dois espaços diferentes.

Os demais registros, sendo de três pessoas entrevistadas (33,3%) representam outros aspectos do envelhecimento ativo, como o fato de estar a busca de uma atividade que permitisse lidar com o histórico de lesões esportivas, como é destacado pelo entrevistado Brava.

*“(...) uma relutância que eu tinha em função do futebol, de cuidar das lesões decorrentes, e de não fazer fisioterapia, nem ginástica, nem nada disso, a minha versão era que a ginástica se fazia por labor comum e o próprio esporte, não tinha nada que fazer atividades de Educação Física ou de recuperação em espaço fechado, só espaço aberto. Aí depois alguns colegas que foram se lesionando foram para a fisioterapia, foram para academias e eu fiz uma aula experimental de pilates e a partir daí eu comecei a fazer, acho que já fazem uns quatro, cinco anos. Mas foi então por exemplo de colegas do futebol, e eu comecei a fazer academia centrada no pilates e está sendo muito importante para eliminar dores constantes que eu tinha, principalmente na parte muscular e óssea (...)”* (o Brava, 68 anos)

Outro aspecto está relacionado a união de uma caminhada com a curiosidade, o que permitiu conhecer e ingressar no espaço, como registra a Jurerê.

*“Estava passando pela rua, vi e entrei, muito simples. Perguntei o que era e a (...) [coordenadora] explicou. Fiquei fascinada e comecei a frequentar.”* (a Jurerê, 62 anos)

Também há o registro da Campeche, que frequentava o espaço por outras razões.

*“A princípio eu e meu esposo era só frequentador, em setembro de 2017 é que participei do Grupo com ajuda da Aconthif (Associação de Contadores de História de Florianópolis) (...)”* (a Campeche, 73 anos)

No conjunto de registros aqui apresentados, fica a evidência de que os espaços promotores do envelhecimento ativo dispõem de uma diversidade de estratégias para comunicar e acolher as pessoas idosas frente as atividades ofertadas, e também chamam a atenção para a posição que ocupam na sociedade, com uma representatividade efetiva e presente em contextos diversos.

As pessoas idosas entrevistadas foram questionadas sobre há quantos anos participam das atividades promotoras do envelhecimento ativo ou do tempo que participaram dessas atividades, o que resultou numa diversidade de respostas, sendo aqui agrupadas em três categorias: de 1 a 4 anos = quatro pessoas (50%), de 5 a 9 anos = duas pessoas (25%), a partir de 10 anos = duas pessoas (25%). De acordo com esses registros, se percebe uma diversidade temporal quanto ao interesse e disponibilidade das pessoas em participarem de alguma atividade nessa fase da vida. Mas, ao se fazer a retomada da faixa etária dessas pessoas, é possível identificar o exemplo de quem já estivesse a participar dessas atividades antes de compor o grupo de pessoas identificadas como idosas. Esse caso em específico está relacionado a um diagnóstico de doença cardíaca, como foi registrado pelo Canasvieiras, *“(...) eu foi mandado pelo cardiologista (...)”* (o Canasvieiras, 68 anos), que iniciou as atividades a 13 anos atrás, especificamente caminhadas.

“A participação em atividades físicas regulares e moderadas pode retardar declínios funcionais, além de diminuir o aparecimento de doenças crônicas em idosos saudáveis ou doentes crônicos” (WHO, 2005, p.23).

Já em relação a outros aspectos dos anos apontados pelas pessoas idosas, se entendeu como pertinente relacionar essa questão com outra pergunta, a qual está focada na

identificação dos elementos motivadores associados as atividades indicadas. Do conjunto de respostas apresentadas, em um contexto geral, as pessoas idosas destacaram três pontos motivadores, sendo: aprendizado (33,3%), bem estar físico (33,3%), e as relações sociais (33,3%). O registro do percentual das respostas, nesse caso, se apresenta como equiparado, por haver a identificação de mais de uma resposta associada a mesma pessoa.

*“Olha o que me motiva eu sei que é o aprendizado que eu estou tendo né. Isso aí a gente aprende né, aprende muito. Aprende a se libertar de certas amarras. Aprende que a gente pode fazer, apesar da idade, aprende que a gente pode fazer certas coisas e no fundo a gente acha, que não está em grupo, acha: ‘Ah não, eu não vou fazer porque eu não posso, eu não faço isso porque não posso, não faço aquilo porque não posso’. Na realidade a gente pode. Não pode fazer, claro, igual um jovem. Mas também não é se podar, não faço isso, não faço aquilo (...) eu faço né, a medida do possível, faço muita coisa, faço muita coisa (...)”* (a Lagoa, 74 anos) (14 anos em atividades)

*“(...) Olha só, a motivação, motivação principal da dança pra mim, quando eu comecei, preciso fazer alguma coisa física. Eu não sou esmero dançarino, mas como era grupo, é eu me sentia, porque, é, eu fiz grupos de dança, assim, circular lá na Escócia, e eu sentia falta disso aqui. E aí eu consegui me identificar com as pessoas. Ah, uma característica que eu queria dizer para você, é que eu sou o único homem no grupo. Isso no começo foi assim uma coisa meio, ‘hum’, né. Aí conversando com as pessoas algumas diziam assim: ‘Poxa, eu não sei porque é que não tem mais’, né. Mas existe um bloqueio do homem em relação a participar de é, de dança circular no ambiente que só tem mulheres, muitos homens se sentem muito bloqueados. E eu acho que é, sabe que até porque você é, você acha que o mundo é multi sexual não pode é. Eu aprendi a botar ritmo, eu tenho muita dificuldade com ritmo. E isso me deu a opção de fazer o meu corpo sentir a música, sabe. Me libertar desses bloqueios, é, bobos na realidade, mas que são bloqueios e você tem. Eu ainda tenho uma coisa que estou tentando aprender no canto, é aprender ritmo. Eu tenho muita dificuldade e a dança devagarzinho tá me ajudando. Me falta ainda o canto, eu preciso aprender a cantar, porque eu sou uma gralha (...)”* (o Moçambique, 76 anos) (2 anos em atividades)

*“Ah, as motivações são diferentes. Primeiro a, vou juntar as duas, a academia e o clube né, o (...) e a academia. Isso aí a própria saúde né, a saúde desportiva e a educação física, que eu aprendi desde a infância que a mente sã só existe no corpo sã, então tem que ter o corpo e o funcionamento harmonioso até pra mente funcionar direito, então nesse caso é um complemento a vida dedicada ao esporte né, a educação física, e a principal motivação é essa, manutenção da educação física como auxiliar de uma saúde mais ampla (...)”* (o Brava, 68 anos) (5 anos em atividades)

*“Ahm, a conversa anterior, porque eu tenho que ficar bem, e ficar dentro de casa eu não vou fazer nada. Mas nas caminhadas com a (...) [cachorra] que ela precisa, eu me encontro com outras pessoas que tão caminhando com o cachorro deles, aí nós*

*temos uma espécie de amizade, não de intimidade, aí a gente conversa besteira, mas pelo menos eu já conversei com alguém durante o dia. (...) Eu tenho contato com alguém durante o dia, essa pessoa não importa comigo, como meu amigo importa ou como, como a família importa, eles conversa besteira e fica reclamando de todos e tudo, e aí eu faço a mesma coisa e a gente vai embora, totalmente satisfeito.”* (o Canasvieiras, 68 anos) (13 anos em atividades)

*“A ideia que estas sendo útil a sociedade, repassar o aprendizado de bem. (...) Hoje ainda consigo levar meu neto a dar boas risadas, com as histórias. Isso me deixa feliz.”* (a Campeche, 73 anos) (2 anos e seis meses em atividades)

*“Principalmente o bom ambiente, a companhia, o desafio de fazer e aprender coisas novas.”* (a Jurerê, 62 anos) (1 ano e seis meses em atividades)

*“Fundamentalmente, o convívio, porque realmente arranjamos amizades, ahm, é agradável, ahm, fundamentalmente, fundamentalmente isso (...) neste momento também estou numa situação de quarentena, recolhida em casa, ahm, os pensamentos e as nossas atitudes futuras, ahm, ainda fica um bocadinho, são um bocadinho perturbadas, ahm, temos que deixar passar essa fase horrível que estamos todos a atravessar, para depois ficar com as nossas ideias realmente muito mais claras e tomarmos as decisões que melhor forem pra nós e pra os outros também.”* (a Armação, 80 anos) (7 anos em atividades)

*“O fato de poder conviver e de fazermos trabalhos e de irmos a algumas empresas, alguns eventos, ahm, portanto, o convívio com outra gente fora do grupo (...) acho que é uma motivação para juntos podermos fazer alguma coisa, portanto, eu penso que nós não somos velhos, podemos ajudar de outras maneiras a sociedade.”* (a Sambaqui, 64 anos) (2 anos em atividades)

Como representação das palavras apontadas pelas pessoas idosas com relação aos elementos motivadores associados as atividades as quais estão vinculadas, segue a Figura 5.



Figura 5. Identificação das principais motivações apontadas pelas pessoas idosas, adaptado de Wordclouds.com, 2020.



Em complemento aos apontamentos indicados pela Jurerê, a Armação e a Sambaqui, onde as questões do ambiente ao qual estão vinculadas, perpassa pelas relações interpessoais estabelecidas e o compartilhamento de saberes, se apresenta o registro da observação, realizada.

“Na mesa 3 a idosa observa e orienta com atenção cada uma das participantes, a exemplo de alertar a uma delas sobre o não bordar o rosto da personagem. As participantes se ajudam mutuamente. A idosa auxilia no processo de efetivação dos pontos, e também apresenta um reforço na explicação. A participante adolescente segue as orientações ponto a ponto.” [Observação 2, 14 de dezembro de 2019]

O agrupamento dos três pontos destacados no resgate das respostas apresentadas, vem ressaltar a importância da promoção do envelhecimento ativo e de como “é crucial nos dias de hoje consciencializar as pessoas para a importância do envelhecimento ativo, e fazer com que percebam o seu potencial para o bem-estar físico, social e mental ao longo da sua vida”, e se identifiquem com esse conceito (Roupeta, 2017, p.12).

Já na análise atenta a cada um dos pontos destacados pelas pessoas idosas entrevistadas, é possível se obter uma compreensão mais detalhada. Ao iniciar pela motivação associada ao aprendizado, as pessoas idosas vem demarcar a compreensão de que são passíveis de virem a se deparar com uma nova técnica, apresentam características cognitivas ativas, acreditam no comprometimento reflexivo das pessoas que estão a mediar esses aprendizados, lidam com naturalidade com o acesso aos diversos saberes. Conforme destaca a Organização Mundial de Saúde (WHO, 2005), o acesso as “oportunidades de aprendizado permanente, pode ajudar as pessoas a desenvolverem as habilidades e a confiança que precisam para se adaptar e permanecer independentes à medida que envelhecem” (p.30), e assim percebem o tempo como o possível impulsionador para que se constitua um novo sentido para essa fase da vida.

*“Uma [em relação as amarras] é aprender a dançar e a principal mesmo foi falar em público, que hoje em dia eu pego o microfone eu falo, eu canto e antigamente eu não tinha coragem pra isso.” (a Lagoa, 74 anos)*

No entorno desses aprendizados é possível identificar o estabelecimento das relações intergeracionais, o contato com diferentes recursos materiais e tecnológicos, como também

potencializar as relações interpessoais. Martins (2015), salienta que “é importante a educação intergeracional, pois constitui o veículo de transmissão de conhecimento e sabedoria entre gerações, fortalece as redes sociais, tão necessárias para os adultos maiores, e ainda o desenvolvimento da cidadania” (p.681). Com as relações intergeracionais, os aprendizados compartilhados tendem a ser intensificados quando se permite que a troca de saberes ocorra em duplo sentido, tendo assim a valorização das histórias de vida dessas pessoas.

O destaque ao ponto do bem estar físico permite que seja feita uma associação em que essas pessoas estão alertas quanto ao se manter saudável, com a preservação dos aspectos de locomoção e motricidade, mesmo que em alguns momentos elas venham a se apresentar em um ritmo mais lento, ou mesmo por demandar um cuidado mais apurado em relação aos pequenos obstáculos (*e.g.* um piso escorregadio). A atenção ao bem estar físico também evidencia o estar disposto a experienciar ritmos e movimentos que possam ser exercitados nos momentos de lazer e convívio social, convívio esse que também chama a atenção para o bem estar psíquico, onde o sentir-se ativo remete ao compartilhamento de aprendizados, como também em cultivar relações sociais significativas. “Por estas razões, hoje em dia aposta-se cada vez mais nas medidas de um envelhecimento activo que visa criar hábitos de vida saudáveis e bem-estar, maior satisfação e qualidade de vida” (Gil, 2013, p.30).

E com a autonomia da locomoção, a possibilidade de passear, viajar, é potencializada, além de permitir que as pessoas idosas estejam presentes nos mais variados ambientes e venham fundamentar o sentido dessa presença. Também se destacou a relação estabelecida entre o bem estar físico e o bem estar psíquico, onde essa comunicação vem a refletir no modo de lidar com as transformações corporais e sociais, as quais são reconhecidas “pelos ganhos e pela administração das transformações, cabendo ao idoso potencializar os próprios recursos e atuar na autoconstrução da subjetividade e da identidade” (Schneider & Irigaray, 2008, p.593), bem como nas interações com o meio.

Quanto ao ponto das relações sociais, está associado ao convívio, ao cultivo de amizades, a possibilidade de as pessoas idosas estarem em contato com o outro, em variados espaços e contextos. O destaque desses aspectos vem atentar para o resgate ou a preservação do tipo de vida que essas pessoas cultivaram ao longo de suas vivências, tendo “uma perspectiva de curso de vida que reconheça a importante influência das experiências de vida para a maneira como os indivíduos envelhecem” (WHO, 2005, p.8), seja a contar com familiares, amigos(as), ou mesmo pelo significado atribuído ao reconhecimento social. A predominância desse convívio vem a permitir que histórias de vida sejam compartilhadas,

que seja promovida a visibilidade e o respeito para com as pessoas idosas, como também a conquista de mais espaços que venham promover o envelhecimento ativo, e percebam essas pessoas como um ‘vir a ser’, e não como um ‘já passou’.

A relação entre a motivação inicial de busca por uma atividade promotora do envelhecimento ativo e o tempo de participação na mesma, reflete sobre a satisfação dos interesses da pessoa idosa, como também ao comprometimento social e técnico de cada um desses espaços. E a nortear essas premissas, estão as relações sociais, que “são uma parte do bem-estar, estimulando a mente e o pensamento, tendo, por isso, múltiplos efeitos positivos na fase” (Nogueira & Azeredo, 2017, p.47) idosa da vida, e a conquista do reconhecimento de que os pressupostos desafios a serem encontrados não se limitam a dores, mas sim permitem que novos aprendizados surjam e os prazeres se propaguem.

Em continuidade ao resgate de informações junto as pessoas idosas entrevistadas, houve o questionamento sobre as principais alegrias e as principais dificuldades relacionadas a continuidade ou não de participar das atividades por eles(as) destacadas.

A iniciar pelas alegrias, são identificadas semelhanças nas respostas das pessoas entrevistadas no que tange ao convívio social, de poder estar em grupo, aqui representado por cinco pessoas (62,5%). A seguir são apresentados apontamentos sobre novos aprendizados, destacado por uma pessoa (12,5%), sobre a minimização das dores, citado por uma pessoa (12,5%), e a possibilidade de continuar a realizar uma atividade de que gosta, apontado por uma pessoa (12,5%).

O convívio social foi apresentado anteriormente como um dos elementos motivadores para participar das atividades, o que permite que seja evidenciado como um dos principais fatores de alegrias para essas pessoas, que além de poderem compartilhar eventos felizes, se percebem como capazes de ajudar outra pessoa e de se sentirem integrados ao ambiente.

Esses ambientes incluem o nosso lar, a nossa vizinhança e a nossa comunidade, que podem afetar diretamente a nossa saúde ou (...) incentivos que influenciam as nossas oportunidades, decisões e comportamentos (...) Essa combinação de indivíduos e seus ambientes e a interação entre eles (...) permitem que as pessoas sejam ou façam o que com motivo valorizam.” (OMS, 2015, pp.7-13)

*“Alegrias. As alegrias é a convivência, né. A gente fica alegre quando a gente vê os outros felizes, quando dá certo aquilo que a gente pretende fazer, né. E eu, quase tudo o que eu pretendo fazer tem dado certo. Sabe, muito pouco que não deu, mas tem dado certo, então eu fico feliz com isso (...)”* (a Lagoa, 74 anos)

*“Olha, olha, a alegria é, primeiro estar junto, perceber que você é parte do grupo, você tá integrado no grupo e que eu posso ajudar e os outros me ajudem. Esse é, ajudar pra mim é muito importante (...)”* (o Moçambique, 76 anos)

*“(...) a alegria, é a alegria de podermos estar juntos, de podermos cumprir uma missão, é podermos participar para o grupo uma vez que é uma associação sem fins lucrativos, podermos participar com o nosso trabalho, ver, é, quando vendemos um bordado nosso, ou um trabalho que é feito por nós, ficamos satisfeitos. Além disso também temos que falar nos mentores, que de facto são pessoas amáveis que procuram sempre estar ao nosso lado e nós também tentamos acompanhá-los, (...) portanto deixamos de ser, talvez a avózinha que tricotava as coisinhas para os netos, e começamos a fazer com o design novo, com uma mentalidade mais jovem, adaptarmos também as nossas ideias e as deles (...)”* (a Sambaqui, 64 anos)

Como uma forma de celebrar a participação da Sambaqui e das demais colegas que representam a Instituição 4, de acordo com as informações compartilhadas pela coordenadora e pelo coordenador do projeto, segue o registro da observação.

*“Sobre a celebração de cada uma das idosas, celebração essa presente nos trabalhos produzidos, em que cada um possui a etiqueta personalizada, onde se encontra a imagem de quem fez o produto, o que ressalta o talento dessa pessoa, como o reforço da autoestima, a alegria em saber que o seu trabalho foi prestigiado.”* [Observação 1, 09 de dezembro de 2019]

Outro ponto corresponde a possibilidade de compartilhar com o grupo a sua arte, a qual “alude, enquanto linguagem material, a um universo simbólico, (...) de sua expressão material - poesia, escultura, pintura - converge sempre (...) a sua essência espiritual” (Pereira, 2006, p.32), a expressão das emoções.

*“Alegria de poder ir (...) numa reunião com grupos de idosos, de literaturas, pra dizer meus poemas, crônicas estar com gente, dançar, estar com minha família, tomar um café gostoso com amigas num lugar aconchegante.”* (a Campeche, 73 anos)

Já sobre os demais registros, os discursos apresentados são pontuais, a iniciar pelos resultados obtidos pela prática de exercícios supervisionados, como a minimização das dores

físicas, decorrentes do histórico de lesões, o que vem a refletir o comprometimento da pessoa idosa participante onde, “o envolvimento em atividades físicas adequadas, alimentação saudável, (...) podem prevenir doenças e o declínio funcional, aumentar a longevidade e a qualidade de vida” (WHO, 2005, p.22), como também do aporte técnico correspondente.

*“(...) ali a grande alegria é sair de lá confortado de, de sair aquecido com as dores bem suavizadas ou quase inexistente, essa é a parte alegre (...)”* (o Brava, 68 anos)

Esse mesmo comprometimento se faz presente no destaque quanto a realização de uma atividade a qual a pessoa idosa indica já gostar de fazer.

*“(...) sempre gostei de caminhar, então é, não é, eu não tem que pensar, é uma coisa que eu faço naturalmente, ahm.”* (o Canasvieiras, 68 anos)

E como outro ponto registrado, se tem o acesso a aprendizados.

*“Continuar a aprender coisas novas e não me isolar em casa (...)”* (a Jurerê, 62 anos)

Junto aos aprendizados, essa pessoa também citou o evento de não permanecer por muito tempo em casa, isolada. “Embora isolamento e solidão não sejam sinónimos o isolamento pode levar à solidão (...) Onde existe falta de comunicação, participação social ativa e afetiva pode existir o sentimento de solidão” (Nogueira & Azeredo, 2017, p.46). Com o interesse manifesto por obter novos aprendizados, o convívio social se apresenta no entorno desse aprendizado.

A seguir com o questionamento, agora se apresentam as dificuldades apontadas pelas pessoas idosas entrevistadas, sendo: quatro pessoas (50%) acreditam não ter dificuldade alguma presente, uma pessoa (12,5%) menciona o aspecto financeiro, uma pessoa (12,5%) faz referência ao modo como se comunica, uma pessoa (12,5%) cita o fato de ter de sair de casa, e uma pessoa (12,5%) apresenta a falta de conforto com a nova realidade do espaço que frequenta. Em relação as pessoas que indicaram não ter dificuldades no que diz respeito a participação das atividades, os aspectos de mobilidade, que vem a refletir na representação da “independência e a qualidade de vida dos mais velhos” (Nogueira & Azeredo, 2017, p.44), como também a relação interpessoal, se mostraram mais relevantes.

*“(...) E as dificuldades eu acho que agora eu não tenho não, sabes. As minhas dificuldades passaram. É, dificuldades não tem não, não que eu lembre agora. (a Lagoa, 74 anos)*

*“(...) É, isso não é difícil, isso não tem dificuldade, eu sei o que eu tenho que fazer e, tem vontade de fazer (...)” (o Canasvieiras, 68 anos)*

*“(...) Ainda por enquanto não encontro dificuldades pra ir e vir, agora no momento estou como cuidadora de meu esposo, (...) tanto ele como eu, somos do quadro de risco estamos em distanciamento social. Estamos nos amando mais, se perdoando mais, até quando pudermos, e sou grata por tudo.” (a Campeche, 73 anos)*

Quanto ao apontamento associado ao aspecto financeiro, há uma chamada de atenção para os rendimentos direcionados ao período da aposentadoria/reforma.

*“(...) a parte triste e pesada é o preço né, que agora já, já ficou salgado, só para colocar em salário mínimo, se somar as duas no orçamento, dá em torno de meio salário mínimo mensal pra manter as duas, então cada vez fica mais salgado. E e se tu olha o tipo de reajuste, o tipo de remuneração que o aposentado vai tendo aqui no Brasil, é, ele não pode mais fazer greve e tal, já tá no inativo então, ali ele não tem reajuste de remuneração paralelo (...) Então de repente quando tu vê o boleto, tu leva um susto de vez em quando. Essa que é a parte de decepção, mas eu acho que não tem assim mais ponto negativo não nessa atividade (...)” (o Brava, 68 anos)*

Identifica-se o alerta de que a questão financeira, que representa “um fator determinante por toda a vida adulta” (WHO, 2005, p.19), pode representar um limitador da promoção do envelhecimento ativo, onde existe a necessidade de priorizar outros aspectos do cotidiano, e que por vezes ferem o desenvolvimento do bem estar dessas pessoas.

Na sequência se tem o registro sobre o modo como se comunica, o que está vinculado ao relacionamento interpessoal e com as temáticas contextualizadas.

*“A minha dificuldade é que, é, eu às vezes falo demais, mas às vezes eu falo pouco, mas se deixar falar eu falo muito. (...) É que às vezes eu falo muito porque eu quero expor meu pensamento e tentar ajudar as pessoas. E o falar pouco é que, por exemplo, se eu vou para uma reunião é, eu fico quietinho, principalmente se houver, se eu ver que o assunto é muito genérico que eu, que é papo para jogar fora, eu tenho muita dificuldade. Eu preciso de ter um assunto específico, aí eu consigo conversar legal. Mas sabe, é, falar sem dizer, para mim é muito difícil. (...) enquanto eu não perceber que existe um assunto específico, que a gente pode discutir, centrar nele, que a gente pode mentalizar, e então perceber profundidade, pra mim a profundidade é muito importante.” (o Moçambique, 76 anos)*

Existe o desconforto em ter de lidar com assuntos que considera menos atrativos, como também em se conter nos momentos em que os debates despertam o interesse. Quando o interesse pelo assunto existe, o exercício está em possibilitar que as outras pessoas também falem, e assim exercitar a escuta. Seja no compartilhamento de assuntos atrativos ou menos interessantes, o que se demarca é que “as pessoas querem se comunicar e interagir” (Kenski, 2012, p.119). O outro registro presente se refere a dificuldade em sair de casa, pois gosta de estar no seu ambiente, mas percebe que o não sair a faz mal.

*“(...) A minha maior dificuldade é sair de casa. Eu gosto muito de estar em casa, mas sei que me faz mal. Por isso é uma luta interna, contrariar a vontade de ficar para ir. Quando fico muito tempo em casa fico deprimida como é natural.”* (a Jurerê, 62 anos)

A depressão, que é caracterizada pela manifestação de um conjunto de sintomas, como: “humor deprimido na maior parte do dia, (...) diminuição do interesse ou prazer em todas ou quase todas as atividades (...) quase todos os dias (...) fadiga ou perda de energia quase todos os dias (...) pensamentos recorrentes de morte” (APA, 2014, p.161), que pode aparecer em diferentes fases da vida, e aqui, a pessoa idosa tem a consciência de que o manter-se em casa pode inflamar o desencadeamento deste transtorno mental, “os sintomas causam sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social, profissional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo” (APA, 2014, p.161).

Em outro registro se fez a chamada de atenção para a falta de alegrias na vida, o que ultrapassa a atenção aqui mantida sobre as alegrias e as tristezas em participar de uma ou mais atividades, mas que remete ao alerta sobre a amplitude de aspectos que estão associados ao bem estar da pessoa idosa.

*“Eu posso falar a verdade, eu não tenho alegrias, não tenho, não tenho esperança de nada, (...) eu vou fazer meu tempo e acabou, eu não planeja nada agora. Eu não posso viajar até setembro, e aí tá caro pra viajar, então, vou viajar quando? (...)”* (o Canasvieiras, 68 anos)

Também se tem o registro da dificuldade em se sentir confortável no novo espaço do projeto de que participa.

*“(...) a mudança de instalações pra mim foi bastante complicado, dificultou muito, muito, muito a minha presença, mas não será impossível (...)”* (a Armação, 80 anos)

Esse desconforto pode estar relacionado a perspectiva espacial em si, onde as evidências das “capacidades de aprender e desenvolver-se” (Martins, 2015, p.678) foram constituídas. Mas também remete ao modo como as relações interpessoais estavam configuradas, além de levar ao questionamento sobre a identidade inicial do projeto, que pode vir a representar “mudanças nos papéis e posições sociais” (OMS, 2015, p.12), o que contribui para que essa pessoa venha a refletir sobre a sua identificação ou não com essa nova realidade.

O bem estar da pessoa idosa corresponde a uma das prerrogativas da promoção do envelhecimento ativo (WHO, 2005), o que aqui se reflete no apontamento dos aspectos que resultam em alegrias, nos quais a satisfação em participar das respectivas atividades é reforçada, como também de entender que as dificuldades existem, são pontuadas, mas de que não são, até o momento, sobrepostas aos benefícios de cada uma das atividades.

A seguir com a apresentação dos registros apontados pelas pessoas idosas entrevistadas, se tem o questionamento sobre as possíveis relações estabelecidas entre o desenvolvimento pessoal dessas pessoas, com as atividades de que participam, o que também vem representar a complementação do questionamento anterior, sobre as alegrias e as dificuldades relacionadas a essa participação.

De um modo geral, as pessoas confirmam que essa relação existe, cinco pessoas (62,5%), ou seja, de que as atividades promotoras do envelhecimento ativo vêm contribuir com o desenvolvimento delas.

*“Eu acho que sim. É, por exemplo, eu não, eu não, por exemplo, participo de uma reunião falo e depois deu. Aquilo eu fico durante muito tempo é pensando naquilo e quais são as consequências daquilo tudo. Então o envolvimento meu nas atividades ele é integral, não é só de aparência, ele mexe com o meu emocional. (...) Mas eu sempre fui uma pessoa, tanto que com 16, como eu falei com você, muito cedo que eu me perguntei ‘O que é que eu faço aqui na terra?, né’. E aí eu já comecei cedo a fazer voluntariado, a ajudar em grupos sociais, a participar das dificuldades.” (o Moçambique, 76 anos)*

*“Sim. (...) isso é o incentivo né, que a gente recebe das pessoas, né. Um elogio daqui, um elogio dali. E isso vai melhorando a situação da gente, né.” (a Lagoa, 74 anos)*

*“Eu acho que agrega, (...) tu tens uma agregação do ponto de vista tecnológico (...) da dimensão legal, ah, dizer que o direito dos idosos, de uma certa forma é bom aqui, tem sido bom, (...) social eu acho que tranquilo, da família da gente de ascendência é, portuguesa, africana e indígena, todos os três segmentos daí, eles dão um certo valor para o idoso, então o idoso ele não é descartável, ele é bem*



*tratado no círculo familiar e há um respeito e até uma exaltação pela presença do idoso, (...) agora fiz aqui umas planilhas aqui do coronavírus, que é essa crise atual (...)*” (o Brava, 68 anos)

*“Sim, claro, claro. (...) quando eu estava na escola, em internato, oh, era uma coisa que você escolhia, vai pra a igreja ou fazer exercício, (...) então eu subi as montanhas, aí esse vem em desenvolvimento, é, pra mim é um prazer, caminhar é um prazer, ir pro lugar. É, o problema, obviamente, o saúde não me deixa fazer o que eu realmente quer fazer, que é subir montanhas, fazer alpinismo, coisas assim (...)*” (o Canasvieiras, 68 anos)

*“O estar na (...) deixa-me mais solta e menos amarrada a mim mesmo, é uma mais valia.”* (a Jurerê, 62 anos)

Como reforço do reconhecimento da importância de estar presente nas ações sociais, do cultivo de relações que permitem ampliar o olhar para além de si, se apresenta o registro da observação, onde as relações interpessoais se apresentam.

“Na mesa 3 o desenvolvimento das interações, dos diálogos, das participantes, apresenta conversas sobre os estudos de línguas, francês, chinês, e também as decorrências desse aspecto, os pontos sociais.” [Observação 2, 14 de dezembro de 2019]

As afirmações apresentadas permitem revelar o sinal de quais aspectos se sobressaem nesse processo de desenvolvimento, o qual evidencia uma fase da vida “que envolve não apenas perdas mas, também, ganhos, conquistas” (Almeida & Cunha, 2003, p.149), seja com os aprendizados associados as tecnologias, ou por receber incentivos sociais, se deparar com a potencialização de algo que causa prazer, envolvimento emocional, como também em possibilitar ressignificar o relacionamento intrapessoal.

Uma das respostas apresentadas tem como evidência o seguimento das características interpessoais já presentes no histórico social da pessoa idosa, onde destaca ser uma pessoa ativa e criativa.

*“Por norma eu sempre fui uma pessoa criativa, portanto uma pessoa ativa, sempre a querer fazer coisas diferentes, é portanto, hum, sempre, mesmo que na minha atividade profissional, tentava seguir outras atividades a parte, portanto e, foi uma maneira, portanto, é, possivelmente, o que contribuiu em muito, talvez eu ter querido sair mais de casa, portanto, foi a falta do meu marido, não é, porque a pessoa de repente (...) ver-se sozinha é um bocadinho complicado, então há que procurar outras*

*iniciativas, (...) sair com os amigos não me chegava, portanto, eu não gosto muito de vida de café, (...) eu gosto de passear, gosto de ler, gosto de ouvir música, portanto isto é uma maneira de também estar ativa, de dedicar dois dias por semana ou três, conforme as necessidades, e poder ir de tarde falar (...) com elas e com os mentores, portanto, e participar nas atividades só.” (a Sambaqui, 64 anos)*

Ao compreender, de modo geral, que as atividades de que participam estão relacionadas ao desenvolvimento pessoal das pessoas entrevistadas, potencializa o comprometimento intrapessoal, o qual se destaca pelo autoconhecimento, “controlar suas emoções, administrar seus sentimentos (...) construir um modelo de si mesmo e utilizar esse modelo a favor de si” (Veiga & Miranda, 2006, p.67). Atribui significado e sentido as atividades realizadas onde, significado e sentido “são momentos do processo de construção do real e do sujeito, na medida em que objetividade e subjetividade são também âmbitos de um mesmo processo” (Aguiar, Liebesny, Marchesan, & Sanchez, 2009, p.60), reforça o estabelecimento das relações interpessoais, como também vem destacar a apropriação dos direitos assegurados para bem viverem essa fase da vida.

No entorno dos aspectos que caracterizam a opção das pessoas idosas entrevistadas de participarem de alguma atividade que condiz com a promoção do envelhecimento ativo, se apresentou o questionamento relacionado a compreensão particular de cada uma dessas pessoas sobre essa fase da vida, e o que identificam como principais características.

As respostas dessas pessoas se dividem em dois contextos, sendo um pautado em percepções intrapessoais e o outro se refere a aspectos mais generalizados. Os apontamentos intrapessoais fazem referência a solidão, as transições e aos aprendizados.

*“Muita mudança, né. Eu na minha vida mesmo, foi muita mudança. Esses grupos me mudaram muito né, me mudaram muito mesmo. Eu, é como eu sempre digo né, eu não sei se eu tinha depressão na época, porque eu nem sabia o que que era isso, mas eu vivia isolada né. Eu tinha dificuldade para falar com as pessoas, ainda tenho um pouco, até hoje né (...) falo bem, assim, contigo, com quem eu conheço muito bem né, mas chegar no lugar assim e ficar conversando, não é comigo, né. E eu tive essa abertura na minha vida, eu já enfrento certas coisas (...) [E de ser idosa?] Ah esse é a melhor parte da vida né (...) claro que sim. Agora oh, agora eu posso sair para passear, não tenho ninguém que me prenda, né, não tem que estar (...) dando satisfação, né. Eu quero sair, saio, né. (...)” (a Lagoa, 74 anos)*

*“A primeira delas é o desapego que a gente tem que ter diante da rotina de horários e de compromissos estressantes, que a vida de professor, quando normal, você tem horário para iniciar as aulas, o horário para terminar as aulas, o tempo em específico para publicar as notas, é, o tempo afogado para orientação de dissertações, monografias teses, né, e artigos (...) Mas pra mim também significou*

*um desapego principal com a vida de escritor, (...) virava uma outra pressão também. Então eu caracterizo como principal fator fugir dessas pressões, das pressões que a rotina de trabalho te obriga né, e aí tu sai desse stress quando aposenta, além do horário, que eu já falei. Outra coisa também, e daí é uma perda significativa, é o convívio grupal, porque quando tu tá no grupo de professores tem uma retroalimentação cotidiana do ponto de vista técnico, do ponto de vista de amizade, (...) até de um convívio social extra trabalho, né, conagraçamento que faz muito aquele churrasco, aquela integração. Houve um tempo que isso era muito bom, então esse convívio ele some da vida da gente, é, vai sumindo aos poucos, então esse elo de amizade. Outra coisa importante também que é uma perda, é o convívio e a aprendizagem com os alunos, (...) tu tá agregando conteúdo pra ti e vendo a satisfação do aluno também, a maioria deles é a primeira publicação né, e eles também estarem publicando e levando pro mundo científico algo novo e inovador. (...) Eu acho que essas são as mudanças. Ah, e outra coisa também, o idoso também começa a ter os remedinhos, isso é outra coisa importante também, a nível de saúde. É, começa a ter horário pra tomar remédio, uma coisa que não se tomava e tal. Eu graças a Deus só to no pontual da hipertensão e o resto eu resolvo com essas rotinas né, de pilates e tal, mas o ciclismo também me ajuda. (...) ainda tem outra pro olho, o colírio, os olhos também na parte de saúde, os olhos também, até pela profissão, eles vão enfraquecendo, e aí eu tive que fazer aquela cirurgia de reposição ocular, botar aquelas lentes, e claro que todo dia tem que tá lubrificando com o colírio. Então são hábitos que a gente não tinha antes da aposentadoria e antes da velhice. Outra coisa, isso aqui também, corda vocal, corda vocal também a profissão de professor, se a gente não se cuidar muito e trabalhar em três turnos como eu trabalhava né, acaba com o tempo as cordas vocais (...) Então eu acho que isso são as principais mudanças da vida ativa laboral pra aposentadoria.” (o Brava, 68 anos)*

*“Solidão. Eu tenho muita família, como tu sabes, eu não estou mais sozinho, mas o sentimento é de solidão.” (o Canasvieiras, 68 anos)*

*“Entendo como, um aprendizado, para uma outra fase que é completamente diferente, pois o tempo que passamos ficou para traz, e o que vivemos agora é o nosso presente, e o amanhã pertence a Deus.” (a Campeche, 73 anos)*

*“É uma vida mais calma, com mais sabedoria. Com mais conhecimento de como devemos controlar as nossas expectativas.” (a Jurerê, 62 anos)*

*“(...) não sei agora passada esta fase de quarentena, em que nós estamos numa situação muito difícil, de preocupado, como é óbvio, e tenho que pensar seriamente como, a partir, a partir daí como é, como é que posso conjugar, ahm, a minha vida pessoal, ahm, com a participação no projeto, (...) É lógico que com a idade, a nossa juventude, ahm, a fase, quando se passa a fase já de ser mais adulta, ahm, e depois o começar do envelhecimento, sofre alterações. É, fundamentalmente sofre alterações porque vamos ficando mais velhas, embora não sinta que, que a idade, o fato de ter feito 80 anos, me, me, me, como direi, ahm, me limite em certas situações. É claro, como é óbvio, não é a mesma coisa, não é, ahm, de resto, ahm, tudo se altera, ahm, solidão, eu nunca senti solidão, agora sinto um pouco, mas nunca senti solidão, e não fui pro projeto por me sentir descompensada ou deprimida, não, de maneira*

*nenhuma, e até o presente, também não, ahm, tento sempre, tento sempre não, é da minha maneira de ser, ahm, ser positiva e lutar pra que isso não aconteça.” (a Armação, 80 anos)*

As transições e os aprendizados se mostram relacionados a mudanças de comportamento, de desapego de uma rotina de compromissos laborais, “e deixa de ser economicamente ativa” (Schneider & Irigaray, 2008, p.590), de encontro com uma nova fase da vida, a qual também reforça que as vivências passadas ficaram em outro tempo, mas que as histórias de vida dialogam com as perspectivas das vivências futuras, o que vem evidenciar que a fase idosa da vida “é uma experiência heterogênea e complexa, pois para alguns a aposentadoria pode significar o desengajamento da vida social e, para outros, o início de uma vida social prazerosa, composta por atividades e lazer” (Schneider & Irigaray, 2008, p.591). E o sentimento de solidão, que pode estar relacionado com a dor da ausência de outrem, ou por estar a experienciar um período de quarentena motivado pela pandemia COVID-19 (WHO, 2020), e no qual o distanciamento social é incentivado.

Os aspectos generalizados são destacados pelos direitos adquiridos, a cognição.

*“(...) o idoso de hoje em dia ele, é muito bom, tem algumas vantagens. Tem desvantagens como em todas as idades, né, mas tem muitas vantagens agora sabe. (...) por exemplo, se tu queres ir no cinema, só paga metade. Tu vai pega o ônibus, tu não paga ônibus. Então pode sair, visitar tudo quanto é praia, tudo quanto é lugar porque não precisa pagar ônibus. Pra viajar para o interior do estado, é, tem a viagem gratuita, a interestadual né. Eu vou tranquilo, vou lá faço, reservo a minha passagem e viajo de graça. Isso são vantagens que a gente tem agora né.” (a Lagoa, 74 anos)*

*“(...) É tem mais tempo pra a gente absorver outras coisas né, de vê práticas culturais diferente, principalmente as viagens para o exterior né, se é um conjunto de diversidade de manifestações, ampliou isso, porque depois de aposentado a gente tem feito pelo menos uma viagem pro exterior por ano, então aí você vê muita coisa, conhece muita coisa, a própria Lisboa é assim quando a gente visita, você sempre agrega muita coisa diferente, (...) e nessa aí como já rodamos mais de 40 países, então deu pra ver coisas (...) que nem se pensava absorver ou imaginar, (...) ah, dizer que o direito dos idosos, de uma certa forma é bom aqui [Brasil], tem sido bom, por exemplo, quando dá vontade eu tenho o passe idoso, posso pegar ônibus de graça, não pago né, a gente tem isso aqui, quando vai a espetáculo de teatro ou cinema, paga só meia entrada, quando vai embarcar nos aeroportos, tem preferência na fila, então tem algumas vantagens que a gente leva né, em termos de vida de aposentado (...)” (o Brava, 68 anos)*

A possibilidade e a disponibilidade em usufruir dos direitos adquiridos e garantidos por lei, no que tange aos serviços de transportes públicos, sejam estes locais e/ou intermunicipais, onde está associado o direito a gratuidade, ou do transporte público interestadual, no qual o acesso a uma tarifa reduzida é pontuado, e possibilita assim “que pessoas de todas as idades possam participar integralmente na vida da família e da comunidade” (WHO, 2005, p.27), o que vem ampliar a probabilidade da pessoa idosa se deslocar no cotidiano, como também investir um tempo maior para poder fazer passeios mais longínquos, sem muitos custos. Também se tem a possibilidade de participar de eventos culturais, sociais, com o direito de pagar um valor reduzido, assegurado por lei. Esses e outros direitos servem como impulsionadores para que a pessoa idosa se mantenha ativa, além de potencializar as relações interpessoais e intergeracionais (WHO, 2005).

*“(...) o que me ajudou nesse pensamento foi a minha formação técnica. A minha formação técnica me deu a possibilidade de um raciocínio lógico e claro, que a maioria das, vamos dizer assim, dos estudos, filosofia ou línguas e tal, não te qualificam num raciocínio claro, lógico e que tem com, causa e consequência. Mas claro, isso me ajuda hoje, é, como pensador, a distinguir entre a fantasia e o que é possível. Então eu me realizo escrevendo sempre em cima disso.” (o Moçambique, 76 anos)*

Sobre a cognição, se tem o destaque do discernimento entre as questões reais, palpáveis, e as que representam a fantasia - o que se segue ao exemplo de doenças como o Alzheimer<sup>10</sup>, que remete a uma chamada de atenção a fase idosa da vida, onde a incidência da fragilidade cognitiva assume uma percentagem significativa (APA, 2014).

*“(...) por exemplo, uma coisa que não é respeitosa, as vagas públicas para carro de idoso, (...) se é 30% da população brasileira é idosa, tinha que ter uma proporcionalidade, então tu, sei lá, a cada 100 vagas, tem que ter 30 pra idoso, mas não é assim, não é assim, então isso tem que melhorar muito. E uma coisa também que a gente já discutiu em grupo de idoso (...) o próprio símbolo do idoso, um velhinho, arcado com a bengalinha, devia ser uma coisa mais pró-ativa, e um logotipo, um logo enaltecedor da imagem do velho, não aquele tipo assim, parece um menosprezo, parece que todo o velho é doente, sei lá. Então tem algumas coisas assim que podia melhorar. [Mas essa questão da imagem do logotipo, ela, essa mudança se percebe agora que se vivencia essa fase ou antes já chamava a atenção?] Não, antes nunca chamou a atenção, só chamou a atenção, a gente nem dava bola, eu acho que isso é uma outra coisa, (...) enquanto não se é idoso não se dá valor a isso,*

---

<sup>10</sup> A doença de Alzheimer é caracterizada por possíveis mutações genéticas, como também pelas “evidências claras de declínio da memória e na aprendizagem (...) Declínio constantemente progressivo e gradual na cognição (...)” (APA, 2014, p. 611), dentre outros possíveis aspectos.

*só depois que a gente cai nessa que começa a valorizar, mas não se percebia não, eu não percebia pelo menos, eu acho que socialmente é isso. (...)” (o Brava, 68 anos).*

O exercício da pessoa idosa em se permitir circular em diversos ambientes, socializar, estar em contato com as mudanças do meio, se deparar com novos aprendizados, também reflete na identificação dos simbolismos associados a essa fase da vida, e os significados recorrentes. Um exemplo dessa identificação está relacionado a imagem utilizada nas placas e pinturas que sinalizam a reserva de um espaço para a pessoa idosa, que geralmente é representada por uma pessoa com uma bengala em mão, e apoiada ao chão, segundo ilustrado na Figura 6.



*Figura 6. Sinalização da pessoa idosa, Cassio, 2008.*

Essa imagem que chama a atenção de algumas pessoas, em pouco simboliza o significado do envelhecimento ativo, e por vezes causa um desconforto social. Mesmo que algumas pessoas só percebam a representação simbólica dessa imagem ao chegar na fase idosa da vida, o objetivo de garantir um direito legal, pode vir a ferir a autoestima da pessoa idosa, a conquista do seu bem estar. O respeito social para com as pessoas idosas perpassa pelos diferentes espaços, situações e sentidos (WHO, 2005).

Com a compreensão de que as pessoas idosas entrevistadas representam o grupo que vivencia o envelhecimento ativo, e como tal, cada qual estabelece o contato com diferentes pessoas, seja diariamente ou em momentos específicos. Dentre essas pessoas encontram-se familiares, colegas dos grupos, vizinhança, amigos(as), etc., o que motivou a realização do questionamento sobre como cada pessoa idosa percebia os ‘olhares’ da sociedade para si, na qual foi possível obter um conjunto de respostas com percepções variadas.

Existe a reflexão sobre o como seria possível avaliar as impressões da outra pessoa sobre ‘mim’, e também a percepção de não ser discriminada por ser uma pessoa idosa.

*“Ahm, é uma situação pouco difícil não é, porque, talvez não seja muito clara, ahm, não vejo, não vejo que haja, que haja qualquer tipo de, vá lá, entre aspas, de*

*discriminatório por esse facto, ahm, tento manter, tento não, mantenho as minhas, os meus, as minhas amizades, ahm, o convívio com as pessoas, porque sou muito sociável, muito mesmo, e não posso avaliar o que sentem ao meu respeito, da mesma maneira que será difícil eu avaliar outras pessoas, embora possa ter a minha opinião pessoal (...)*” (a Armação, 80 anos)

Se apresenta um certo desconforto em tentar perceber como as pessoas próximas a Armação enxergam a “construção das [suas] decisões concernentes ao mundo público” (Fernandes, 2009, p.707), as suas escolhas e as suas vivências. Mas que independente dessas impressões, as amizades cultivadas se mantêm presentes, e estão “associadas à sociabilidade, ao fortalecimento de vínculos, contrariando, deste modo, o isolamento social” (Daniel et al., 2016, p.358).

Com uma percepção pautada em discursos compartilhados por familiares e amigos(as), se tem um registro mais pontual sobre como essas pessoas enxergam o envolvimento da pessoa idosa em questão, com as atividades que promovem o envelhecimento ativo.

*“Tem gente que antes desse relacionamento dizia que não parava em casa, que eu nem tinha casa. Quem quisesse me encontrar, (...) que fosse em qualquer lugar, menos em casa, porque não iam me pegar em casa. E depois desse relacionamento, tiveram umas que me chamaram de maluca. (...) Que eu estava doida, que com essa idade arrumar um companheiro, (...) umas até hoje que me olham meio que atravessado sabe, como querendo criticar, mas não tendo coragem. [E na família, também é assim?] É, não. Se pensam, não tem coragem de falar. Que provavelmente devem pensar, é claro né, mas não tem coragem de chegar aí, e falar. Todo mundo aparentemente aceita, aceitou, né. E se não aceitar também, problema deles. [E por estares em uma atividade ali e outra aqui, te apoiam ou acham que é exagero, que tinhas que descansar?] Não, nas atividades eles apoiam. Isso aí é abertamente. ‘A mãe tem mais é que sair mesmo, tem que fazer isso, tem que fazer aquilo, aquilo outro, não para de fazer atividade’, né. Não, nesse ponto eles apoiam, todos eles.”* (a Lagoa, 74 anos)

*“Até agora tenho recebido os parabéns de todos os que me rodeiam, pois falo abertamente com todos e com muito orgulho.”* (a Jurerê, 62 anos)

*“Os meus filhos acham muito bem, os meus amigos, vizinhos, familiares, também acharam interessante a proposta de eu estar lá, é porque além de eu poder ocupar o tempo e de aprender novas coisas, é uma maneira de sair de casa, de conviver e participar, participar. Portanto penso que olham com bons olhos, como uma boa iniciativa.”* (a Sambaqui, 64 anos)

“(…) A coordenadora pontuou que o apoio dos familiares das idosas vinculadas ao projeto, acontecia, o que servia de reforço e reconhecimento dos trabalhos realizados, como também de fazerem parte de uma atividade que contribui para a autoestima das idosas.” [Observação 1, 09 de dezembro de 2019]

O incentivo declarado das pessoas que estão próximas a essas pessoas idosas, com a compreensão de que a participação e o envolvimento com as atividades presentes é vital, o bem estar é promovido, de modo holístico, em que se cultiva o “equilíbrio mental e físico (...) cooperação com as pessoas” (SHE, 2009, s. p.). Como também, em outra perspectiva, pode permitir que seja minimizado o entendimento de que esse familiar deve reservar um tempo para estar junto da pessoa idosa, e assim evitar que sentimentos de tristeza, solidão, surjam com uma frequência latente, por exemplo. “As relações interpessoais, nomeadamente as estabelecidas com a rede familiar, são centrais em várias fases do curso da vida” (Daniel et al., 2016, p.358).

A seguir na linha dos discursos diretos, se tem o registro do Canasvieiras, onde os familiares exprimem a preocupação com a morte.

*“(…) Então meus amigos de muito tempo, eles me olham como amigo, mas família, me olha, eu olho pra eles olhando pra mim com preocupação. Que eu morre rápido, que eles não querem. (...) o mãe não pára de me telefonar, te dar uma ideia, ela não para de telefonar, então é a preocupação que algo vai acontecer. E ele, [o sogro] (...) ele morre de medo que eu morre antes que ele. Ele já falou isso, ele já falou isso ‘você não posso ir embora antes de mim’.” (o Canasvieiras, 68 anos)*

O receio dos familiares do Canasvieiras, que também são pessoas idosas, de que esse venha a falecer primeiro, remete a uma carga de responsabilidades sobre ele, responsabilidade essa que pode ter contribuído para o envolvimento com as atividades promotoras do envelhecimento ativo, dado o seu histórico de problema cardíaco, mas que também pode vir a limitar a manifestação de seus sentimentos e os receios desta fase da vida. “Temos que permitir que as pessoas dividam seus fardos e responsabilidades, assim como suas histórias e conquistas, por menores que sejam” (Franca, 2016, p.89). Mas, também apresentou a importância da amizade, a qual é representada pela figura de alguém em específico, e que pode vir a contribuir para a minimização das responsabilidades associadas a família.



Já sobre uma percepção intuitiva, se tem o registro do Moçambique e do Brava, em que se pautam nos ‘olhares’ dos(as) colegas que participam das atividades as quais estão vinculados.

*“(...) eu percebo claramente quando que os caras pensam, sobre mim, que eu falo muito sem estar com pé no chão né. Assim uma coisa, ‘Ah isso aí é muito vago e tal’. O que, o que eu gosto exatamente e eu tenho discutido muito isso com a (...) [a Lagoa] é olhar as coisas em profundidade, e não só navegando, né. (...) E as pessoas acham muitas vezes, acham (...) de um modo geral elas adoram isso. Elas gostam do, elas percebem que elas são vistas como gente, e não somente como idosos.” (o Moçambique, 76 anos)*

*“(...) ora alguém normal que acompanha, ora alguém que tem um ritmo menor do que a média. (...) alguém que pode cooperar de alguma forma, mais ou menos assim.” (o Brava, 68 anos)*

Tanto o Moçambique, como o Brava, trouxeram registros que evidenciam o quão as relações interpessoais estão envolvidas com os eventos que expressam as dificuldades e as alegrias em participar das atividades as quais estão vinculados. Assim, é possível identificar a constituição de um raciocínio que venha a reforçar o envolvimento com as atividades escolhidas, e de como essas representam o “meio para organizar as interações sociais” (Facci, 2004, p.71).

E com o destaque para uma perspectiva mais generalizada, se encontra o registro da Campeche.

*“Percebo que ainda não é de expectativa boa, falta políticas públicas, para o idoso, e junto vejo os olhares aos outros colegas, familiares. (...) vejo, que realmente quem corre atrás, mesmo idoso, indo buscar informação diferenciada, ela fica mais atenta, como ocorre as situações para o idoso, pois ele não precisaria pedir mais nada, do que fosse de direito dele. Eu sou até hoje inconformada por situações que o nosso idoso convive. Sem as necessidades básicas, como cultura, saúde, alimentação, e respeito enfim.” (a Campeche, 73 anos)*

Há um alerta sobre a existência de possíveis fragilidades no que se refere ao contexto sociopolítico, como também de indicação para que as pessoas idosas corram atrás de seus direitos, busquem alternativas que promovam o bem estar físico, psíquico, social, econômico. “Por isso, em um projeto de envelhecimento ativo, as políticas e programas que promovem saúde mental e relações sociais são tão importantes quanto aquelas que melhoram as condições físicas de saúde” (WHO, 2005, p.13).

Em uma perspectiva menos agradável, chama a atenção para a existência de situações desanimadoras onde, “a exclusão e o empobrecimento das mulheres e homens mais idosos é, em geral, consequência das iniquidades estruturais nos países desenvolvidos e em desenvolvimento” (WHO, 2005, p.41). O reforço desses alertas é essencial para que os riscos de exclusão social da pessoa idosa não se propaguem, como também que o respeito prevaleça nas diferentes relações que norteiam o cotidiano das pessoas idosas.

Com o interesse de perceber qual a compreensão do envelhecimento ativo para as pessoas idosas entrevistadas, foi apresentado o questionamento específico, o que resultou em algumas impressões. Um dos pontos iniciais ressaltados pelas pessoas entrevistadas, está relacionado ao termo ativo em si, o qual remete ao estar a desenvolver algum tipo de atividade, seja com foco no bem estar físico, social, psíquico, o estar em movimento.

*“(...) Eu acho que é isso que eu faço, oh Livia. Essas atividades, esses trabalhos manuais que eu faço em casa, eu acho que é isso. Estar sempre em atividade.” (a Lagoa, 74 anos)*

*“Envelhecimento ativo pra mim, se é que eu entendo a palavra, é o seguinte, você ter idade física, mas manter a mente jovem. Então é físico porque, fisicamente eu sou mais velho, mas a minha cabeça continua flexível, maleável, ela admite novos valores, novos conhecimentos, entende que nós mudamos a cada instante. (...) o envelhecimento ativo é aquele, no meu entender tá, é aquele em que você fisicamente tem consciência das suas limitações, que você não consegue mais correr, porque a musculatura não aguenta mais, enfim, você tem as limitações físicas, mas a sua mente pode continuar perfeitamente jovem, porque ela não tem limitações materiais. A mente é o espírito, e o espírito é ilimitado.” (o Moçambique, 76 anos)*

*“(...) conceitualmente eu não sei dizer, mas sei lá, pela prática, acho que envelhecer ativamente é praticar um pouco do, das atividades, mesclar atividades acho, mesclar atividades e equilibrar sossego, como atividade rotineira respeitada na sociedade. Se pudesse definir, seria isso, equilibrar sossego, com atividades rotineiras valorizadas pela sociedade, definiria bem resumidamente nesses dois pontos aí.” (o Brava, 68 anos)*

*“Transar 3 vezes por dia, dirigir carro, amar todo mundo, e caminhar, coisas de uma pessoa de 21 anos de idade. Porque é, juro por deus, oh Livia, eu não entendo porque a pessoa tá ficando velha, certo tem um limite por causa do saúde, coisa assim, mas se eu tô com saúde, porque eu não posso transar 3 vezes por dia, porque eu não posso caminhar, alguém tem o direito de dizer ‘o (...) acho que você velhinho, então acho que você não pode fazer suas coisas’, não vai funcionar comigo, mas não vai mesmo, (...) pra mim é um absurdo alguém falando pra alguém, e tem 60, 70, 80, 90, 100 anos de idade, então você é velho. Você é, você é o que você acha que é, isso é, todos nós temos capacidade, nós temos limitações, mas essa, a limitação minha, é porque*

*eu não tenho força cardíaca, se eu tinha força cardíaca, minha filha eu já tava nas montanhas ainda, tava ensinando ainda, hum, então, eu não me considero, eu não me considero velho, eu sou uma pessoa que tem idade, só, tem muita experiência, (...) eu não me considero velho, tenho limitações só.” (o Canasvieiras, 68 anos)*

*“Para mim, envelhecimento ativo é o que todas as pessoas haviam de fazer. (...) eu fazia voluntariado, ajudando uma senhora de 85 anos que vive sozinha num quarto andar sem elevador e só pode vir à rua acompanhada. Eu tive que desistir, pois devido a um problema de saúde, já não tinha força para carregar as compras desde a loja até lá em cima ao quarto andar. Para mim envelhecimento não é ficar sentada à espera da morte, envelhecimento ativo é ter sempre uma atividade ajustada à capacidade de cada um.” (a Jurerê, 62 anos)*

*“Ora, o envelhecimento ativo é assim um bocado complicado explicar, mas penso que será, ahm, nós dedicarmos parte do nosso tempo a fazer atividades, é, que nós gostamos, é, com esse trabalho, quer seja voluntária em associações ou hospitais ou infantários, sei lá, onde a gente possa dar, ou possa pôr em prática a nossa imaginação, a nossa, todo o nosso trabalho, desde que seja contribuir para uma sociedade que nós queremos que seja mais justa e melhor. Ahm, acho que todos devemos participar, independentemente da idade, há pessoas que com 90 anos que são jovens, e há jovens com 30 que são velhos, portanto acho que temos que nos manter ativos, seja com aquilo que for. Portanto, precisamente para, ahm, que não envelheçamos sentados numa cadeira, portanto, a espera, não sei, não quero pensar que seja da morte, não é. Portanto, eu acho que todos nós, quem tem filhos ou tem netos, portanto tudo que possa dedicar o seu tempo a ajudar, seja a família, seja a outras pessoas, acho que é bom.” (a Sambaqui, 64 anos)*

A prática de uma atividade não precisa estar relacionada somente a exercícios físicos, o qual também se apresenta como promotor de diversos benefícios, mas a prática de atividades manuais, relacionais, e até mesmo sexuais, representam o ser ativo da pessoa idosa. “os níveis de actividade sexual e de satisfação sexual, ao longo da vida, são os maiores preditores da sexualidade e da satisfação sexual na terceira idade (...) contribuindo para o bem-estar dos mais velhos” (Lima, 2010, p.60).

Foi registrado pela Campeche a questão sobre a tomada decisão, de ter a autonomia de fazer valer os interesses pessoais, o respeito aos desejos, de que a ‘minha’ escolha é válida e importa.

*“É ter liberdade, de decidir por mim mesma, sem muita interferência. Sei que não se vive sozinha, respeitando também o outro, em harmonia.” (a Campeche, 73 anos)*

Já no ponto de vista da Armação, o envelhecimento ativo representa a sequência do que se vem a desenvolver pelos diversos caminhos da vida, e que com as capacidades presentes, se deve seguir o percurso em prol dos interesses pessoais e sociais.

*“Envelhecimento ativo é o, o acompanhamento do nosso percurso de vida e, e de não nos deixarmos entregar. Ah, por que já somos velhos, porque a idade já não permite isso ou aquilo, não, enquanto tivermos capacidades vamos pra frente e, e ter uma, uma postura na vida, ahm, porém que satisfaça a nós e que satisfaça aos outros.”* (a Armação, 80 anos)

[a coordenadora] “(...) Também falou sobre a participação em um festival de música, onde, além das ações de divulgação e comercialização dos produtos do projeto, as idosas também foram convidadas pela organização do festival, para aproveitar os shows, o qual contou com algumas idosas a dançar e curtir o som, expressivamente. Ações como essa, de acordo com a coordenadora, permitem que a autoimagem seja potencializada, de que é possível explorar o lado mais leve das coisas, o lado animado.” [Observação 1, 09 de dezembro de 2019]

A nortear as respostas apresentadas pelas pessoas idosas participantes, se tem a preocupação com o contexto social, ou seja, como contribuir com a sociedade, como ser reconhecido pela sociedade, ser “protagonista dos saberes partilhados (...) com a participação ativa para consolidar o sentido comunitário (...) intercâmbio de experiências e saberes” (Martins, 2015, p.681), como estar a fazer algo que a sociedade respeite, como ultrapassar as pré determinações de comportamento anunciadas pela sociedade. Essas preocupações evidenciam a constância da maior parte das relações interpessoais, onde o que a outra pessoa pensa sobre mim, importa; obter a aprovação de outrem impulsiona ou veta a escolha intrapessoal.

Com foco na pessoa idosa, essa outra pessoa pode representar familiares próximos, colegas de grupo, determinações médicas, orientações legais específicas, dentre outras que possam alimentar “os mitos que outros criaram acerca” (Pinto, 2008, p.106) dessa fase da vida, e que de alguma forma possam representar a inibição do ser autêntico dessas pessoas.

O estar em relação com o outro se mostra essencial nas diferentes fases do desenvolvimento humano e, para que essa relação seja salutar para todas as pessoas envolvidas, é de valia que o respeito mútuo esteja presente, que as ideias sejam compartilhadas, mesmo que resulte em uma crítica a posteriori, e que cada pessoa tenha o

direito de realizar as escolhas em acordo com os seus aprendizados e limites, desde que a capacidade cognitiva esteja preservada (Schneider & Irigaray, 2008). A fase idosa da vida pode representar o momento de rompimento com alguns contratempos experienciados, e que venham a constituir um novo olhar sobre as histórias de vida. O ser ativo, o estar em ação, o envelhecer com “a participação contínua nas questões sociais, econômicas, culturais, espirituais e civis” (WHO, 2005, p.13), e com o acompanhamento efetivo das transformações orgânicas, ambientais, psíquicas, relacionais, o viver em harmonia com as certezas e incertezas do tempo.

Ao solicitar que as pessoas idosas entrevistadas viessem a refletir sobre o que entendem por envelhecimento ativo, como também de identificarem as principais características dessa fase da vida, houve o interesse em perceber como enxergavam as pessoas idosas que por alguma razão optaram por não participar de uma ou mais atividades relacionadas a promoção do envelhecimento ativo, e se obteve como resultado, de modo geral, dois pontos principais, o de que essas pessoas estão a perder tempo, e o outro que se pauta no respeito aos que optam por manter a ‘tranquilidade’.

*“Eu acho que elas estão perdendo muita coisa, sabe. Se deixando ficar só em casa, ali naquela mesmice. Não, tem que sair, tem que se movimentar. Porque a gente aprende e se solta, né. A gente fica mais leve, da impressão, eu pelo menos acho, né. A gente fica mais leve, vai aprendendo mais coisas. Ficar dentro de casa não, fica naquele quadrado, ali, só naquilo não, não, não dá.” (a Lagoa, 74 anos)*

*“É, aí pra mim, eu tenho colegas que fizeram isso né, infelizmente a maioria já subiu, aquele que ficou em casa até socialmente falando, (...) tu até estranhava, o tipo de roupa que o pessoal passa vestir né. Eu acho assim oh, o conjunto de auto estima que a pessoa renega, ela deixa de, parece que de se auto valorizar e tal, não vê em atividade nenhuma, (...) eles nunca vão nesses jantares de fim-de-ano, (...) na minha opinião pessoal, um grande malefício pra continuidade de vida da pessoa, eu acho que o cara que se aposenta ele tem que ter atividade e visibilidade, ele não pode deixar de botar a sua mente em constante funcionamento, e não pode também se esconder da sociedade, (...) então eu acho que isso é um mal indício. Devia ter programas até como tem esse de combate ao COVID-19 aí, ao coronavírus, ‘fique em casa’ né, deveria ter um, saia de casa, pra esse tipo de pessoa, deveria ter um oposto, saia de casa, faça uma excursão. Devia ter um amplo programa governamental pra quase que obrigar essas pessoas a se mexer, acho que daí eles viveriam mais, eu acho, mas é a minha opinião pessoal só.” (o Brava, 68 anos)*

*“Às vezes eu penso, ‘há pessoas perdidas’, às vezes eu penso, ‘há pessoas loucas’, às vezes eu penso ‘o que eu posso fazer pra eles caminhar?’, (...) a escolha é deles (...)” (o Canasvieiras, 68 anos)*

Com base nesses apontamentos, se percebe uma valorização do envolvimento com atividades promotoras do envelhecimento ativo, onde essas permitem que o bem estar esteja presente, tanto em relação aos aspectos de motricidade, de mobilidade, como também no âmbito relacional, social, e de aprendizados, a contar com “as políticas e programas que promovem saúde mental e relações sociais são tão importantes quanto aquelas que melhoram as condições físicas de saúde” (WHO, 2005, p.13). Há uma chamada de atenção para as possíveis consequências dessa escolha, onde o Brava se refere ao recebimento de notícias de colegas que morreram, o que evidencia assim o alerta para a compreensão dos desafios dessa fase da vida onde, “solidão, isolamento social (...) [pode vir a contribuir para a] morte precoce” (WHO, 2005, p.28).

*“(...) daqui um pouco tu vai ver ‘Cadê o fulano? Olha, subiu’, (...) já vi isso também, o cara infartar de tanto trabalhar. O oposto também não deve, pessoas que trabalham até morrer e morrem no trabalho, está trabalhando deu infarto e faleceu. Por exemplo, um dos grandes amigos que eu tive, faleceu aos 84 anos, nunca parou de trabalhar e faleceu trabalhando, quer dizer, aproveitou pouco a parte sociocultural da vida e o pós laboral né (...)”* (o Brava, 68 anos)

Já em relação ao segundo ponto, onde o respeito pelas pessoas que optaram por não se envolver em uma ou mais atividades, se tem alguns registros.

*“Eu respeito, pois cada pessoa tem suas opções, (...), só acho um desperdício pela vida.”* (a Campeche, 73 anos)

*“(...) se eles querem caminhar, podem caminhar comigo, se não quer, tá bom, não, não tem que forçar alguém, a única pessoa que eu forço mesmo é o (...) [o sogro], agora com essa pandemia não, mas eu arrasta ele fora de casa, joga no carro, mas ele sai, mas ele é o único, é o único que eu tenho esse preocupação, e uma preocupação mais emocional do que física, ele me preocupa muito (...)”* (o Canasvieiras, 68 anos)

Se tem a compreensão de que as pessoas “têm o direito de fazer escolhas e assumir o controle de uma série de questões” (OMS, 2015, p.21), mesmo nessa fase da vida, e como tal devem ser respeitadas. Também se percebeu uma mudança de perspectiva, no que se refere ao registro do Canasvieiras, onde a escolha do outro deve ser acolhida, e não sou ‘eu’ que vou impor algo.

Também se apresentou o registro que se refere ao modo de lidar com um conjunto de preconceitos constituídos ao longo do desenvolvimento pessoal.

*“(...) eu acho que os idosos, eles precisam do incentivo pra ver a vida de uma forma mais tranquila, ele tende a ser muito a, ser muito preso há preconceitos que ele vai criando durante a vida. Então eu acho que o momento em que você possa, pode mostrar para ele um grupo, uma palestra, é que as coisas podem é ter outras ópticas sobre o mesmo assunto que ele está pensando, as coisas podem ajudar ele muito, ele se sente mais leve (...) quando elas percebem que elas podem esticar a mão e alcançar um pouquinho mais longe que o braço, elas se sentem muito melhor.” (o Moçambique, 76 anos)*

É possível inferir que a tranquilidade a que o Moçambique se refere, esteja relacionada ao não associar o envelhecer a um número expressivo de problemas de saúde, de contato com medicamentos, uma dependência de outrem, dentre outros aspectos que venham limitar as ações cotidianas dessas pessoas. Essa perspectiva vem a reforçar preconceitos sobre as pessoas idosas, e ao se perceber enquanto uma pessoa idosa, o que remete a reflexão do “sentir-se velho, pelo olhar dos outros” (Machado, 2012, p.43). Mas é pertinente que haja a possibilidade de se depararem com outras perspectivas de vivências dessa fase da vida, e de que o não envolvimento com a diversidade de atividades propostas, resulte em uma escolha intrapessoal, e não delegada socialmente (WHO, 2005).

### **3.3 Avaliar as estratégias de educação não formal eficazes que promovem práticas de envelhecimento ativo e minimizam os riscos de exclusão social das pessoas idosas.**

No acompanhamento dos registros apontados pelas pessoas idosas entrevistadas, se tem a evidência da importância da existência de espaços que promovam o envelhecimento ativo, como também da acolhida e atenção das pessoas que atuam nesses espaços.

Por haver uma compreensão de que é fundamental o papel que essas pessoas exercem junto a esses espaços, se faz pertinente perceber como se estabeleceu essa relação de atenção a pessoa idosa, e também do modo como as atividades vem a representar a minimização do risco de exclusão social das pessoas idosas.

Com o intuito de perceber essa relação e outros aspectos, se estabeleceu o contato com as pessoas que coordenam e/ou desenvolvem ações promotoras do envelhecimento ativo, em que a questão inicial está pautada em perceber como se iniciou a relação da pessoa não idosa com as atividades promotoras do envelhecimento ativo.

*“(...) eu e a (...) [coordenadora] em 2013 criamos a (...) Associação portanto, foi tudo assim feito a Associação que tem o registro legal, portanto, e que é promotora dessa iniciativa. Em 2014 eu e a (...) [coordenadora] submetemos, portanto, essa ideia na linha de financiamento da Câmara Municipal de Lisboa e foi assim, portanto, que, ahm, a ideia surgiu. Portanto, ambos somos fundadores dessa iniciativa, e é um projeto que está aí em vigor desde 2014, portanto quase 6 anos.” (o Forte, 37 anos)*

Em complemento ao apontamento do Forte, se tem o registro da observação realizada, onde a coordenadora do projeto comenta sobre o seu contato inicial com atividades desenvolvidas com foco nas pessoas idosas.

*“A coordenadora comentou que a inspiração para o projeto surgiu mesmo antes dela terminar a graduação, e da sua participação como voluntária em trabalhos com idosos.” [Observação 1, 09 de dezembro de 2019]*

*“(...) iniciou mediante da proposta que o (...) [o Açores], na época era o nosso vice-presidente, e ainda continua sendo, ele levou a proposta para uma reunião da diretoria executiva e a gente deu o apoio, todo o apoio, aí eu iniciei participando das atividades, dando um tipo de orientação e dando algumas sugestões (...) de palestras, de atividades recreativas, sugestões de como deveria ser as ações.” (a Joaquina, 58 anos)*

*“Eu sempre trabalhei com o serviço social, assim, com pessoas, e eu desde adolescente, desde Santo Amaro da Imperatriz, eu já era envolvido (...) com a juventude, depois vim trabalhar vários serviços, vários serviços, (...) só com pessoas, e depois foi fundado o (...), o qual eu sempre fui conselheiro do (...), aí que desenvolveu. Aí comecei a ver os grupos da terceira idade, e fui gostando, e gostando, e depois como surgiu a oportunidade, eu já fiz parte de outros grupos de terceira idade, (...) aí botei na cabeça de colocar, formar um grupo do, da terceira idade no (...), e assim foi, fui conversando com as pessoas, conversei com os conselheiros e, e formei esse grupo da terceira idade, e assim eu tô fazendo (...) desde 2017, a três anos.” (o Açores, 65 anos)*

*“(...) eu assumi a coordenação do (...) Idade em janeiro de 2018, é em virtude da, do afastamento da coordenadora anterior, e então como o (...) Idade é um programa da Assistência Social, dentro da prefeitura, e tem mais de 4000 idosos que participam, que estão cadastrados, então era uma necessidade que alguém trabalhasse né, assumisse, é, e pela minha formação e o meu cargo, é, o prefeito acabou designando pra eu assumir esse grupo.” (a Cacupé, 51 anos)*

De acordo com os registros compartilhados, a relação dessas pessoas com a pessoa idosa perpassa pela ampliação de um projeto primário ou mesmo pela atividade profissional



exercida onde, as “relações convivenciais, compensações sociais, cuidados do ser e o ‘estar com pessoas’ (melhoria dos contextos culturais)” (Martins, 2015, p.681), contempla as diferentes fases da vida e perpassa pelo comprometimento profissional.

Tendo como exemplo os registros da Joaquina e do Açores, que atuam no mesmo espaço, a experiência vivenciada pelo Açores em outros espaços, foi a impulsionadora para que apresentasse a proposta ao seu grupo de atuação, do qual a Joaquina também já fazia parte. O conhecimento prévio de que o investimento em ações atentas as pessoas idosas poderia demandar uma revisão das atividades presentes, como também de virem a promover ações de atenção ao bem estar da pessoa idosa, não se mostrou como um limitador da proposta, mas sim um impulsionador para que se efetivasse, vindo assim a contribuir para a “transmissão de conhecimento e sabedoria entre gerações, fortalece[r] as redes sociais (...) e, ainda o desenvolvimento da cidadania” (Martins, 2015, p.681).

Já no registro do Forte, a iniciativa do projeto ao qual está vinculado, e onde divide a coordenação e parceria com uma colega, foi motivada pela ampliação das ações da Associação a qual ele representa, e que possibilitou que fosse constituído um espaço atento aos conhecimentos das pessoas idosas, e que também vinha a assumir o compromisso de destacar as potencialidades dessas pessoas, os “princípios de atividade, independência, protagonismo e participação” (Martins, 2015, p.681), com o aporte do empreendedorismo.

Em relação a Cacupé, a área de atuação profissional representou o elemento impulsionador para que viesse a assumir a coordenação do projeto, como também de representar e enfatizar socialmente os valores atribuídos a visibilidade da “história ou biografia de vida (...), [a] capacidade de ação” e aos saberes das pessoas idosas (Martins, 2015, p.683).

Com o conhecimento sobre como cada uma das pessoas iniciou a sua relação com os espaços atentos a pessoa idosa, também se considera pertinente perceber qual o papel desempenhado por essas pessoas, como também do tempo dedicado ao desenvolvimento das suas atividades.

O papel de coordenação e/ou gestão, é desempenhado por três pessoas (75%), e uma das pessoas (25%) se atém ao apoio logístico.

*“(...) para além de fundador/co-fundador desta iniciativa, (...) a nossa divisão papéis, portanto, ficou bastante clara, no início, que é ela enquanto designer, portanto, ficaria mais responsável pela identidade gráfica e visual do projeto (...) No meu caso, portanto, eu passaria a ficar responsável, portanto, pela gestão da equipa, ahm, portanto, pela gestão emocional da equipa, ahm, por planeamento das atividades,*

*ahm, portanto, pelo desenvolvimento e do departamento financeiro e de sustentabilidade do projeto, e funciono também como relações públicas, portanto da iniciativa, não é. Portanto, se eventualmente um jornalista vier ao nosso encontro, portanto, sou eu que dou a cara do projeto, portanto, sou eu que faço a ponte com os clientes. (...) portanto, pra além de todo esse trabalho back office, não é, desde a responder e-mail, a clientes, aos telefonemas, enviar orçamentos, reuniões, acompanhamento de estágios, ahm, portanto, avaliação, ahm, estabelecimento de protocolos, portanto, há todo este trabalho também de terreno que é preciso ser feito. Portanto, na eventualidade nós fazemos um workshop no Porto onde um de nós, portanto, sempre terá de ir para acompanhar as avós (...)" (o Forte, 37 anos)*

Na participação, como observadora, no *workshop* de Bordado em Fotografia, foi possível acompanhar a movimentação do Forte.

“O coordenador atuava na recepção das participantes, no apoio as impressões e fixação das imagens nos tecidos, e também serviu chá para as participantes.”  
[Observação 1, 09 de dezembro de 2019]

No registro do Forte, além de ser um dos fundadores do projeto, o seu papel contempla atividades que remetem ao acompanhamento efetivo do grupo, tanto no que tange ao processo de planejamento das ações, como em relação aos aspectos emocionais das pessoas idosas. Por possuir a formação na área da psicologia, o modo de lidar e trabalhar com as características intrapessoais e interpessoais do grupo, como também com cada uma das pessoas idosas que o integram, apresenta uma consistência alargada, pois permite que sentimentos sejam compartilhados, a resolução de algumas inquietações ou receios sejam validadas, além de permitir que essas pessoas percebam que a “velhice é apenas uma fase da vida, como todas as outras e não existem marcadores do seu começo e do seu fim” (Schneider & Irigaray, 2008, p.592). E assim venham a romper com a perspectiva de que nessa fase da vida o que prevalece são as dores e a limitação das relações sociais que pode estabelecer. A parte associada ao processo de planejamento das ações, envolve o contato com a comunidade; ao estabelecimento de parcerias e conquista de trabalhos com o retorno financeiro prévio; as ações de divulgação do espaço e do projeto; a atenção a sustentabilidade do projeto; dispor de “experiências, inteligência emocional, ludicidade e paixão pelo design, (...) a possibilidade de desenvolverem as suas aptidões naturais e melhorarem a sua qualidade de vida” (Miguel, 2018, p. 41), dentre outros aspectos que venham permitir que a identidade do projeto se mantenha e o empoderamento das pessoas idosas seja firmado.

*“(...) Agora elas iriam fazer, tavam pensando em fazer o baile do dia das mães, mas não deu né. Aí essa parte aí que eu ajeito, que eu agendo pra elas, sabe, vejo uma data pra elas tá fazendo (...) no clube né, aí a decoração é com elas, elas fazem também brechó, elas fazem bazar, tem tudo isso (...)” (a Joaquina, 58 anos)*

A Joaquina aponta para o aspecto da organização, o qual conta com o agendamento do espaço para que as atividades planejadas venham a se concretizar. Além da perspectiva prática dessa ação, se tem a confirmação da importância do grupo de pessoas idosas, da legitimação das suas ações, de que a “cooperação (...) é fundamental para criar um bom ambiente” (Lima, 2013, p.24), como também a possibilidade de que ideias e experiências sejam compartilhadas.

*“(...) sou coordenador geral do grupo né, (...) tem a coordenadora, depois tem a, o tesoureiro, a primeira tesoureira, depois tem o segundo tesoureiro, e tem a secretaria e a segunda secretaria, assim que funciona, e o resto são membros. Nós somos uma base de 30, 40 idosos.” (o Açores, 65 anos)*

Já o Açores reforça o seu papel de coordenador geral do grupo, o qual também enfatizou o número médio de pessoas que compõem esse grupo, o que vem a ressaltar a atenção para com a atividade assumida.

*“(...) além de coordenar, a gente trabalha mesmo né, porque a equipe é muito pequeninha, né, e eu não te detalhei mais a outra coisa que também a gente faz e que é bem marcante, bem significativa, são os eventos, que são grandes eventos, geralmente eles tem de 1000 a 1200 participantes, (...) E a gente fez questão de fazer, o ano passado, o encontro trimestral com coordenadores e vices, porque a gente entende da importância do papel desses coordenadores, (...) por exemplo, nesse momento de pandemia esses coordenadores e vices é que estão o tempo todo sendo orientados né, as informações são passadas pra eles, que eles replicam essas informações para os outros grupos, pros idosos dos grupos, é, como eles são grupo de risco né, então a gente se preocupou muito em, é, pontuar, destacar muito a questão do isolamento social, de todo o cuidado necessário, (...) então isso é um trabalho também que a gente tá fazendo (...)” (a Cacupé, 51 anos)*

No registro da Cacupé é destacado o papel de coordenadora, o qual envolve o direcionamento das ações junto a equipe com a qual trabalha diretamente, como também a coordenação de ações em prol e em conjunto com os grupos de idosos que estão vinculados ao programa que representa, vindo assim a reconhecer as pessoas idosas como “actores (...) das suas actividades sociais, ou seja, são percebidos como sujeitos aprendentes e cidadãos” (Cavaco, 2008, p.263). No entorno das ações apontadas, se tem a evidência da

preocupação com o bem estar da pessoa idosa, a citar o exemplo do período de alerta frente a pandemia do COVID-19 (WHO, 2020), como também do planejamento em promover capacitações para os/as representantes de cada grupo, com foco em temáticas diversas (e.g. nutrição, psicologia, direito), as quais foram solicitadas pelas pessoas idosas. Outro aspecto relevante, se além ao processo de divulgação da existência dos grupos, o destaque das ações que promovem a “saúde de pessoas idosas, (...) com a importância da valorização do conhecimento da própria pessoa” (Massi et al., 2018, p.11), dos trabalhos que realizam, e a demarcação do protagonismo social dessas pessoas. A promoção desses eventos, permite que os diferentes grupos se encontrem, compartilhem vivências, como também coloca em evidência o resultado das ações planejadas, o que pode resultar na conquista de incentivos financeiros e na ampliação do reconhecimento social e cultural.

Em relação ao questionamento sobre ao tempo de dedicação investido pelas pessoas entrevistadas, pontualmente sobre o envolvimento com as atividades as quais estão relacionados(as), três pessoas (75%) apontaram por haver uma dedicação integral, e uma delas (25%) indicou ter uma dedicação parcial.

*“Integral. Portanto, tanto eu, como a (...) [coordenadora] estamos a full time no projeto. Portanto, nós somos remunerados, portanto, ahm, enquanto técnicos imputados ao projeto.”* (o Forte, 37 anos)

*“A minha participação é integral, tô o tempo todo a disposição deles, que eu sou aposentado, né.”* (o Açores, 65 anos)

*“Integral.”* (a Cacupé, 51 anos)

*“Parcial, eu não participo integralmente.”* (a Joaquina, 58 anos)

Esse registro vem a corroborar com a descrição do papel desempenhado por cada uma dessas pessoas nos espaços onde as atividades em atenção as pessoas idosas são realizadas. Se apresenta a reflexão sobre o cultivo de um ambiente onde o estabelecimento dessas relações interpessoais seja constituído de modo saudável, em respeito as diferenças, atento aos compartilhamentos intergeracionais, onde “sabemos que cada um de nós tem uma história diferente, (...) mas o importante é vincular essas histórias entre gerações, onde cada um aprenda do outro, independentemente da idade” (Martins, 2015, p.681), como também de impulsionamento para que as pessoas idosas assumam a sua representatividade social,

econômica, cultural. De que a qualidade e afinamento dessa relação, esteja desapegada ao número de horas que o contato direto se estabelece.

Seja com uma dedicação parcial ou integral, o desenvolvimento e o acompanhamento das atividades, pelas pessoas entrevistadas, reúnem um conjunto de processos e de representações, que por alguns momentos podem decorrer de modo tranquilo, e em outros de modo turbulento. Tendo essa percepção, questionou-se sobre quais seriam os principais desafios e os principais prazeres relacionados ao conjunto de ações com as quais estão relacionados(as).

Dentre os desafios citados pelas pessoas entrevistadas, se encontram aspectos relacionados a questão financeira, ao processo de integração do grupo, possíveis divergências, como também na busca por novas atividades a serem dispostas às pessoas idosas.

*“(...) desafios, ahm, que tem muito que ver, portanto, com a própria sustentabilidade do projeto não é, como é que tu sendo uma organização privada não tens apoio estatal, ahm, não tens recursos ou cenas, (...) Como é que tu consegues, portanto, fazer esta gestão financeira para que mês após mês consigas ter as contas liquidadas, o espaço aberto e ter sempre desafios novos, portanto, para proporcionar (...) este é, é portanto, o maior obstáculo, que é, tu nunca consegues prever como é que vai acontecer o teu próximo mês, não é, em termos de clientes, é, portanto, de receitas, ahm, enfim, pra nós mês a mês é sempre um desafio. (...) o facto de sermos apenas dois, o facto de nós sermos uma equipa muito reduzida não tens capacidade, portanto, mental, física e disponibilidade, portanto, enquanto técnico, enquanto pessoa, portanto, para além de todas as funções que eu já te disse anteriormente, acumular ainda mais esta visão comercial do projeto (...)” (o Forte, 37 anos)*

Nos apontamentos do Forte, as questões financeiras representam a dificuldade central do projeto, como também a parte de sobrecarga das responsabilidades assumidas e são balanceadas entre ele e a sua colega, também fundadora. A falta da conquista de uma tranquilidade financeira interfere diretamente na disponibilidade dos materiais para que as atividades aconteçam; na garantia do espaço que ocupam e que representa a referência social. Mas, de uma outra perspectiva, a busca por uma resposta mais pontual frente as garantias financeiras, pode vir a representar uma dedicação mais expressiva na parte produtiva do grupo, que vem a “reconhecer nas pessoas que participam (...) o talento e as capacidades que os tornam únicas” (Miguel, 2018, p.40), onde as pessoas idosas atuam diretamente em prol da sustentabilidade e permanência do projeto ao qual estão vinculadas. Para além desse trabalho em conjunto, se fez referência ao contexto comercial do projeto, onde o

estabelecimento de parcerias vem a contribuir para as finanças, para a divulgação das ações, e motivar o processo criativo do grupo. Caso houvesse pelo menos uma pessoa vinculada ao grupo que pudesse se dedicar, prioritariamente, a esse processo comercial, a probabilidade de que o número de parcerias estabelecidas e de produções sustentáveis para a conquista de um tempo maior de ‘respiro’ financeiro, estaria mais próxima da realidade.

É válido citar que no resgate dos apontamentos apresentados pelas pessoas idosas entrevistadas, que fazem parte do mesmo projeto que o Forte, a questão da dificuldade financeira deste espaço surgiu como um dos pontos das dificuldades em relação as atividades que desenvolvem.

*“(...) As maiores dificuldades penso, portanto, pelo que eu ouço, será a parte do pagamento da, do, das instalações, do material, penso que sempre vai, vamos recebendo algum, quer de ofertas, quer, portanto, é que seja a organização a comprar, penso que se não se conseguirem vender as, os nossos trabalhos, (...) temos ouvido dizer que a associação está a tentar ser auto-suficiente, não sei neste momento quais são as grandes dificuldades, a não serem estas, (...)”* (a Sambaqui, 64 anos)

Esse registro representa o compartilhamento de informações por todos(as) que estão no grupo, como também a ciência da importância de cada pessoa para que o espaço e o projeto se mantenham presentes.

*“Olha, o principal desafio é (...) entre a diretoria executiva do (...) e a, e o grupo de melhor idade, tem algumas coisas que não, como é, que não se encontram ali, que não, sabe, há divergências, algumas divergências. (...)”* (a Joaquina, 58 anos)

*“O meu desafio é ver, fazer a integração deles, a integração do grupo. (...)”* (o Açores, 65 anos)

Em relação ao que a Joaquina e o Açores registraram como dificuldades, o relacionamento interpessoal é tido como referência, o qual está associado ao processo de integração do grupo, como também de possíveis incompatibilidades entre a diretoria executiva do espaço e o grupo de idosos(as). Essa incompatibilidade, que não foi especificada pela Joaquina, pode estar relacionada a diversos fatores, os quais podem vir a ser revistos de modo gradativo, com o reconhecimento do protagonismo social das pessoas idosas, no qual as pessoas “interagem, vivenciam, trocam, divergem (...), crescem, refletem, encontram sua irreverência e sua autovalorização” (Oliveira, 2005, p.4), e também com o passar dos anos, tendo em vista que as atividades pautadas na pessoa idosa, nesse espaço, decorrem em um

pouco mais de três anos. Quanto ao destaque do Açores, o foco está no processo de integração do grupo, o que reflete na reunião de pessoas idosas com características diversas, histórias de vida específicas, como também a existência de diferentes elementos que vieram motivar a participação no grupo (Cabral & Macuch, 2017).

O reconhecimento desse desafio vem a promover o comprometimento da coordenação do grupo, com a disponibilidade em acolher ideias, manter a atenção em relação aos sentimentos compartilhados, a “heterogeneidade da situação e vivências das pessoas idosas” (Daniel et al., 2016, p.355), aos desafios ultrapassados, e de reconhecer as conquistas decorrentes dos trabalhos desenvolvidos. O papel da coordenação também se mostra essencial para que as possíveis divergências apontadas pela Joaquina não se propaguem, e os(as) diferentes representantes desse espaço legitimem o envolvimento e desempenho do grupo de idosos(as), onde o “reconhecimento aumenta a produtividade e a satisfação, bem como a auto-estima e a sensação de segurança dos membros do grupo” (Lima, 2013, p.24), e venham a contar com o reforço do reconhecimento social e cultural.

*“Eu acho que prazeres e desafios, pra mim eles estão muito interligados tá, (...) Eu acho que um dos grandes desafios, e pra mim uns dos maiores mesmo, primeiro foi criar um vínculo com esses grupos, e após esse vínculo, fazer a, uma, é, uma, essas visitas aos grupos, e perceber o quanto que foi, é, importante pra eles esse, essa visita, nós estarmos presentes, né, eu vejo assim que pra eles mais do que uma festa, mais do que ganhar o lanche, alguma coisa, eles serem vistos, essa visibilidade, a gente valorizar eles é algo assim que foi muito marcante pra mim enquanto pro, pessoa e profissionalmente também. Então, um desafio que eu tinha pra esse ano, era a gente continuar trabalhando pra mostrar não só, é, ressaltar pros grupos, mas pra sociedade, a importância desses grupos, a energia dessas pessoas (...) Então, o meu desafio esse ano, era a gente lapidar o que já tava dando certo, e tentar complementar com outras questões que a gente sentia que era importante, é, como a capacitação, é, dos coordenadores e vice, porque o coordenador e vice, é uma pessoa idosa também, mas eles são voluntários, eles estão ali como voluntários, eles estão ali se doando, eles estão ali, é, pra manter o grupo unido, pra manter o grupo ativo, pra ter um sentido aqueles encontros (...)” (a Cacupé, 51 anos)*

Nos apontamentos da Cacupé, os desafios apresentam um significado relacionado com a ampliação das atividades desenvolvidas pelos grupos, o investimento em capacitações que venham potencializar a atuação dos(as) coordenadores(as) dos grupos; promover encontros entre os diferentes grupos para que experiências sejam compartilhadas; dispor de ações onde profissionais de diversas áreas possam compartilhar conhecimentos relacionados ao bem estar da pessoa idosa. Esse conjunto de atividades planejadas, permite que se tenha a

perspectiva de metas a serem atingidas, e também reflete o não comodismo por parte da Cacupé.

*“(...) a expectativa que eu tinha pra esse ano, a gente poder fazer, é capacitações mesmo, envolver profissionais de diversas áreas né, e também outro desafio que eu gostaria muito, (...) eles tem vontade de fazer coisas diferentes, atividades diferentes, mas eles não tem muito a ideia do que fazer, então eu tinha a ideia de fazer encontros de trocas de experiências, de cases e de possibilidades que os grupos pudessem ter pra não tá sempre fazendo a mesma rotina, pra buscar fazer coisas novas, e os grupos mesmo, entre eles essa troca já seria riquíssima. Sabe, né, porque a gente ouve assim o trabalho de vários grupos, assim, que são fantásticos, né, em vez de ficar só no bingo, em vez de ficar só no bordado, o que mais que eles poderiam fazer? O que que esses grupos fazem? Então esse era um desafio também para esse ano, só que com essa questão toda da pandemia, eu entendo que esses grupos infelizmente, tão cedo não vão tá se encontrando. Então o nosso contato tá sendo pelo whats, a gente tá mandando material pra eles, informações, né, mas nunca é a mesma coisa.” (a Cacupé, 51 anos)*

A preocupação em proporcionar um número variado de atividades, e que essas possam ser revistas e atualizadas de modo gradativo, a contar com as experiências compartilhadas entre os diferentes grupos, e que também venham possibilitar que outras habilidades sejam evidenciadas, remete a um comprometimento efetivo da coordenação, e simboliza a disponibilidade em acolher as ideias apresentadas pelos grupos e as possibilidades de mudança. O contato com as mudanças vem a ser reforçado pelo interesse em capacitar os(as) coordenadores(as) de cada um dos grupos de idosos(as), para que assim, a qualidade das informações compartilhadas no entorno das atividades desenvolvidas nos grupos sejam assertivas, reflexivas e estejam atreladas a essa fase da vida. Segundo Gohn (2006), “A educação não-formal capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Sua finalidade é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais” (p.29).

Essas capacitações podem vir a contribuir para o direcionamento de outra proposta, que está relacionada a promoção de encontros entre os grupos, para que experiências sejam compartilhadas, além de possibilitar a propagação dos relacionamentos interpessoais. E em relação ao estabelecimento de parcerias com profissionais de diversas áreas, se tem o reforço do comprometimento com as pessoas idosas, no que tange a disponibilidade de momentos que venham evidenciar a percepção holística dessas pessoas, estabelecer uma rede de contatos amplificada, além de evidenciar o desenvolvimento de atividades promotoras do bem estar da pessoa idosa. Cacupé também registrou que, o estabelecimento de vínculo com



os grupos de idosos(as) se mostrou como o desafio inicial, tendo em vista que “a efetividade das redes sociais determina-se pelo número de pessoas que integram, a diversidade dos vínculos (familiares, emocionais, sociais, culturais) e a variedade de recursos que promovem” (Martins, 2015, p.681). A receptividade das pessoas que constituem cada um dos grupos, se mostra essencial para que os vínculos sejam constituídos, as relações interpessoais estabelecidas, e também permite que a organização e a disposição das atividades respeitem as pessoas e os espaços ao qual estão associados(as).

Por compreender que os desafios e os prazeres estão interligados, salienta-se aqui os aspectos motivadores dos apontamentos dispostos pela Cacupé. A iniciar pelo estabelecimento do relacionamento interpessoal, que contempla o desenvolvimento das ações de todas as pessoas envolvidas com as atividades realizadas, pois demanda a clareza na comunicação, a confirmação do vínculo estabelecido e a confiança em relação as atividades propostas e praticadas. Outro aspecto destacado se refere ao compartilhamento de conhecimentos por parte de outros profissionais, o que vem a refletir na expansão do tipo de informações que podem resultar na conquista de uma qualidade de vida das pessoas idosas, em relação a diversas áreas, como: nutrição, psicologia, direito, história, artesanato, desporto, economia, dentre outros, pois “à medida que um indivíduo envelhece, sua qualidade de vida é fortemente determinada por sua habilidade de manter autonomia e independência” (WHO, 2005, p.14). Essa diversidade de áreas tende a potencializar o viver das pessoas idosas e reforçar o protagonismo social das mesmas. Quanto a realização de encontros para a troca de experiências, como também da realização de capacitações que envolvam as coordenações dos grupos, se entende como prazeres a possibilidade de ampliar os conhecimentos, despertar o interesse por mais assuntos, e de proporcionar a todas as pessoas relacionadas aos grupos, a oportunidade de se conhecerem, planejarem ações em conjunto e impulsionar a visibilidade dos grupos frente a sociedade (WHO, 2005).

A concluir os apontamentos da Cacupé, se fez referência as medidas de acompanhamento das pessoas idosas no momento atual da pandemia COVID-19 (WHO, 2020), onde se conta com o apoio do aplicativo *WhatsApp*, “uma das ferramentas de comunicação mais utilizadas para troca de mensagens de textos, vídeos e fotos” (Silva & Alves, 2018, p.51), para compartilhar informações com os grupos, encaminhar a distribuição de alimentos e, principalmente, manter ativo o contato com as pessoas idosas. O afastamento social é indicado como medida de segurança, mas o isolamento social não.

Em continuidade a identificação dos prazeres, segue-se o registro do Forte, da Joaquina e do Açores.

*“(...) poder acompanhar de perto a evolução (...) quando tu fazes o onboarding (...) em que ela vem curiosa, como aconteceu com esta senhora, não é, portanto, ahm, que vem, portanto, muito numa forma curiosa ver o que que nós fazemos, (...), como que funciona a dinâmica do projeto, em que que pode colaborar, e que por norma nesta primeira investida (...) vem sempre no registo tímido, com vergonha, há medo, ahm, porque de facto, portanto, é uma dimensão que ela não controla, não é. Portanto, é um grupo de pares, portanto, que ela não está inserida. E é muito interessante ver e acompanhar a evolução dessa prestação no projeto não é. Ahm, é muito interessante, portanto, ver que de facto (...) estão dispostas a aprender, dispostas a partilharem os seus saberes (...) dispostas a ficar enraizadas, portanto, e agrupadas, portanto, no todo, que isso por si só permite-lhes ter ali um espaço de manobra e de conforto, portanto, para crescer enquanto pessoas, não é. (...) Portanto, é uma evolução muito muito muito muito gratificante (...) Uma tônica que é transversal a todas (...) vem exatamente com esse propósito que é de se sentirem úteis, inseridas na sociedade, portanto, serem respeitadas, ahm, e tratadas como adultas, portanto, como são. Portanto, não há aqui o processo de infantilização, ahm, de retrocesso, portanto, nas suas vidas (...)” (o Forte, 37 anos)*

*“As alegrias, olha, tem bastante momento de alegrias, que são todas as atividades que são planeadas né, que são executadas (...) quando tu vê o resultado, quando elas fazem o trabalho manual, o resultado daquele trabalho, vendo aquele trabalho sendo exposto né, no bazarzinho, e as pessoas é, elogiando aquele trabalho (...) em relação a tudo o que, que elas fazem assim.” (a Joaquina, 58 anos)*

*“E a minha alegria é ver aquilo concluído, ver que eles estão tudo alegre, tudo fazendo com satisfação, passando uma tarde alegre, isso é que dá satisfação, é o reconhecimento né.” (o Açores, 65 anos)*

Como ponto comum entre os registros apresentados, está o acompanhamento do desenvolvimento das pessoas idosas vinculadas a cada um dos espaços, seja esse atribuído aos aspectos de relacionamento intrapessoal e interpessoal; a conquista da conclusão das atividades planeadas. As manifestações de confirmação dessa conquista contam com o direcionamento para as pessoas idosas “desenvolverem os seus talentos individuais, as suas aspirações e paixões direcionando toda essa energia para cada projeto em que se empenham” (Miguel, 2018, p.40), o qual recebe o reconhecimento social, onde os materiais produzidos que são expostos, vem a receber comentários de incentivo das pessoas que os acessam, seja por visualizar ou mesmo pela aquisição, quando possível. Também se tem a evidência de que o comprometimento com o grupo e com as atividades as quais cada pessoa idosa está vinculada, resulta na conquista do bem estar “físico, mental, psicológico e emocional”

(Machado, 2012, p.71), como também na percepção de que essa fase da vida pode proporcionar o contato com novos aprendizados, e de que os eventos experienciados são valorizados.

Junto a esse registro sobre o desenvolvimento das pessoas idosas, houve o destaque quanto a não infantilização dessas pessoas, uma preocupação que se faz pertinente, tendo em vista que por muito tempo se cultivou o entendimento de que a fase idosa da vida correspondia a “regressão a uma segunda infância” (Lima, 2013, p.15), o que foi desconstruído posteriormente. Também se destacou sobre a constituição do espaço e das atividades com o reconhecimento e o incentivo de que as histórias de vida experienciadas, os conhecimentos acumulados ao longo dos anos, são presentes, são valorizados e devem ser compartilhados. A sensibilidade em manter essa visibilidade ao que cada uma das pessoas idosas representa socialmente, e de que estão dispostas a acolherem os desafios propostos, com criatividade, atenção e dinamismo, reflete a constituição de um olhar impulsionador, e que vai de encontro com a promoção do envelhecimento ativo (Cabral & Macuch, 2017). Se tem a compreensão de que o lidar com o novo, o desconhecido, não invalida os aprendizados passados, mas sim se estabelece o cultivo de um diálogo emergente e sustentável, o empoderamento dessa fase da vida.

Para que as atividades promotoras do envelhecimento ativo ocorram de modo organizado, e que venham contribuir para o desenvolvimento das pessoas envolvidas, representados pelos variados grupos, é necessário que haja um planejamento das ações. Esse planejamento também contempla o aporte financeiro, estrutural, o lidar com possíveis contratempos, dentre outros aspectos.

Assim se compreende como pertinente o questionamento sobre o processo de planejamento das atividades as quais as pessoas entrevistadas estão relacionadas.

Existe uma variação quanto ao tempo estimado para o delineamento das ações futuras, que configuram o planejamento. De modo geral, o planejamento ocorre anualmente, mas também se tem o registro de períodos mais curtos, como semestralmente e trimestralmente.

*“(...) o que nós por norma costumamos fazer, portanto, é definir trimestralmente as atividades, portanto, na faixa de três em três meses fazemos um planejamento das nossas atividades internas, nomeadamente os workshops que decidimos fazer, portanto, para recebermos as pessoas de fora. Ahm, uma outra coisa também que nós definimos, portanto, com planejamento é, portanto, a criação das nossas coleções (...) o molde é lançado, ahm, nós fazemos um protótipo e temos um espaço de 6 / 7 meses, portanto, de produção dessa peça para posteriormente também fazemos os lançamentos (...) Ahm, todo o resto, sejam convites, quer seja para dinamizarmos um*

*workshop fora de portas, em Setúbal, em Almada, no Porto, em Coimbra, assim como residências criativas, a participação em tertúlias, debates, congressos, seminários, portanto, isso não pode ser controlado por nós, porque diariamente recebemos esse tipo de convites. Portanto, o que vai acontecendo é ajustamos sempre a nossa presença em função da nossa disponibilidade de agenda. (...) Pra além disso, estas reuniões que acontece, portanto, no espaço de 6 em 6 meses são muito importantes para balizar objetivos, fazer uma reflexão do que correu no passado (...)” (o Forte, 37 anos)*

Ainda sobre o projeto ao qual o Forte está vinculado, segue o registro.

“A coordenadora explicou que no projeto eles trabalham com coleções, e de que ela enquanto *designer*, participa ativamente no direcionamento da proposta das coleções (...) Apresentou o que é realizado nos *workshops*, a proposta dos bordados em fotos, (...) e de que esse momento possibilita que os contatos intergeracionais ocorram.” (Observação 1, 09 de dezembro de 2019]

Os apontamentos destacados pelo Forte, se pautam em uma variação de tempo, a qual corresponde ao tipo de atividade a ser planejada, mas também vem evidenciar a constância em lidar com eventos que surgem para além da programação desenhada. No que tange ao desenvolvimento do planejamento interno, ou seja, o que é compreendido como correspondente ao nicho de atividades que são elaboradas e praticadas com base nas decisões da coordenação e em conjunto com o grupo, esse planejamento decorre de modo trimestral. O cumprimento dessa regularidade é importante para o desenvolvimento do projeto em si, para que se tenha o controle dos recursos disponíveis para a efetivação das atividades previstas, como também para a preparação do grupo e do espaço. Em outro plano se tem as reuniões semestrais, as quais se pautam no resgate geral das ações do grupo, possibilitam o planejamento de longo prazo, onde também é importante que todos(as) estejam “envolvidos ativamente no planejamento, na implementação e avaliação” (WHO, 2005, p.46) das ações, além de fortalecer o vínculo, as relações interpessoais, e de expor as dificuldades inerentes a sustentabilidade do espaço e do projeto, e também as conquistas decorrentes. A compor uma perspectiva mais flexível, está o planejamento pautado na demanda da clientela, que decorre em acordo com as propostas que surgem fora da programação desenhada pelo projeto, mas que permitem que alguns percalços da sustentabilidade do espaço sejam minimizados, além de vir a reforçar a “valorização do conhecimento da própria pessoa no seu processo de empoderamento” (Massi et al. 2018, p.11), junto a participação ativa nas ações.

*“(...) a proposta, geralmente é feita, agora a gente ia fazer anual, mas só que daí a gente tenta né, já amarrar com tudo assim, as atividades né, assim, como é que se diz, recreativas e as educativas né, (...) A etapa que eu, olha, geralmente a etapa (...) inicial e a final (...)” (a Joaquina, 58 anos)*

*“(...) no início do ano a gente se reúne, todo mundo dá opinião, vê o que é que é bom, o que é que não é, o que é que é bom, cada um da sua opinião, e aí nós, dali tiramos as conclusões, e assim nós vamos colocando no, e aí fizemos uma data, uma data pra aquilo, uma data pra isso, uma data pra aquilo, tá. E aí do decorrer do ano, dependendo a semana, vamos supor, semana que vem nós colocamos (...) vai ser alguém que vai dar uma palestra, outra semana vai ser o jogos, e assim nós fizemos sucessivamente, e aí conforme tiver que adaptar a gente vai adaptando (...) E das atividades eu esqueci de dizer que tem duas viagens, este ano não foi feito por causa da pandemia, porque nós ainda estamos parados por causa da pandemia né, começamos a fazer, mas tivemos que parar. E fizemos duas viagens assim, vamos supor, pra um hotel, aonde a gente fica uma noite num hotel, entendeu, e outro dia fizemos uma, uns passeios pra um, pra um hotel fazenda que ficamos o dia todo, e assim a gente vai levando, pra deixar eles bem alegre, né.” (o Açores, 65 anos)*

Já a seguir, nos registros da Joaquina e do Açores, que representam o mesmo espaço, o planejamento das atividades decorre de modo anual, onde ao início do ano as atividades são programadas, mas que também está suscetível a adaptações. Essas adaptações estão relacionadas a algumas variáveis, dentre elas se encontra a participação das pessoas idosas onde, além de serem consultadas sobre a programação, exercem um papel avaliativo, com o voto de aprovação ou reprovação do proposto, e também tem a possibilidade, quando pertinente, de compartilhar os conhecimentos com o grupo, sendo palestrantes, onde essa ação corresponde a prática da educação não formal, em “que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas” (Gohn, 2014, p.40).

*“(...) a gente procura fazer assim oh, (...) tem uma equipe pra planejar, depois é levado pro grupo, e o grupo aprova ou não, e depois tem (...) a parte que eles participam né, sem eles não teria como ter atividades. [E nessa participação deles (...) já aconteceu de (...) um ou outro assumisse essa responsabilidade, (...) fazer a apresentação pros colegas, mesmo sendo o idoso que assiste nos outros momentos, isso é comum ou não?] Olha, eu, só acontecia às vezes com a (...) Mas geralmente não, geralmente é uma pessoa que vem de fora pra tá dando alguma palestra, assim. A não ser, como teve grupos é, teve trabalho manual, daí ali mesmo cada um fazia uma coisa, (...) principalmente quando tinha é, festa, assim, né, tipo datas comemorativas - natal, aí uma pessoa sabia fazer tal artesanato, aí fazia aquilo, outra fazia, sabe, mas é trabalhos manuais. (...) ensinava pros demais. (...) Isso aí elas sabem muito bem. (...)” (a Joaquina, 58 anos)*

*“Sim, eles participam também, participam porque, pra ver que a maioria tem que tá de acordo, né. (...) [E dessas atividades, palestras, é sempre externo ou já alguns dos senhores ou das senhoras já palestrou assim pros demais colegas, dividiu a sua experiência?] Ah sim, já, já, até o pessoal dali também já palestrou sim, qualquer um pode (...) faz um intercâmbio, um vai no grupo, o nosso grupo vai no outro, ou outro vai aqui, assim vai. Todo mundo que tem alguma coisa a acrescentar é interessante pra gente, né.” (o Açores, 65 anos)*

O envolvimento das pessoas idosas na etapa do planejamento, atenta para a importância do estabelecimento de uma comunicação clara, acolhedora e limitadora, quando necessário, entre todos(as) os(as) representantes do grupo, o que vem a contribuir para o estabelecimento da “confiança e desta forma aumentando o vínculo” (Machado, 2012, p.68) entre as pessoas.

*“(...) esse ano a gente tinha uma programação que não vai ser colocada agora tão cedo em prática, mas que era de fazer capacitações com profissionais específicos, por exemplo, falando sobre violência institucional, violência doméstica, o que que é violência da pessoa idosa, né, é, falando sobre a questão da saúde, eles pedem muito coisas relacionadas a nutrição, a psicologia. Então a ideia era trimestralmente fazer um encontro, tipo um seminário para esses, é, prof, é, pros participantes né, mas daí por enquanto a gente teve que parar, isso a gente não colocou em prática.” (a Cacupé, 51 anos)*

Quanto aos apontamentos da Cacupé, o planejamento é anual, a considerar a organização e previsão das atividades que demandam o aporte financeiro, social, material, dentro de um contexto geral, o qual contempla as atividades artesanais, os lanches, os passeios, como também o encontro para o show de talentos.

*“(...) e eu não te detalhei mais a outra coisa que também a gente faz e que é bem marcante, bem significativa, são os eventos, que são grandes eventos, geralmente eles têm de 1000 a 1200 participantes. E eu vou te falar de três grandes eventos que a gente tem, é, no ano passado, o carnaval, e esse ano também a gente teve, então os dois anos que eu tô na coordenação a gente desfilou, é, antes (...) dos grupos da especial, (...) o outro é a festa, o arraiaá, que é em junho, que a gente faz uma festa junina, um arraiaá, que no ano passado a gente fez (...) e foi bem legal, (...) e, é, em meados de outubro, como outubro tem o mês do idoso, a gente faz um show de talentos, no ano passado a gente fez (...)” (a Cacupé, 51 anos)*

Mas dentro de uma perspectiva mais atenta ao papel exercido pelos(as) coordenadores(as) dos grupos, se tem a organização de eventos trimestrais, que com a participação de profissionais de diferentes áreas, ocorreriam seminários, no qual um dos objetivos seria possibilitar o compartilhamento de informações nos diversos grupos, pautadas nos aprendizados específicos disponibilizado aos(as) representantes da coordenação de cada grupo. O processo eletivo de que temáticas deveriam ser abordadas, e consequentemente de que profissionais deveriam ser consultados(as)/convidados(as), corresponde a uma demanda anunciada pelas pessoas idosas nos seus grupos, e que depois são repassadas e elencadas pelo espaço onde a Cacupé atua, vindo a pontuar a “importância das redes sociais para o bem estar na velhice” (WHO, 2005, p.51). E como foi destacado pela mesma, essa programação foi adiada em virtude da situação pandêmica do COVID-19 presente.

Para que essas e outras ações relacionadas a esses espaços continuem a existir e se desenvolvam, além dos aportes financeiros, estruturais, é essencial que se mantenha o compromisso das pessoas, nos diversos papéis que desempenham, como também a representatividade das pessoas idosas. Também se dá o reconhecimento das expectativas, de constituírem uma caminhada que permita a concretização dessas, seja de modo parcial ou integral, mas sempre em conjunto com as pessoas idosas presentes, e onde algumas foram registradas pelas pessoas entrevistadas.

*“Olha a primeira é, portanto, mantermos este espaço, solidificar esta nova casa, portanto, (...) aquilo que nós estamos a fazer neste momento que é, se tu tens a possibilidade de fazer workshop na esquina, no café da esquina ou cá em casa, cabe o nosso cliente, nós fazemos cá (...) porque, tu também já presenciaste isso, que é por norma os nossos workshops, portanto, tem, ahm, 20 pessoas de fora, portanto, (...) essas 20 pessoas para nós são muito importantes para dar a conhecer esse novo recurso que existe no bairro, ahm, essa nova loja que existe no bairro. (...) Depois é continuar a crescer, (...) de desafios, de experiências, de clientes, ahm, de serviços que nós possamos prestar. (...) pra nós é muito incerto perceber o que vai acontecer daqui a 2 meses, não é. Portanto, nesse momento nós estamos a trabalhar com clientes incríveis e desenvolver projetos incríveis, mas se calhar daqui a 2 ou 3 meses, portanto, nada vai acontecer ou então podemos estar a trabalhar ainda com um cliente melhor, portanto (...) a nossa intenção de facto é que o grupo de 14 senhoras que estão junto em São Miguel, que se possam multiplicar ou triplicar, quem sabe, portanto, nesses próximos meses. Ahm, em Lisboa a nossa intenção também é essa, pretendemos aumentar a nossa família (...) nesse momento temos 75 ou 70 (...) queremos aumentar a família agora que nós temos um espaço para isso. (...) Em junho, a partida, portanto, iremos com um grupo (...) a Croácia, portanto, participar de um Congresso Internacional. (...) portanto, com o modelo, o negócio ainda mais estruturado, portanto, com clientes ainda mais organizados, mais estruturados, com a equipa (...) ainda mais incrível e que os atores, portanto,*

*funcionem como um piloto, portanto, para podermos replicar esse conceito em outros pontos do país.” (o Forte, 37 anos)*

“A coordenadora comentou sobre as idosas que são convidadas a participarem como modelos, de ações vinculadas a produtoras, como resultado de parcerias estabelecidas, e mesmo pela chamada de atenção social do projeto.” [Observação 1, 09 de dezembro de 2019]

*“(...) meu papel é tá orientando e tá, principalmente, incentivando e não deixando elas ficarem desanimadas, (...) e a gente tá, é, colocando nas redes sociais, convidando as pessoas, e incentivei de tá fazendo atividades novas né, de tá propondo atividades novas (...) atividades diferentes das que foram do ano anterior, pra tá inovando né, pra não ficar na mesmice. [as redes sociais] (...) Facebook, Instagram, WhatsApp.” (a Joaquina, 58 anos)*

*“Eu entendo que é um trabalho que (...) todos devem ajudar pra sair, que saia um trabalho, a gente vai com uma ideia, outro vai com a ideia, porque ali todos eles constroem, não é só eu, é todo mundo constrói o grupo né.” (o Açores, 65 anos)*

*“Então eu me vejo como uma ponte assim, né, como uma ponte que pode fazer essa mediação entre, é, entender, sentir, o que realmente eles pensam e sentem, como que é a vida deles, é, esses encontros, né, na prática, e o que eles esperam do poder público, né, quais são as expectativas deles né (...) porque falar da pessoa idosa, é, sem realmente tu vivenciar, é, o dia a dia deles, é, fica muito na teoria né, eu acho que gera um distanciamento muito grande do que que realmente, é, se aspira, se deseja, se necessita, enfim. Então, eu acho que eu me vejo assim, é, de certa (...) me vejo como uma ponte, como eu te falei, como alguém, é, a mais, né, que tem muitas pessoas que batalham por essas, pelas pessoas idosas, né, hoje que eu, aí eu me envolvi também com o Conselho Municipal do Idoso, (...), e tem uma luta muito linda e antiga né, é, nessa causa, e inclusive tem, a gente também tá envolvido com o EBAPI, que é a Estratégia Brasil Amigo da Pessoa Idosa<sup>11</sup>, (...) vejo o meu papel como, ah, uma voz, que pode além de ouvir eles, que pode levar pra prefeitura e outros órgãos né, com muita propriedade. Eu não to falando porque eu ouvi, eu falo é porque eu vivi, porque eu senti né, eu tô falando muito eu mas, só ressalto que eu, também tem uma equipe, né, é, nunca gosto de falar na minha pessoa, mas é, que como eu tô te respondendo né (...)” (a Cacupé, 51 anos)*

---

<sup>11</sup> A Estratégia Brasil Amigo da Pessoa Idosa (EBAPI), foi instituída pelo Decreto nº 9.328, de 3 de abril de 2018, e posteriormente revogado pelo Decreto 9.921, de 18 de julho de 2019. (Brasil, 2018, 2019b, 2020b). Dentre as diretrizes que compõem a EBAPI, identifica-se a atenção ao protagonismo social, a garantia do acesso aos serviços públicos, como também a promoção do envelhecimento ativo. (Brasil, 2019b). E a proposta da EBAPI se fundamenta “como um caminho para o envelhecimento ativo, saudável, cidadão e sustentável para as pessoas idosas.”, onde os governos federal, estadual e municipal assumem e representam esse compromisso em ações pertinentes e atentas ao bem estar da pessoa idosa. (Brasil, 2020b).



A compreensão de que o papel desempenhado no grupo, vai além de organizar a agenda de atividades focadas nas pessoas idosas, perpassa pelo registro das quatro pessoas entrevistadas. A Joaquina e o Açores enfatizam o papel de impulsionador(a) das ações, onde as perspectivas de realização e continuidade das ações envolvem o saber lidar com os possíveis sinais de instabilidade, de receios, dentre outros que coloquem em dúvida o desenvolvimento do grupo. Com a identificação desses sinais, conseguem estabelecer um contato mais acolhedor e que permita o resgate de ações que voltem a promover o trabalho e as relações interpessoais do grupo, como também o “potencial cognitivo, emocional, criativo” (Pinto, 2008, p.79), e as conquistas associadas ao enfrentamento dos possíveis desafios.

Os apontamentos do Forte evidenciam as perspectivas de permanência e de reconhecimento do projeto, o que vem a contribuir para a amplificação da garantia em manter o espaço de referência, também na conquista de novos projetos, de ações que incitem o contato com o novo, o desconhecido, além de ampliar o número de pessoas idosas participantes, e assim propagar a identidade do projeto, que “compreende dimensões objetivas e subjetivas” (Schneider & Irigaray, 2008, p.589). O caminhar em prol dessas conquistas, conta com o compromisso do grupo, a organização do tempo e a compreensão de que a criatividade e a visibilidade do projeto são motivadas pela representatividade das pessoas idosas.

Já como registros complementares, em atenção as atividades acompanhadas pela Cacupé, tem a valoração do trabalho em equipe, com o qual se permite a divisão de tarefas, possibilita que a busca por novas estratégias interventivas e que venham a atender as demandas anunciadas pelas pessoas idosas seja reforçada, além de intensificar o compromisso assumido pelas representações políticas e sociais. Se tem o reforço do papel de mediação “como um espaço de encontro e de construção de ligações entre pessoas, grupos, comunidades, entidades, ideias, culturas, línguas, etc.” (Freire & Caetano, 2013, s. p.). A fundamentação da importância das pessoas idosas como representantes centrais das atividades desenvolvidas, é configurado pela relação entre os pensamentos, saberes compartilhados, e os sentimentos expressos, seja pelas emoções afloradas, como também pela verbalização das inquietações e dos desejos internos.

De modo geral, as pessoas entrevistadas apresentam alguns sinais de como percebem as pessoas idosas, da atenção em dispor de um conjunto de ações e atividades que venham a garantir o bem estar e a valorização da pessoa idosa. Com a intenção de obter um registro

mais pontual, se apresentou o questionamento do que seria o envelhecimento ativo para essas pessoas.

*“(...) Ahm, é muito interessante, portanto, ver que de facto (...) estão dispostas a aprender, dispostas a partilharem os seus saberes, portanto, com as outras (...) dispostas a ficar enraizadas, portanto, e agrupadas, portanto, no todo, que isso por si só permite-lhes ter ali um espaço de manobra e de conforto, portanto, para crescer enquanto pessoas, não é. Ah, porque, enfim, melhor do que tu, sabes que não existe uma data limite, portanto, para crescimento pessoal, para desenvolvimento pessoal, ahm, e eu quando falo em desenvolvimento pessoal, questão de aprendizagem, adquirir novos conhecimentos, novas técnicas de trabalho, portanto, novas rotinas, ter contacto, portanto, com outros tipos de pessoas, ahm, seres desafiada a sair da tua zona de conforto, para poderes experienciar outros tipos de situações da tua vida (...)” (o Forte, 37 anos)*

“Na mesa 1 as conversas paralelas se voltaram para a exploração das histórias de vida das participantes, questões do dia a dia, sobre idades.” (Observação 2, 14 de dezembro de 2019]

O Forte destacou os aspectos relacionados ao processo de desenvolvimento da pessoa idosa, no qual as mudanças de ordem biológica, corporais, ficam em um segundo plano, e o que prevalece, é a disponibilidade da pessoa idosa em aprender, de partilhar os conhecimentos, socializar, ser e estar presente nas relações interpessoais, e de estar aberto(a) para viver novas experiências e assim manter ativa a sua história de vida. Segundo Martins (2015):

A revalorização da história e do tempo histórico vivido, a experiência e as narrações dos adultos maiores são fundamentais para conseguir uns entrelaços geracionais, projetar uma nova visão da velhice, fortalecer a pessoa como tal e continuar a aprender a aprender. (p.681)

*“É estar, estar participando do movimento da sociedade, não estar alheio a tudo o que está acontecendo ao nosso redor e não ficar esperando o, esperando de braços cruzados em casa, (...) é viver, e participar de todos os momentos é, bons e ruins também né, que a gente passa, ativamente, estar sempre presente, (...), que os outros te percebam que você está ali, que eu esteja ali né, eu, fazer-se presente.” (a Joaquina, 58 anos)*

Com o enfoque de que a pessoa idosa deve estar atenta aos acontecimentos que norteiam as realidades do presente, e que “participem da sociedade de acordo com suas necessidades, desejos e capacidades” (WHO, 2005, p.13), e assim não ficar em um estágio estático da vida, se apresenta o registro da Joaquina. Que também faz referência ao ser ativo(a) em si, ao se movimentar na sociedade que, ao fazer relação com o grupo do qual a Joaquina faz parte, se tem a representação desse movimento associado às atividades culturais, artísticas, técnicas e de incentivo as relações interpessoais e intergeracionais.

*“(...) eu compreendo assim, é aquele idoso que ele sabe que ele é idoso, mas ele participa das coisas, ele ainda tá ativo, ele sente que tá, ahm, tá em atividade, pode fazer muitas coisas, pode dançar, pode se divertir, pode fazer muitas coisas, estudar, e ele não se sente velho, não se sente velho, ele se sente ativo. Ele se sente útil, tá, o idoso útil.”* (o Açores, 65 anos)

A percepção de que a pessoa idosa possui energia para participar de diversas atividades, é apresentado como o ponto chave da compreensão sobre o envelhecimento ativo pelo Açores. Ele destaca que a pessoa idosa pode estudar, dançar, se divertir, atividades essas que também reforçam o estar em relação com o outro, manter o convívio social. Outro aspecto citado, se dá com a distinção entre o ser uma pessoa idosa, e não se sentir velho, o que aponta para a interpretação de que a velhice está associada a “uma pessoa cansada, doente, debilitada, enfim improdutivo” (Almeida & Cunha, 2003, p.149), estagnada. E também faz referência a utilidade da pessoa idosa, o que pode remeter a uma compreensão de compartilhamento de saberes, a ser evidenciada pelas relações intergeracionais que promovem “transformações da e na sociedade” (Cabral & Macuch, 2017, p.61), por exemplo, e pela creditação das histórias de vida.

*“É, o processo de envelhecimento ativo, é o preparar-se, é você, independente de idade, de vida que você tiver, mas investir no seu lado emocional, no seu lado psíquico, é, na questão da saúde, é, com atividades físicas, é, com uma boa alimentação, é, é, estudando quando se há oportunidade. É se preparar pra velhice, né, é se preparar pra quando se tornar uma pessoa idosa, é, estar independente, com saúde, e com condições de tocar sua vida né, é, tanto emocionalmente quanto, é, de saúde, com autonomia.”* (a Cacupé, 51 anos)

Já com uma leitura de que o envelhecimento ativo faz parte de um processo, se tem o registro da Cacupé. A compor esse processo, se identifica o estabelecimento do cuidado com o bem estar psíquico, físico, nutricional, dentre outros que venham potencializar as escolhas

que possam proporcionar um viver saudável na fase idosa. Também o destaque ao se ter uma vivência autônoma, de poder ter e manter a independência, e que essa autonomia se faça presente “pelo maior período de tempo possível” (WHO, 2005, p.53), sem depender exclusivamente do aspecto financeiro, mas sim de poder fazer escolhas e ser responsável por elas. Em outro trecho, a Cacupé se refere ao estudar, quando houver oportunidade, o que pode vir a contemplar diversas formas de aprendizado, a exemplo da educação não formal onde, “o tempo da aprendizagem (...) é flexível, respeitando as diferenças e as capacidades de cada um, de cada uma” (Gadotti, 2005, p.2), e onde os aprendizados possibilitam que as interações sociais sejam destacadas, e comprometidas com o desenvolvimento intrapessoal e as relações interpessoais.

Na retomada dos principais aspectos aqui apontados pelas pessoas não idosas, sobre o envolvimento e o reconhecimento da importância de um projeto de intervenção social atento ao processo de envelhecimento ativo, tem-se a evidência do comprometimento com as atividades e as dinâmicas de educação não formal que promovem onde, para além de disporem de ambientes que destacam o protagonismo social da pessoa idosa, se estabelece a atenção ao que cada uma dessas pessoas entende por envelhecimento ativo. Esse entendimento aponta para uma visão alargada sobre as características presentes na fase idosa da vida, a exemplo das pessoas idosas estarem dispostas a receberem novos aprendizados, de se movimentarem pela dança, pela participação de passeios e eventos culturais, acompanhar as mudanças sociais, de estar presente.

No entorno desse ‘ser’ e se mostrar ativo, destaca-se o respeito as diferenças, a potencialização dos relacionamentos interpessoais, o cultivo das relações intergeracionais, como também a valorização das histórias de vida.

## Considerações finais

*“Num jardim...é neste jardim que tem as flores mais perfumadas, que exalam seu perfume de parceria de afeto, de carinho e comprometimento com o ser humano, com todas as suas diferenças...” – Léa Silva*

A presente investigação ateve-se a expressiva representatividade da população idosa na sociedade contemporânea, a qual demanda o investimento e desenvolvimento de ações que venham contribuir para a garantia do bem estar da pessoa idosa. Tendo como foco o processo de envelhecimento ativo, o qual “permite que as pessoas percebam o seu potencial para o bem-estar físico, social e mental ao longo do curso da vida, e que essas pessoas participem da sociedade de acordo com suas necessidades, desejos e capacidades” (WHO, 2005, p.13), se apresentou a questão orientadora, sendo: Como um projeto de intervenção social empodera os idosos e contribui para um envelhecimento ativo?.

Com o direcionamento dessa questão, o percurso de desenvolvimento da investigação, pautou-se em identificar e contextualizar sobre os aspectos que evidenciaram o compromisso para com a pessoa idosa. Sendo assim, houve o entendimento de que a promoção do processo de envelhecimento ativo está relacionada com a disponibilidade de um conjunto de medidas, as quais são representadas pelo estabelecimento das relações sociais, da disponibilidade de espaços e projetos atentos ao bem estar da pessoa idosa, como também da compreensão de que essas pessoas representam uma fonte viva de informações e saberes.

Contudo, é importante recordar que no desenvolvimento da presente investigação, o contato com as ações promotoras do processo de envelhecimento ativo, focaram-se nas evidências do cenário no Brasil, onde é considerado(a) idoso(a) a pessoa que tem 60 anos de idade a mais, e em Portugal, onde essa faixa etária corresponde aos 65 anos de idade a mais. Sobre o registro dos índices de representatividade da população idosa nos dois países, tem-se, 15,7% da população brasileira corresponde a pessoas idosas (IBGE, 2020), e em relação a população portuguesa, esse índice é de 22% de pessoas idosas (INE, 2020; Pordata, 2020). Tendo esses dados em consideração, reforça-se a relevância de se cultivar a atenção ao processo de envelhecimento ativo, e para com as pessoas idosas.

Assim, na retomada das medidas entendidas como essenciais para que esse processo decorra potencialmente, inicia-se o apontamento sobre as relações sociais, as quais envolvem as relações interpessoais e as relações intergeracionais, onde ocorre a interação e a reciprocidade, e “ninguém ensina ninguém, todos incorporam realidades diferentes e análises diferentes que conduzam à transformação” (Teiga, 2012, p.32). Essas relações decorrem em diferentes ambientes, e associadas as mais variadas situações, onde estão contemplados os espaços onde decorrem as atividades e/ou projetos atentos as pessoas idosas, e que são o foco dessa investigação. De acordo com os registros apresentados no desenvolvimento do trabalho, as atividades indicadas envolviam elementos de expressão artística, técnicas de bordado, atividades físicas, motoras, dança, leitura e contação de histórias, participação em eventos culturais, dentre outros.

O desenvolvimento dessas atividades pauta-se em um conjunto de estratégias e preceitos que se identificam com as práticas de educação não formal, a qual é compreendida “como um processo sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania, entendendo o político como a formação do indivíduo para interagir com o outro em sociedade” (Gohn, 2014, p.40). Essas interações sociais que decorrem entre pessoas das mais diversas gerações, o que vem a contribuir para a constituição de um respeito mútuo, e o despertar do interesse pelas vivências do outro. O contato e o compartilhamento dessas vivências, permite que as histórias de vida sejam evidenciadas, valorizadas. Segundo Delory-Momberger (2009), “A história de vida provém de um processo de transformação que o indivíduo exerce pela linguagem sobre sua vivência, através da qual tende a constituir a sua identidade e a sua relação ao mundo” (p.25). Com a incidência dessas atividades, as transformações são presentes e evidenciam a disponibilidade da pessoa idosa em se ater a novos aprendizados, além de atenderem aos princípios do envelhecimento ativo, e também representarem o empoderamento da pessoa idosa.

A retomada desses registros permite que se aponte as considerações quanto ao delineamento metodológico da investigação, a qual foi identificada pela abordagem do estudo de caso, onde “se observa o fenômeno em sua evolução e suas relações estruturais fundamentais” (Triviños, 2011, p.134), com o enquadramento qualitativo, onde “os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números” (Bogdan & Biklen, 1994, p.48). Quanto às estratégias estabelecidas para a coleta de dados, contou-se com a entrevista semiestruturada, a qual representa “uma fonte essencial de evidências para os estudos de caso” (Yin, 2001, p.114) , a observação que representa “outra fonte de evidências em um

estudo de caso” (Yin, 2001, p.115) e os registros documentais, representados pelos registros fotográficos e a disponibilidade dos recursos midiáticos.

Da efetivação do processo de coleta de dados contou-se com a participação de 12 pessoas, sendo divididas em dois grupos, o grupo das pessoas idosas e o grupo das pessoas não idosas (pessoas que coordenam ou acompanham as atividades), em que todas deveriam estar vinculadas com algum espaço, no qual, as ações de promoção do envelhecimento ativo estivessem a decorrer em alguma região do Brasil ou de Portugal. As pessoas idosas foram representadas por cinco mulheres e três homens, a compor a faixa etária dos 62 aos 80 anos. As pessoas não idosas tinham a representação de duas mulheres e dois homens, e com a variação da faixa etária dos 37 aos 65 anos. Já sobre as instituições pesquisadas, foram representadas por dois grupos, sendo: o Cenário A, composto por três instituições, as quais as pessoas idosas estavam associadas, das quais os dados foram obtidos exclusivamente por registros documentais midiáticos, e o Cenário B, também composto por três instituições, e que por estarem associadas as pessoas idosas e as pessoas não idosas, foi possível obter os registros documentais complementares aos acessados de modo midiático.

É importante registrar que o desenvolvimento da etapa de coleta de dados, especificamente a realização das entrevistas, decorreu entre os meses de janeiro e maio de 2020, os quais foram demarcados pelo início do período de alerta pandêmico do COVID-19 (WHO, 2020), onde dentre as medidas de proteção indicadas se ateve ao isolamento e ao distanciamento social, e também com o alerta sobre o grupo de risco, no qual as pessoas idosas são indicadas (Brasil, 2020a; SNS, 2020).

Os dados coletados foram analisados com base no “desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos” (Bardin, 1977, p.153). A categorização manteve-se associada aos apontamentos anunciados pelos objetivos específicos da investigação, os quais serão detalhados.

Com relação ao objetivo de identificar característica sociodemográficas das pessoas que frequentam e atuam no projeto, para além das informações apontadas anteriormente, se verificou as diferenças quanto as habilitações acadêmicas, nível de escolaridade. No grupo das pessoas idosas, todos os homens apresentaram a escolaridade entre o mestrado e o doutorado, já as mulheres apresentaram variações entre o 1º grau incompleto, 2º grau completo e especialização. Quanto ao grupo das pessoas não idosas, essa variação mostrou-se menos distante, com todas as mulheres tendo o ensino superior completo, e um homem com o ensino superior completo e um homem com o 2º grau completo. Dentre as variáveis

que podem vir a influenciar nessa incidência acadêmica, destaca-se o entrecruzamento entre o período histórico e as perspectivas da relação de gênero onde, infere-se que, 10 anos de diferença entre as gerações aqui apontadas, se apresenta uma representatividade maior do número de mulheres presentes em instituições universitárias. Essa diferença vem a refletir na compreensão de que “a conquista feminina de um lugar cada vez mais visível na esfera pública alterou sensivelmente as relações de gênero e a vida familiar” (Aboim, 2010, p.39). Esse e outros aspectos vem evidenciar a chamada de atenção sobre a diversidade de possibilidades da mulher e do homem desempenharem os papéis sociais, em todas as fases da vida, e “da importância da categoria gênero na constituição de subjetividades” (Nuernberg, 2005, p.48).

Ao ter como referência o objetivo de compreender o contributo das relações interpessoais e intergeracionais presentes no projeto para o desenvolvimento social da pessoa idosa, se apresentou o conjunto de respostas pautados na participação das pessoas idosas.

Os discursos registrados permitiram que fosse estabelecida a compreensão sobre a importância dos relacionamentos interpessoais, onde as pessoas “interagem, vivenciam, trocam, divergem (...), crescem, refletem, encontram sua irreverência e sua autovalorização” (Oliveira, 2005, p.4), presentes nas instituições onde as atividades, ações, com foco na promoção do envelhecimento ativo decorreram, para o desenvolvimento social da pessoa idosa. Desenvolvimento esse que está relacionado com o controle das emoções, administração dos sentimentos, com a construção de “um modelo de si mesmo e utilizar esse modelo a favor de si” (Veiga & Miranda, 2006, p.67), como na percepção de que o modo de lidar e se comunicar com o outro modificou onde, a comunicação se tornou mais expressiva, sem o receio de encarar os desafios postos (*e.g.* se apresentar em público, como registrado no relato da Lagoa, 74 anos); também está relacionado com o envolvimento efetivo no grupo, em participar das atividades propostas, cumprir com os prazos dispostos, o que acaba por resultar na motivação para sair de casa (como registrado no relato da Sambaqui, 64 anos), explorar o ambiente, estar em contato e se fazer presente na comunidade, o que é reforçado pelos indicativos da Organização Mundial da Saúde (World Health Organization [WHO], 2005).

Outro ponto que reforça essa importância, é o experienciar as possibilidades de movimento do corpo, a motricidade ativa, a qual é acompanhada por colegas, pelos(as) profissionais presentes, e até mesmo por familiares, onde assim se amplia “a aceitação da



própria velhice, favorecendo o bem estar e promovendo satisfação e autoestima dos idosos” (Massi et al., 2018, p.10).

É possível também identificar o compartilhamento de saberes, os aprendizados adquiridos, a ciência dos direitos específicos (como registrado no relato do Brava, 68 anos), atentos a fase idosa da vida, a compreensão de que alguns limites existem, mas de que não determinam as barreiras a serem ultrapassadas, e de que cada pessoa idosa é autora da sua história de vida, dentre outros aspectos que venham evidenciar os comportamentos cognitivos, nos quais “o direito de fazer escolhas e assumir o controle de uma série de questões, incluindo onde vivem, os relacionamentos que têm, o que vestem, como passam seu tempo e se submetem-se a tratamento ou não” (OMS, 2015, p.21), se mantenha presente.

Se tem o contato com as manifestações culturais, sociais, que foram citadas pela realização de viagens (como registrado no relato da Lagoa, 74 anos e do Brava, 68 anos), participação de eventos diversos, pelo grupo de dança (como registrado no relato do Moçambique, 76 anos), pela criatividade expressa nos trabalhos desenvolvidos, ou mesmo na possibilidade de conversar sobre os mais variados assuntos, ações essas que ressaltam o contato com o outro, o estabelecimento das relações interpessoais, que são relevantes para o “desenvolvimento dos indivíduos e (...) desenvolvimento emocional” (Marques, 2019, p.29).

Já o relacionamento intergeracional onde a “interdependência e solidariedade entre gerações (uma via de mão-dupla, com indivíduos jovens e velhos, onde se dá e se recebe)” (WHO, 2005, p.13), contribui para o desenvolvimento social da pessoa idosa em diversas vertentes, sendo uma delas relacionada ao compartilhamento de saberes, sejam esses associados ao contexto cultural, econômico, social geral, ou a uma perspectiva mais pontual, ao ter-se em consideração os aprendizados e o contato com as novas tecnologias, com a aplicação de um *design* diferenciado em uma peça bordada (como registrado no relato da Sambaqui, 64 anos), dentre outros que permitam “projetar uma nova visão da velhice, fortalecer a pessoa como tal e continuar a aprender a aprender” (Martins, 2015, p.681).

Uma outra vertente se atenta ao reconhecimento do protagonismo social das pessoas idosas pela sociedade, e onde também se registra o empoderamento dessas pessoas, que é caracterizado por um conjunto de significados, a serem apontados na Figura 7.



*Figura 7. Identificação do empoderamento e protagonismo social pelas pessoas idosas, adaptado de Wordclouds.com, 2020.*

Esse reconhecimento permite que as histórias de vida sejam valorizadas, pois elas “permitem às pessoas relacionar acontecimentos que elas experienciam, utilizando a sua forma habitual de ver as coisas e os seus constructos pessoais” (Lima, 2013, p.27). Que haja um diálogo acolhedor entre as diferentes gerações, em que a vivência da pessoa idosa não é entendida como algo retrógrado, e de que assim deve ser colocado em descrédito. Pelo contrário, as experiências vivenciadas e verbalizadas pelas pessoas idosas, exercem um papel essencial na compreensão das pessoas não idosas sobre os eventos da contemporaneidade, como também na indicação das escolhas a serem seguidas, e que mudanças podem vir a resultar no bem estar geral. “A aprendizagem da vida consiste em aprimorar as experiências” (Delory-Momberger, 2018, s. p.).

Esse diálogo vem a contribuir para que as relações intergeracionais se fortifiquem, e os ‘olhares’ de repressão ou julgamento minimizem, e o respeito pelas e entre as pessoas das diferentes idades, se propague.

Com base no objetivo impulsionador do desenvolvimento dessa etapa de análise, em que se pretendia avaliar as estratégias de educação não formal eficazes que promovem práticas de envelhecimento ativo e minimizam os riscos de exclusão social das pessoas idosas, que se configura a análise dessa categoria, direcionada pelos registros apresentados pelas pessoas entrevistadas.

Dentre os apontamentos resgatados, identifica-se a predominância da preocupação com o bem estar, com os aprendizados e a promoção do protagonismo social das pessoas idosas (como registrado no relato do Forte, 37 anos) associadas as instituições, das quais as

quatro pessoas entrevistadas representam, fazem parte. O bem estar é evidenciado pela promoção de atividades, ações que contemplam momentos de lazer, de cultura (como registrado no relato da Joaquina, 58 anos e do Açores, 65 anos), de contato com informações que ressaltam a importância do autocuidado, de reconhecer as limitações corporais, mas também de enaltecer as capacidades cognitivas, motoras presentes, ativas. Ações que incentivam e permitem “que as pessoas desenvolvam autonomia, habilidades cognitivas, como resolver problemas, comportamento voltado para o social (...) ajudá-los a melhorar seu bem estar” (WHO, 2005, p.49).

Sobre o protagonismo social, o qual as pessoas “interagem, vivenciam, trocam, divergem (...), crescem, refletem, encontram sua irreverência e sua autovalorização” (Oliveira, 2005, p.4), segue a representação das palavras apontadas pelas pessoas não idosas, na Figura 8.



Figura 8. Identificação do empoderamento e protagonismo social pelas pessoas não idosas, adaptado de Wordclouds.com, 2020.

Nesse entorno se faz presente o contato com o outro, as relações interpessoais, as quais possibilitam que novos aprendizados sejam acolhidos, que “atividades que envolvam o exercício físico ou intelectual, o relacionamento com os outros e o sentido da utilidade e reconhecimento sociais são consideradas benéficas” (Cabral et al., 2013, p.20), e as experiências vivenciadas sejam compartilhadas e respeitadas. Os aprendizados, que compõem o entendimento sobre a importância das estratégias motivadas pela educação não formal, onde “os espaços educativos localizam-se em territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos” (Gohn, 2006, p.29), mostraram-se relacionados com o entrelaçamento do uso de uma técnica tradicional de bordado, incrementada pela

proposta de aplicação de um *design* contemporâneo (como registrado no relato do Forte, 37 anos). Passado e presente conversam, em prol da conquista de um futuro harmônico.

Além disso, essa troca de experiências, de saberes, vem evidenciar as relações intergeracionais, nas quais as “atividades intergeracionais são consideradas mais desejáveis que atividades voltadas apenas para idosos. Essas oportunidades são propiciadas compartilhando-se espaços e instalações” (Nogueira & Azeredo, 2017, p.48), onde os julgamentos e a diversidade das características geracionais, são agregados e promovem encontros inspiradores, como foi apresentado pela investigadora no registro das Observações 1 e 2, e uma potencialização do modo de lidar com as diferenças, e da conquista de um diálogo respeitoso, agregador e impulsionador para que as ações pautadas nesse encontro intergeracional se multiplique. Na perspectiva da educação não formal, as relações intergeracionais são essenciais para o desenvolvimento de um ambiente atento a prática da cidadania, de constituição e cultivo das relações sociais (Gohn, 2014).

Como possibilidade de reforçar os aprendizados apreendidos, se tem o investimento nas ações de promoção do protagonismo social da pessoa idosa, de reforço do seu empoderamento, que pode ocorrer a partir dos eventos socioculturais, das manifestações políticas (como registrado no relato da Cacupé, 51 anos), como também da exposição e aquisição dos produtos ‘assinados’ pelas pessoas idosas. Essa visibilidade vem contribuir para reforçar as relações interpessoais, tornar perceptível a presença econômica dessas pessoas na sociedade, que de acordo com Martins (2015), a contribuição dos “programas intergeracionais implica o reforço de ferramentas necessárias para que a pessoa adulta maior se sinta membro ativo da sociedade (cidadania participativa), protagonista dos saberes compartilhados e produtor de uma economia emergente familiar e comunitária” (p.681), como também de referenciar as histórias de vida presentes.

Na revisão geral da investigação presente, se demarcam algumas fragilidades, a iniciar pelo número de pessoas entrevistadas, como também a variação quanto a vinculação direta aos espaços pesquisados. Haveria uma representação mais pontual no entrelaçamento dos registros compartilhados pelas pessoas entrevistadas, idosas e não idosas, caso estivesse constituída uma relação direta entre o número de pessoas entrevistadas e a equivalência total quanto a vinculação as instituições pesquisadas. Desse modo o estudo poderia ser enriquecido com a possibilidade de se analisar as semelhanças e as divergências de percepção sobre a mesma instituição, ou mesmo em relação as atividades ofertadas, tendo como foco a promoção do envelhecimento ativo.

Outra fragilidade está relacionada ao número de observações realizadas, pois caso a frequência fosse maior, seria possível resgatar mais elementos que viessem firmar a promoção do relacionamento intergeracional no projeto pesquisado, como também acompanhar com mais profundidade o protagonismo social das pessoas idosas envolvidas, e além de atentar para o resgate de discursos que colocassem em evidência as histórias de vida compartilhadas.

Quanto a proposta de novos estudos, inicia-se pela possibilidade de ampliar o grupo de pessoas a serem entrevistadas, a considerar a participação das pessoas que participam como clientes dos *workshops* ou que prestigiam a exposição dos trabalhos manuais produzidos pelas pessoas idosas, como também das apresentações culturais. Tendo como foco os trabalhos desenvolvidos pelas pessoas idosas, e depois expostos nas instituições as quais estão vinculadas, seria interessante perceber como são caracterizadas as etapas de planejamento, organização dos produtos e a avaliação dos processos, na perspectiva de quem coordena e de quem é coordenado(a).

A considerar a esperança de que, no futuro próximo, o período de alerta da pandemia COVID-19 já tenha sido ultrapassado, seria pertinente verificar as adaptações que foram entendidas como necessárias e quais foram empregadas pelas instituições, para que as atividades não perdessem a sua essência. Já com foco nas relações familiares, verificar quais as mudanças decorrentes – o antes e o depois – no processo de desenvolvimento das pessoas idosas que participam de um ou mais grupos, sobre o olhar dos familiares próximos.

As relações amorosas e a sexualidade na fase idosa da vida, também seria uma proposta de aprofundamento investigativo com relação ao envelhecimento ativo. Outro aspecto que mereceria uma maior atenção, seria sobre as questões de gênero. Em uma perspectiva de desenvolvimento de uma pesquisa ação, participativa, seria a possibilidade de colocar em prática uma ou mais das atividades indicadas pelas pessoas idosas, com foco no relacionamento intergeracional.

## Referências bibliográficas

- Aboim, S. (2010). Género, família e mudança em Portugal. In K. Wall, S. Aboim, & V. Cunha (Orgs), *A Vida familiar no masculino: Negociando velhas e novas masculinidades* (pp. 39-66). (Coleção Estudos). Lisboa: CITE. Disponível em [https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/11148/1/ICS\\_SAboim\\_Genero\\_CLN.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/11148/1/ICS_SAboim_Genero_CLN.pdf)
- Aguiar, W. M. J., Liebesny, B., Marchesan, E. C., & Sanchez, S. G. (2009). Reflexões sobre sentido e significado. In A. M. B. Bock, & M. G. M. Gonçalves (Orgs), *A Dimensão subjetiva da realidade: Uma leitura sócio-histórica* (pp. 54-72). São Paulo: Cortez.
- Aita, E. B., & Tuleski, S. C. (2017). O desenvolvimento da consciência e das funções psicológicas superiores sob a luz da psicologia histórico-cultural. *Perspectivas em Diálogo: Revista em Educação e Sociedade*, 4(7), 97-111. Disponível em <https://periodicos.ufms.br/index.php/persdia/article/view/3195>
- Alexandre, A. F. (2009). A distinção metodológica entre qualidade e quantidade na prática da pesquisa. In A. F. Alexandre, *Metodologia científica e educação* (pp. 91-101). Florianópolis: Ed. da UFSC.
- Almeida, A. M. O., & Cunha, G. G. (2003). Representações sociais do desenvolvimento humano. *Psicologia: Reflexão e crítica*, 16(1), 147-155. Disponível em <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722003000100015>
- Alves, R. (2015). *Rubem Alves essencial: 300 pílulas de sabedoria*. São Paulo: Planeta.
- Alves, E. J., & Silva, B. D. da. (2019). APRENDER “COM” A TECNOLOGIA: O uso do Facebook no processo de aprendizagem e interação de curso online. *Revista Observatório*, 5(4), 658-669. Disponível em <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v5n4p658>
- Amado, J., & Freire, I. (2013). Estudo de caso na investigação em educação. In J. Amado (Coord.), *Manual de investigação qualitativa em educação* (pp. 121-143). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- APA. American Psychiatric Association. (2014). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5* (5ª ed.). Porto Alegre: Artmed. Disponível em [http://dislex.co.pt/images/pdfs/DSM\\_V.pdf](http://dislex.co.pt/images/pdfs/DSM_V.pdf)
- Assembleia da República. (2002). Parlamento. *Projeto de Lei 526/VIII. Cria as Comissões de Protecção e Promoção dos Direitos dos Idosos*. Disponível em <https://www.parlamento.pt/ActividadeParlamentar/Paginas/DetalheIniciativa.aspx?BID=18899>
- Bachert, C. M. D. A., & Mundim, M. C. B. (2013). Resenha. Criatividade e aprendizagem: Caminhos e descobertas em perspectiva internacional. *Educação Unisinos*, 17(2), 173-175. doi: 10.4013/edu.2013.172.10
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Bell, J. (1997). Estudos baseados na observação. In J. Bell, *Como realizar um projecto de investigação. Um guia para a pesquisa em ciências sociais e da educação* (pp.140-154). Lisboa: Gradiva.

Bogdan, R., & Biklen, S. K. (1994). *Investigação qualitativa em Educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora. Disponível em [https://www.academia.edu/6674293/Bogdan\\_Biklen\\_investigacao\\_qualitativa\\_em\\_educacao](https://www.academia.edu/6674293/Bogdan_Biklen_investigacao_qualitativa_em_educacao)

Brasil. Presidência da República. Casa Civil. (2003). *Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003*. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.741.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.741.htm)

Brasil. Presidência da República. Secretaria-Geral. Subchefia para Assuntos Jurídicos. (2018). *Decreto nº 9.328, de 3 de abril de 2018*. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2018/decreto/D9328.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/decreto/D9328.htm)

Brasil, A. (2019a). *Música e periferia: O sonho e o real em um mundo negro chamado Bahia*. Curitiba: Appris.

Brasil. Presidência da República. Secretaria-Geral. Subchefia para Assuntos Jurídicos. (2019b). *Decreto nº 9.921, de 18 de julho de 2019*. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2019-2022/2019/Decreto/D9921.htm#art48](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2019/Decreto/D9921.htm#art48)

Brasil. Governo Federal. Ministério da Saúde. (2020a.). *Coronavírus COVID-19*. O que você precisa saber. Disponível em <https://coronavirus.saude.gov.br/>

Brasil. Governo Federal. Ministério da Cidadania. (2020b). *Brasil Amigo da Pessoa Idosa. Estratégia*. Disponível em <https://www.gov.br/cidadania/pt-br/acoes-e-programas/brasil-amigo-da-pessoa-idosa/estrategia>

Cabral, M. V. (Coord.) (2013). Introdução. In M. V. Cabral (Coord.), *Processos de envelhecimento em Portugal. Usos do tempo, redes sociais e condições de vida* (pp. 11-24). Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos. Disponível em <https://www.ffms.pt/FileDownload/b45aa8e7-d89b-4625-ba91-6a6f73f4ecb3/processos-de-envelhecimento-em-portugal>

Cabral, M., & Macuch, R. (2017). Solidariedade intergeracional: Perspectivas e representações. *Cinergis*, 18(1), 59-68. doi: <https://doi.org/10.17058/cinergis.v18i1.8393>

Canário, R. (2006). Aprender sem ser ensinado. A importância estratégica da educação não formal. In L. C. Lima, J. A. Pacheco, M. Esteves, & R. Canário, *A Educação em Portugal (1996 – 2006). Alguns contributos de investigação* (pp. 207-267). Lisboa: Conselho Nacional de Educação. Disponível em [http://www.adcl.org.pt/observatorio/pdf/AeducacaoemPortugal\\_1986\\_2006.pdf](http://www.adcl.org.pt/observatorio/pdf/AeducacaoemPortugal_1986_2006.pdf)

Carvalho, C. (dez 2019). Envelhecimento ativo - um compromisso entre gerações. In Município Proença a Nova. *Solidariedade entre gerações é fundamental para o envelhecimento ativo*. Disponível em

<https://www.cm-proencanova.pt/Municipio/Destaque/solidariedade-entre-geracoes-e-fundamental-para-o-envelhecimento-ativo/4808>

Cassio, K. (2008). *Idoso*. Flickr. Disponível em <https://www.flickr.com/photos/karinacassio/2602331510/in/photolist>

Cavaco, C. J. D. (2008). *Adultos pouco escolarizados. Diversidade e interdependência de lógicas de formação* (Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa). Disponível em [https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/972/1/17505\\_ulsd\\_re286\\_TD\\_Carmen\\_Cavaco3.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/972/1/17505_ulsd_re286_TD_Carmen_Cavaco3.pdf)

Cavaco, C. (2009). Experiência e formação experiencial: A especificidade dos adquiridos experienciais. *Educação Unisinos*, 13(3), 220-227. doi: 10.4013/edu.2009.133.04

Couceiro, M. de L. P. (2002). O Porquê e para quê do uso das histórias de vida. In M. Malpique, *Histórias de vida* (pp. 155-160). Porto: Campo das Letras.

Daniel, F., Caetano, E., Monteiro, R., & Amaral, I. (2016). Representações sociais do envelhecimento ativo num olhar genderizado. *Análise Psicológica*, 34(4), 353-364. Disponível em <https://dx.doi.org/10.14417/ap.1020>

Delory-Momberger, C. (2009). A história de vida: Um cruzamento intercultural. In E. Lechner (Org), *Histórias de Vida: Olhares interdisciplinares* (pp. 17-29). Porto: Edições Afrontamento.

Delory-Momberger, C. (2018, Outubro). *Histórias de Vida e Formação*. Comunicação apresentada no Ciclo de conferências: Educação e Formação de Jovens e Adultos. Universidade de Lisboa, Lisboa.

DGS. Direção-Geral da Saúde. Serviço Nacional de Saúde. (2020a). *COVID-19*. Ponto de Situação Atual em Portugal. Disponível em <https://covid19.min-saude.pt/ponto-de-situacao-atual-em-portugal/>

DGS. Direção-Geral da Saúde. Serviço Nacional de Saúde. (2020b). *Saúde no Ciclo de Vida. Envelhecimento activo*. Disponível em <https://www.dgs.pt/saude-no-ciclo-de-vida/envelhecimento-activo/informacoes-uteis.aspx>

Elhammoumi, M. (2010). Is back to Vygotsky enough? The legacy of socio-historicocultural psychology. *Psicologia em Estudo*, 15(4), 661-673. Disponível em [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722010000400002](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722010000400002)

Facci, M. G. D. (2004). A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigotski. *Cadernos CEDES*, 24(62), 64-81. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0101-32622004000100005>

Fermenta. (2019). *A Avó Veio Trabalhar*. Disponível em <http://www.fermenta.org/>

Fernandes, M. G. (2009). Papéis sociais de gênero na velhice: O olhar de si e do outro. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 62, 705-710. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672009000500009>



Ferreira, M. C., Coelho, M. G., & Silva, B. (2009). As Tecnologias da Informação e da Comunicação e as possibilidades para a pesquisa em Educação. In H. Ferreira, S. Bergano, & G. Santos (Orgs), *Actas do X Congresso da SPCE – Investigar, Avaliar, Descentralizar*. (s. p.). Bragança: Instituto Politécnico de Bragança. Disponível em <http://hdl.handle.net/1822/18161>

Finger, M., & Asún, J. M. (2003). A educação de adultos marxista. In M. Finger, & J. M. Asún, *A Educação de adultos numa encruzilhada - aprender a nossa saída*. (pp. 71-86). Porto: Porto Editora.

Folha de São Paulo. (2020). *Saúde*. Coronavírus. Brasil registra 855 mortes e já soma mais de 125 mil óbitos. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/09/brasil-registra-855-mortes-e-chega-a-mais-de-125-mil-obitos.shtml>

Fragoso, A., & Martins, V. (2011). Older adults in the cross-border areas of southern Portugal and Spain: Shared narratives, learning and the construction of identity. *International Journal of Education and Ageing*, 1(3), 253-266. Disponível em <http://www.associationforeducationandageing.org/international-journal-of-education-and-ageing.html>

Franca, S. M. S. S. (2016). *Histórias de vida de mulheres com diagnóstico clínico de dores crônicas* (Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo). Disponível em [https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-09112016-155425/publico/franca\\_do.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-09112016-155425/publico/franca_do.pdf)

Freire, P. (2011a). *Pedagogia do oprimido* (50ª ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Freire, P. (2011b). *Educação como prática da liberdade* (14ª ed. rev. atual.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Freire, I., & Caetano, A. P. (2013). Mediação e educação comunitária. Projeto <<Fronteiras Urbanas: a dinâmica dos encontros culturais na educação comunitária>>. Fórum Fronteiras Urbanas | Encontro APOCOSIS, Lisboa. [Material exposto na aula da Unidade Curricular: Educação Intercultural e Mediação, Instituto de Educação, Universidade de Lisboa. semestre 2018/2019.]

Gadotti, M. (2005, Outubro). A Questão da educação formal/não-formal. INSTITUT INTERNATIONAL DES DROITS DE L'ENFANT (IDE). *Droit à l'éducation: Solution à tous les problèmes ou problème sans solution?*. Sion (Suisse). Disponível em <https://emancipaeda.hypotheses.org/4191>

Gadotti, M. (2012). Educação Popular, Educação Social, Educação Comunitária: Conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum. *Revista Diálogos: Pesquisa em Extensão Universitária*. IV Congresso Internacional de Pedagogia Social: domínio epistemológico. Brasília, 18 (1), (10-32). Disponível em <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RDL/article/view/3909/2386>

Gil, A. C. (2009). *Como elaborar projetos de pesquisa* (4ª ed. 12ª reimpr.). São Paulo: Atlas.

Gil, T. (2013). *Envelhecimento activo em centro de dia* (Dissertação de Mestrado não publicada, Instituto Politécnico de Beja). Disponível em <http://hdl.handle.net/20.500.12207/618>

Gohn, M. G. (2006). Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, 14(50), 27-38. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n50/30405.pdf>

Gohn, M. G. (2014). Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos. *Investigar em Educação: Revista da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação*, (1), 35-50. Disponível em <http://pages.ie.uminho.pt/inved/index.php/ie/article/view/4>

Gonsalves, E. P. (2007). Escolhendo o percurso metodológico. In E. P. Gonsalves, *Conversas sobre iniciação à pesquisa científica* (4ª ed.) (pp. 63–73). Campinas, SP: Editora Alínea.

IBGE. Portal do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2020). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD Contínua*. População residente, por sexo e grupos de idade. Disponível em <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6407#resultado>

INE. Portal do Instituto Nacional de Estatística. (2020). *População residente*. Disponível em [https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=ine\\_main&xpid=INE&xlang=pt](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=ine_main&xpid=INE&xlang=pt)

Kahhale, E. M. S., & Rosa, E. Z. (2009). A construção de um saber crítico em psicologia. In A. M. B. Bock, & M. G. M. Gonçalves (Orgs), *A Dimensão subjetiva da realidade: Uma leitura sócio-histórica* (p. 19-53). São Paulo: Cortez.

Kenski, V. M. (2012). Interação e comunicação no ensino mediado pelas tecnologias. In V. M. Kenski, *Tecnologias e ensino presencial e a distância* (9ª ed.) (pp.119-129). (Série Prática Pedagógica). Campinas, SP: Papirus.

Kern Hareven, T. (2015). Novas imagens do envelhecimento e a construção social do curso da vida. *Cadernos Pagu*, (13), 11-35. Disponível em <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634964>

Lima, M. P. (2010). *Envelhecimento(s)*. Estudo da Arte. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. Disponível em [digitalis.uc.pt/bookreader/eReader/index.php?id=56855#page/4/mode/2up](https://digitalis.uc.pt/bookreader/eReader/index.php?id=56855#page/4/mode/2up)

Lima, M. P. (2013). *Posso participar?* Actividades de desenvolvimento pessoal para pessoas idosas. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Machado, S. C. G. (2012). *Avaliação da sobrecarga do cuidador informal no desempenho de suas funções à pessoa idosa dependente, no Concelho de Santana* (Dissertação de Mestrado, Universidade da Madeira). Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.13/587>

Mangueira, R. T. da S., & Santiago, Z. M. de A. (2019). *Matemática, idoso e cotidiano: Memórias, saberes e práticas*. Curitiba: Appris.

Marconi, M. A., & Lakatos, E. M. (2003). *Fundamentos da metodologia científica*. (5ª ed.). São Paulo: Atlas.

Marques, M. I. D. M. R. (2019). *Desenvolvimento de Competências Socioemocionais: Percepções e Estratégias de Professores do 1º ano do Ensino Fundamental* (Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa). Disponível em [https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/41718/1/ulfpie053526\\_tm.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/41718/1/ulfpie053526_tm.pdf)

Martins, E. C. (2015). Educar adultos maiores na área da educação social: A intergeracionalidade numa sociedade para todas as idades. *Revista Inter Ação*, 40(3), 665-686. Disponível em <http://dx.doi.org/10.5216/ia.v40i3.35750>

Massi, G., Wosiacki, F. T., Guarinello, A. C., Lacerda, A. B. M., Carvalho, T. P., Wanderbrooke, A. C., ... Lima, R. R. (2018). Envelhecimento ativo: Um relato de pesquisa-intervenção. *Revista CEFAC*, 20(1), 5-12. Disponível em [http://www.scielo.br/pdf/rcefac/v20n1/pt\\_1982-0216-rcefac-20-01-00005.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rcefac/v20n1/pt_1982-0216-rcefac-20-01-00005.pdf)

Miguel, M. M. (2018). *Avaliação de um projeto de intervenção comunitária com base no quadro orientador do envelhecimento ativo* (Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa). Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.5/16482>

Ministério Público Portugal. Procuradoria-Geral da República. Gabinete de Documentação e Direito Comparado. (1991). *Princípios das Nações Unidas para as pessoas idosas*. Disponível em <http://gddc.ministeriopublico.pt/sites/default/files/princ-pessoasidosas.pdf>.

Nogueira, A., & Azeredo, Z. (2017). What is lacking for the elderly in today's society? *Journal of Aging & Innovation*, 6(1), 41-50. Disponível em [https://issuu.com/aagi-id/docs/5\\_o\\_que\\_falta\\_aos\\_idosos\\_d531e1ffc3e281](https://issuu.com/aagi-id/docs/5_o_que_falta_aos_idosos_d531e1ffc3e281)

Novo Horizonte (2020). *30 anos de história*. Disponível em <https://novohorizontesc.com.br/>

Nuernberg, A. H. (2005). *Gênero no contexto da produção científica brasileira em psicologia* (Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina). Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/86384>

Oliveira, A. L. de. (2005). A Trajetória do empoderamento de mulheres na economia solidária. *Revista Gênero*, 5(2), 1-14. Disponível em <http://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31145/18235>

OMS. Organização Mundial da Saúde. (2015). *Resumo – Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde*. Suíça: Organização Mundial da Saúde. Disponível em [http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/186468/WHO\\_FWC\\_ALC\\_15.01\\_por.pdf;jsessionid=24C7DCA25D3F3B0373EF870D5E69E54D?sequence=6](http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/186468/WHO_FWC_ALC_15.01_por.pdf;jsessionid=24C7DCA25D3F3B0373EF870D5E69E54D?sequence=6)

ONU. Nações Unidas Brasil. (2020a). *A ONU e as pessoas idosas*. Disponível em <https://nacoesunidas.org/acao/pessoas-idosas/>.

ONU. Nações Unidas Brasil. (2020b). *ONU lança documento com recomendações para proteger idosos durante pandemia*. Disponível em <https://nacoesunidas.org/onu-lanca-documento-com-recomendacoes-para-protoger-idosos-durante-pandemia/>

ONU. Nações Unidas Brasil. (2020c). *ONU: Serviços de saúde mental devem ser parte essencial de respostas ao coronavírus*. Disponível em <https://nacoesunidas.org/onu-servicos-de-saude-mental-devem-ser-parte-essencial-de-respostas-ao-coronavirus/>

Palmeirão, C., & Menezes, I. (2009). A Interação geracional como estratégia educativa: Um Contributo para o desenvolvimento de atitudes, saberes e competências entre gerações. In Associação Portuguesa para o Desenvolvimento da Animação Sociocultural (APDASC), *A Animação sociocultural na terceira idade. A Terceira idade e intervenção social, cultural e educativa* (pp. 22-35). Mafra: APDASC. Disponível em [https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/3961/1/FEP\\_Palmeirão\\_Cristina-dig3.pdf](https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/3961/1/FEP_Palmeirão_Cristina-dig3.pdf)

Patrício, M. R. (2018). Educação intergeracional no contexto sociocultural - contributos para um bom envelhecer. In A. M. Magalhães, J. D. L. Pereira, & M. S. Lopes (Coord.), *A Animação sociocultural e a educação intergeracional no contexto do envelhecimento no meio rural e urbano: Atividades, técnicas, métodos e estratégias para uma vida ativa*. (pp. 141-147). Chaves: INTERVENÇÃO - Associação para a Promoção e Divulgação Cultural. Disponível em <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/18107/3/Raquel%20Patricio.pdf>

Pereira, M. A. (2006). *O lugar do tempo: Experiência e tradição em Walter Benjamin* (Dissertação do Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Disponível em <http://hdl.handle.net/10183/7725>

Perissé, C., & Marli, M. (2019). Caminhos para uma melhor idade. *Retratos a Revista do IBGE*, 16, 19-25. Disponível em [https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com\\_mediaibge/arquivos/d4581e6bc87ad8768073f974c0a1102b.pdf](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/d4581e6bc87ad8768073f974c0a1102b.pdf)

Pinto, M. G. L. C. (2008). A literacia e o envelhecimento cognitivo. In M. G. L. C. Pinto, *Da aprendizagem ao longo da vida ou do exemplo de uma relação ternária: Agora, antes, depois*. (pp. 79-113). Porto: Cadernos de Apoio Pedagógico da FLUP. Disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/30615/3/daaprendizagemobraCompleta000096702.pdf>

Pochtar, N., & Pszemirower, S. (2020). Declaração de Quebec sobre Solidariedade Intergeracional. *Asamblea Permanente por los Derechos Humanos*. Argentina. Disponível em <https://www.apdh-argentina.org.ar/areas/adultos-mayores/Declaracion-de-Quebec-sobre-la-solidaridad-intergeneracional>

Pordata. Base de Dados Portugal Contemporâneo. (2019). *Famílias clássicas unipessoais segundo os Censos: Total e com 65 e mais anos*. Disponível em <https://www.pordata.pt/Portugal/Famílias+clássicas+unipessoais+segundo+os+Censos+total+e+com+65+e+mais+anos-788-6287>

Pordata. Base de Dados Portugal Contemporâneo. (2020). *População*. População Residente. População residente com 65 e mais anos, média anual: total e por grupo etário. Disponível em

<https://www.pordata.pt/Portugal/População+residente+com+65+e+mais+anos++média+anual+total+e+por+grupo+etário-3508>

Previato, G., Nogueira, I., Luís Mincoff, R., Jaques, A., Carreira, L., & Baldissera, V. (2019). Conviviality groups for elderly people in primary health care: Contributions to active aging / Grupo de convivência para idosos na atenção primária à saúde: Contribuições para o envelhecimento ativo. *Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental online*, 11(1), 173-180. doi: <http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.rpcfo.v11.6869>

Rego, T. C. (1999). *Vygotsky: Uma perspectiva histórico-cultural da educação*. (7ª ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.

Roso, A., & Romanini, M. (2014). Empoderamento individual, empoderamento comunitário e conscientização: um ensaio teórico. *Psicologia e Saber Social*. 3(1), 83-95. doi: <https://doi.org/10.12957/psi.saber.soc.2014.12203>

Roupeta, A. C. S. (2017). *Desafios intergeracionais: O trabalho de um técnico de educação e formação* (Relatório de Mestrado, Universidade de Lisboa). Disponível em [https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/33651/1/ulfpie052948\\_tm.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/33651/1/ulfpie052948_tm.pdf)

Santos, V. M. M. (2011). *Pontes que se estabelecem em educação sexual: Um diálogo sobre a formação continuada e os saberes das práticas pedagógicas de professores no Brasil e em Portugal* (Tese de Doutorado, Universidade do Vale do Rio Dos Sinos). Disponível em <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/3281>

Saquette, M., Schettino, L., Pinheiro, P., Sena, E. L. S., Yarid, S. D., & Gomes Filho, D. L. (2013). Aspectos bioéticos da autonomia do idoso. *Revista Bioética*, 21(3), 518-524. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/bioet/v21n3/a16v21n3.pdf>

Schneider, R. H., & Irigaray, T. Q. (2008). O envelhecimento na atualidade: Aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. *Estudos de Psicologia*, 25(4), 585-593. Disponível em <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2008000400013>

SHE. Schools for Health in europe. (2009). *Better Schools Through Health: The Third European Conference on Health Promoting Schools*. Vilnius Resolution. 15-17 JUNE 2009, Vilnius, Lithuania. Disponível em <https://www.schoolsforhealth.org/sites/default/files/editor/conference%20statements/Vilnius%20resolutins/english-vilnius-resolution.pdf>

Silva, B. D., & Alves, E. J. (2018). O Aplicativo whatsapp em contextos educativos de letramento digital: Possibilidades e desafios. *Revista Observatório*, 4(5), 45-68. Disponível em <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n5p45>

Silva, M. A. B. O. (2018). *Histórias de vida alicerçadas em formas de expressão criativa* (Dissertação de Mestrado, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro). Disponível em <https://repositorio.utad.pt/bitstream/10348/8789/1/TeseVfinal.pdf>

SNS. Serviço Nacional de Saúde. (2020). *Temas*. Doenças infecciosas. Covid-19. Grupos de Risco. Disponível em <https://www.sns24.gov.pt/tema/doencas-infecciosas/covid-19/grupos-de-risco/>

Teiga, S. A. M. (2012). *As relações intergeracionais e as sociedades envelhecidas: Envelhecer numa sociedade não Stop – O Território Multigeracional de Lisboa Oriental* (Dissertação de Mestrado, Escola Superior de Educação de Lisboa). Disponível em <https://repositorio.ipl.pt/handle/10400.21/2270>

Triviños, A. N. S. (2011). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: A pesquisa qualitativa em educação* (20ª reimpr.). São Paulo: Atlas.

Tuckman, B. W. (2000). O Papel da Investigação. In B. W. Tuckman, *Manual de Investigação em Educação. Como Conceber e Realizar o Processo de Investigação em Educação* (pp.5-31). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

UN. United Nations. (2020). *Policy Brief: The Impact of COVID-19 on older persons*. Disponível em <https://unsdg.un.org/sites/default/files/2020-05/Policy-Brief-The-Impact-of-COVID-19-on-Older-Persons.pdf>

UNFPA. Funda de População das Nações Unidas. (2012). *Envelhecimento no Século XXI: Celebração e Desafio*. Resumo Executivo. Nova York: Fundo de População das Nações Unidas e Londres: HelpAge International. Disponível em [https://www.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/Portuguese-Exec-Summary\\_0.pdf](https://www.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/Portuguese-Exec-Summary_0.pdf)

Veiga, E. C., & Miranda, V. R. (2006). A importância das inteligências intrapessoal e interpessoal no papel dos profissionais da área da saúde. *Ciências & Cognição*, 9, 64-72. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1806-58212006000300007&Ing=pt&lng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212006000300007&Ing=pt&lng=pt).

Vieira, A. M. S. N., & Vieira, R. (2019). Da intervenção social assistencialista e impositiva à intervenção social mediadora. In J. Longás, & J. Vilar (Coord.), *La Pedagogía Social en un Entorno Vica: ¿Viejos Problemas. Nuevas Perspectivas?* Comunicaciones y Conclusiones. Congreso Internacional SIPS 2019/ XXXII Seminario Interuniversitario de Pedagogía Social (pp. 367-369). Barcelona: Ediciones Blanquerna. Disponível em <https://iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/4888/1/%282%29actas-Congreso-SIPS-2019.pdf>

Villas-Boas, S., Oliveira, A., Ramos, N., & Montero, I. (2017). Educação Intergeracional como promotora do envelhecimento ativo: Estudo de uma comunidade local. *ReiDoCrea: Revista electrónica de investigación Docencia Creativa*, 6, 105-119. Disponível em <http://hdl.handle.net/10481/45113>

WHO. World Health Organization. (2005). *Envelhecimento ativo: Uma política de saúde*. tradução Suzana Gontijo. Brasília: Organização Pan - Americana da Saúde. Disponível em [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento\\_ativo.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf)

WHO. World Health Organization. (2015). Infographic on ageing and health. *World report on ageing and health 2015*. Disponível em <https://www.who.int/ageing/events/world-report-2015-launch/healthy-ageing-infographic.jpg>

WHO. World Health Organization. (2020). *Emergencies*. Diseases. Coronavirus disease (COVID-19) pandemic. Questions and answers. Disponível em <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/question-and-answers-hub>

Yin, R. K. (2001). *Estudo de caso: Planejamento e métodos* (2ª ed.). Porto Alegre: Bookman.

## **APÊNDICES**



## APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

### Portugal

#### CONSENTIMENTO INFORMADO - "De ponto em ponto: Histórias de envelhecimento ativo que encantam"

Com o objetivo de identificar e caracterizar as dinâmicas de educação não formal no projeto de intervenção social [ ] se apresentam como instrumentos investigativos o questionário e a entrevista.

Essa pesquisa se dá no âmbito do mestrado em Educação e Formação com Especialização em Desenvolvimento Social e Cultural, do Instituto de Educação, na Universidade de Lisboa.

As informações a serem resgatadas no presente questionário e entrevista serão tratadas exclusivamente com foco na base exploratória da pesquisa, e em respeito a confidencialidade, sendo assim reforçado pela lei nº. 67/98, de 26 de Outubro.

Também se solicita a autorização para que a entrevista seja gravada, como também os resgates fotográficos, com o intuito de potencializar o registro e tratamento das informações compartilhadas.

Fica o agradecimento pela disponibilidade e contribuição com essa etapa de aprendizados.

Lívia da Cruz - estudante do mestrado em Educação e Formação - IE/ULisboa  
Carolina Carvalho - Professora Doutora do mestrado em Educação e Formação - IE/ULisboa

Lisboa, março de 2020.

*\*Obrigatório*

Confirmo a contribuição como entrevistado(a) da presente pesquisa. \*

☐ SIM

☐ NÃO

Nome completo. \*

A sua resposta

Idade. \*

A sua resposta

Estado civil. \*

- ☐ Solteiro(a).
- ☐ Casado(a).
- ☐ Divorciado(a) / Separado(a).
- ☐ Viúvo(a).
- ☐ Outra: \_\_\_\_\_

Naturalidade. \*

A sua resposta

Habilitações académicas (escolaridade). \*

- ☐ 1º Ciclo incompleto.
- ☐ 1º Ciclo completo.
- ☐ 2º Ciclo incompleto.
- ☐ 2º Ciclo completo.
- ☐ 3º Ciclo incompleto.
- ☐ 3º Ciclo completo.
- ☐ Graduação.
- ☐ Especialização.
- ☐ Mestrado.
- ☐ Doutoramento.
- ☐ Pós doutoramento.
- ☐ Outra: \_\_\_\_\_

Experiência(s) profissional(profissionais). \*

A sua resposta

Submeter

## Brasil

### CONSENTIMENTO INFORMADO - "De ponto em ponto: Histórias de envelhecimento ativo que encantam"

Com o objetivo de identificar e caracterizar o protagonismo social relacionado com as vivências do envelhecimento ativo, se apresentam como instrumentos investigativos o questionário e a entrevista.

Essa pesquisa se dá no âmbito do mestrado em Educação e Formação com Especialização em Desenvolvimento Social e Cultural, do Instituto de Educação, na Universidade de Lisboa.

As informações a serem resgatadas no presente questionário e entrevista serão tratadas exclusivamente com foco na base exploratória da pesquisa, e em respeito a confidencialidade, sendo assim reforçado pela lei nº. 67/98, de 26 de Outubro.

Também se solicita a autorização para que a entrevista seja gravada, como também os resgates fotográficos, com o intuito de potencializar o registro e tratamento das informações compartilhadas.

Fica o agradecimento pela disponibilidade e contribuição com essa etapa de aprendizados.

Lívia da Cruz - estudante do mestrado em Educação e Formação - IE/ULisboa  
Carolina Carvalho - Professora Doutora do mestrado em Educação e Formação - IE/ULisboa

Lisboa, março de 2020.

\*Obrigatório

Confirmando a contribuição como entrevistado(a) da presente pesquisa. \*

☐ SIM

☐ NÃO

Nome completo. \*

A sua resposta

Idade. \*

A sua resposta

Estado civil. \*

☐ Solteiro(a).

☐ Casado(a).

☐ Divorciado(a) / Separado(a).

☐ Viúvo(a).

☐ Outra: \_\_\_\_\_

Naturalidade. \*

A sua resposta

Habilitações acadêmicas (escolaridade). \*

☐ Primeiro grau incompleto.

☐ Primeiro grau completo.

☐ Segundo grau incompleto.

☐ Segundo grau completo.

☐ Terceiro grau incompleto.

☐ Terceiro grau completo.

☐ Especialização.

☐ Mestrado.

☐ Doutorado.

☐ Pós doutorado.

☐ Outra: \_\_\_\_\_

Experiência(s) profissional(profissionais). \*

A sua resposta \_\_\_\_\_

**Submeter**

## APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA – PESSOAS IDOSAS

### Roteiro de entrevista às pessoas idosas de Portugal

#### **ENTREVISTA**

- I) O que entende como principais características dessa fase da vida? E como percebe os “olhares” (colegas da (...), familiares, amigos(as), vizinhos(as), etc.) da sociedade para si?
- II) Ao participar das atividades na (...), o que identifica como elementos motivadores?
- III) Quais as principais alegrias e quais as principais dificuldades encontradas ao escolher continuar a participar das atividades na (...)?
- IV) Você acredita que exista alguma relação do seu desenvolvimento pessoal com as atividades presentes na (...)? Como você percebe e/ou identifica essa relação?
- V) O que é o envelhecimento ativo para você?

### Roteiro de entrevista às pessoas idosas do Brasil

#### **ENTREVISTA**

- I) O que entende como principais características dessa fase da vida? E como percebe os “olhares” (colegas que participam das atividades, familiares, amigos(as), vizinhos(as), etc.) da sociedade para si?
- II) Ao participar dessas atividades, o que identifica como elementos motivadores?
- III) Quais as principais alegrias e quais as principais dificuldades encontradas ao escolher continuar a participar dessas atividades?

IV) Você acredita que exista alguma relação do seu desenvolvimento pessoal com as atividades de que participa? Como você percebe e/ou identifica essa relação?

V) Caso você tivesse a oportunidade de coordenar um espaço que viesse a ofertar atividades para as mais diversas idades, que atividades iria propor para que jovens e idosos atuassem em conjunto?

VI) Qual o seu “olhar” para as pessoas idosas que optam por não participarem de atividades e/ou grupos como você?

VII) O que é o envelhecimento ativo para você?

VIII) Como o protagonismo social é identificado por você?

## APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA – PESSOAS NÃO IDOSAS

### Roteiro de entrevista às pessoas não idosas de Portugal

#### **ENTREVISTA**

I) O que representa (...) na sua vida?

II) Como iniciou a sua relação com o projeto em questão?

III) Qual o seu papel no projeto?

IV) A sua dedicação ao projeto é integral ou parcial?

V) Como se dá o processo de planejamento das ações no projeto (semanal, mensal, semestral, etc.)? Em quais etapas as (...) são consultadas ou também assumem responsabilidades?

VI) O que identifica como os principais desafios e principais prazeres no conjunto das ações que participa em prol do projeto? Justifique.

VII) Quais as perspectivas de desenvolvimento do projeto para os próximos três anos?

### Roteiro de entrevista às pessoas não idosas do Brasil

#### **ENTREVISTA**

I) Como iniciou a sua relação com as atividades promotoras do envelhecimento ativo?

II) Que atividades desenvolve e/ou coordena? Como os(as) idosos(as) são convidados(as) a participar? Quais os quesitos/critérios básicos?

III) A sua dedicação e participação nas atividades promotoras do envelhecimento ativo é integral ou parcial?



IV) Como se dá o processo de planejamento das diferentes atividades/dinâmicas relacionadas a pessoa idosa (semanal, mensal, semestral, etc.)? Em quais etapas você assume a representatividade de tomada de decisão? E em quais etapas os(as) idosos(as) participantes são consultados(as) e/ou também assumem responsabilidades?

V) O que identifica como os principais desafios e principais prazeres no conjunto das ações que participa? Justifique.

VI) Como você entende a representatividade do seu papel para que as atividades continuem em desenvolvimento?

VII) O que é o envelhecimento ativo para você?

VIII) Como o protagonismo social é identificado por você?

## APÊNDICE D - GUIÃO DA MENSAGEM CONVITE ENCAMINHADA ÀS PESSOAS ENTREVISTADAS EM PORTUGAL E NO BRASIL

### Mensagem encaminhada às pessoas entrevistadas em Portugal

Olá senhora (...). Como está?

Sou Lívia da Cruz, estudante do mestrado e recebi o seu contato com o apoio do (...).

Como o meu trabalho é com foco no grupo de senhoras que participam do projeto (...), gostava de fazer umas perguntas para a senhora.

Posso contar com a sua participação?  
Agradeço. Abraço.



(a Jurerê, 62 anos)

### Mensagem encaminhada às pessoas entrevistadas no Brasil

Olá (...). Como está? Recebi o teu contato por intermédio do (...).

Sou Lívia, e estou fazendo uma pesquisa para o mestrado com foco nos grupos que trabalham com idosos.


Ele comentou que coordenas algumas atividades relacionadas a esses grupos.

Aceitarias participar da pesquisa?

Agradeço. Abraço.



(a Cacupé, 51 anos)

<p>Olá,</p> <p>Como está?</p> <p>No seguimento das atividades no mestrado, por aqui, em Portugal, seria de grande valia poder contar com a tua participação.</p> <p>O convite é para que possas contribuir com a entrevista.</p> <p>Posso contar com você?</p> <p>Agradeço. Abraço.</p> <p>Lívia da Cruz. Março/2020</p>	 <p>(a Lagoa, 74 anos)</p>
--	--

APÊNDICE E - GUIÃO DA MENSAGEM DE CONTATO INICIAL ENCAMINHADA  
ÀS PESSOAS ENTREVISTADAS EM PORTUGAL E NO BRASIL

Olá,

Como eu havia dito, eu sou estudante do mestrado em Educação, e a minha pesquisa é sobre as atividades que você realiza, e demais colegas do seu grupo.

Para participar da pesquisa, está previsto o cumprimento de dois momentos. O primeiro é o preenchimento de um formulário que firma o compromisso ético, com você, da minha parte, de usar esses dados exclusivamente para a pesquisa, e que também confirme que você se dispõe a participar da pesquisa.

Depois, no segundo momento, eu encaminharia as perguntas, e faria usando o aplicativo *WhatsApp*, com o recurso áudio mesmo, faria a pergunta, você responderia, e assim seguiria.

Podemos combinar assim?

Agradeço. Abraço.

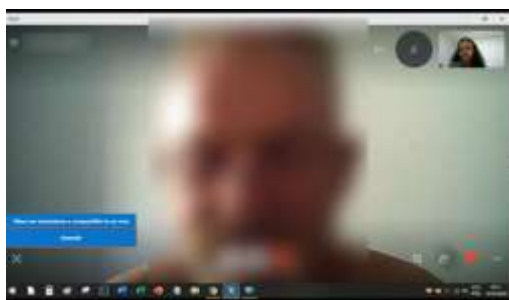
## APÊNDICE F – REGISTRO DE IMAGENS DAS ENTREVISTAS REALIZADAS POR MEIO DE APLICATIVOS



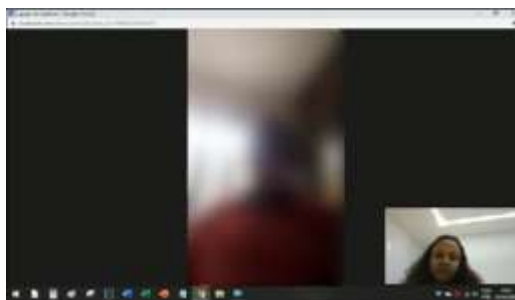
(a Sambaqui, 64 anos)



(o Açores, 65 anos)



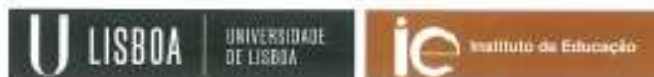
(o Canasvieiras, 68 anos)



(o Brava, 68 anos)

## **ANEXOS**

ANEXO A – PARECER DA COMISSÃO DE ÉTICA DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO  
DA UNIVERSIDADE DE LISBOA



INSTITUTO DE EDUCAÇÃO  
DA UNIVERSIDADE DE LISBOA  
COMISSÃO DE ÉTICA

PARECER

Parecer da Comissão de Ética sobre o pedido de apreciação da proposta de pesquisa para fins de Mestrado, intitulada "De ponto em ponto: histórias de envelhecimento ativo que encantam", apresentada por Livia Da Cruz.

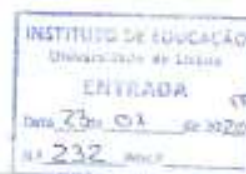
*Analisada exclusivamente sob o ponto de vista ético a proposta apresentada, levantaram-se algumas questões cujo esclarecimento se solicitou.*

As respostas ao novo formulário apresentado integra os esclarecimentos solicitados, os quais consideramos suficientes. Concluímos, portanto, que os princípios básicos da ética da pesquisa estão a ser considerados na planificação e na futura execução do plano.

Lisboa, 21 de janeiro de 2020

A Comissão de Ética

Maria Teresa Estrela



Avançada da Universidade  
1649-023 Lisboa Portugal

T: +351 21 794 36 38  
F: +351 21 793 84 88

geral@ie.ulisboa.pt  
www.ie.ulisboa.pt

## ANEXO B - REGISTRO FOTOGRÁFICO DAS OBSERVAÇÕES NA INSTITUIÇÃO 4

### Observação 1: 09 de dezembro de 2019



### Observação 2: 14 de dezembro de 2019

